

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação de Mestrado

Cartografias do limiar:

processos de formação de um arquiteto e urbanista errante

Gustavo de Oliveira Nunes

Pelotas, outono de 2018



Gustavo de Oliveira Nunes

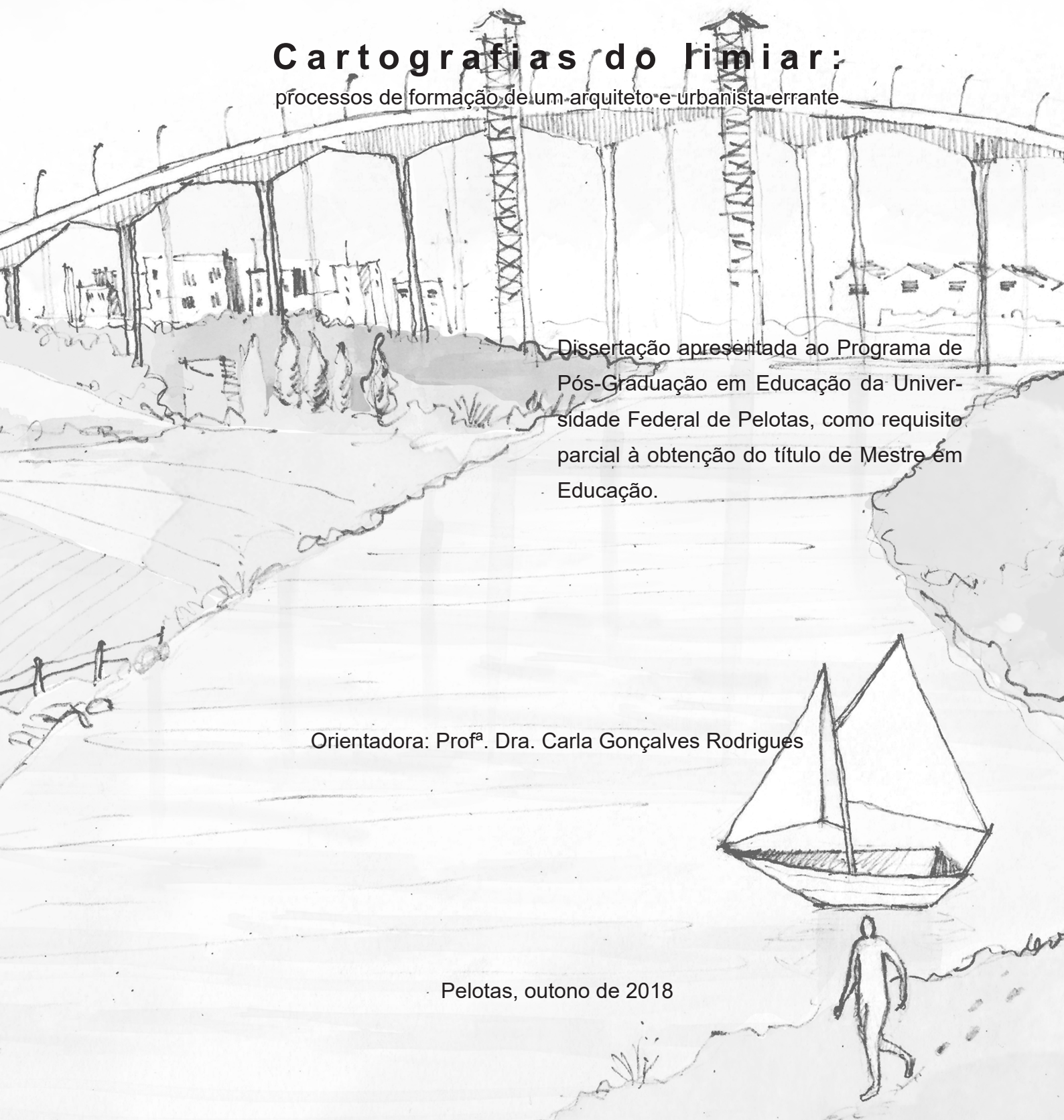
Cartografias do limiar:

processos de formação de um arquiteto e urbanista errante

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Carla Gonçalves Rodrigues

Pelotas, outono de 2018



Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

N972c Nunes, Gustavo de Oliveira

Cartografias do limiar : processos de formação de um arquiteto e urbanista errante / Gustavo de Oliveira Nunes ; Carla Gonçalves Rodrigues, orientadora. — Pelotas, 2018.
102 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Educação. 2. Arquitetura e urbanismo. 3. Filosofias da diferença. 4. Cartografia. 5. Caminhar. I. Rodrigues, Carla Gonçalves, orient. II. Título.

CDD : 720

Banca examinadora:

Profa. Dra. Carla Gonçalves Rodrigues – PPGE / UFPel – Orientadora

Prof. Dr. Eduardo Rocha – PROGRAU / UFPel

Profa. Dra. Helene Gomes Sacco Carbone – Artes Visuais / UFPel

Profa. Dra. Maria Manuela Alves Garcia – PPGE / UFPel

Agradecimentos

Uma vida se faz em bando. Não é sozinho que sonhamos, pensamos, escrevemos e criamos, mesmo que a maior parte desses momentos exijam uma profunda solidão. Porém, há sempre um ou vários outros que por mensagens, conversas, orientações e afetos se fazem presentes. A eles, dedico meus agradecimentos.

À Carla Rodrigues, que me ensinou quase tudo que eu sei em termos de pesquisa, escrita, estudo, dedicação e cuidado. Muito obrigado pelos encontros potentes que me tiraram do lugar. Pelas forças aí movimentadas que fizeram meu pensamento errar, compondo este mapa que se fez texto.

Aos colegas do grupo de pesquisa: Ana, Cintia, Josi, Lisandra, Marcelo e Thiago, pelas horas de estudo compartilhadas nos nossos encontros repletos de conversas, acolhimentos e aprendizados. A todo carinho aí investido. Com vocês aprendi o sentido da palavra Multiplicidade.

Aos amigos e amigas que são como solo fértil para a vida: Débora (a Deka), Luana, Jaci, Giuliana, Matheus, Lucas, Monique, Ricardo, Carolina e Amanda (que já foi tantas outras), entre outros e outras que não citarei. Pela possibilidade de ser quem se é, e sobretudo pelo dom de acolher as mudanças que se fazem nessa trajetória vivida.

Aos meus pais, por terem possibilitado que eu esteja hoje onde desejo estar.

Aos meus irmãos, em especial à minha irmã Caroline, com quem tenho criado um espaço onde os afetos podem ser plenamente vividos, com amor, carinho e cuidado.

À Rosiene Machado, pelo acompanhamento nesse percurso sem fim que é estar à escuta daquilo que não pode ser dito, e sensível ao que não pode ser visto.

Aos professores queridos que tanto me ensinaram: Edu Rocha por me fazer ver; Emanuela di Felice pelo convite à caminhada; Cynthia Farina por me levar a dançar e pensar. Também, a todos os outros mestres que compuseram meu pensamento, orientando sempre que possível por caminhos à esquerda, nos quais a sensibilidade está presente. Práticas vitalistas nesse mundo cada vez mais estranho.

Aos membros da banca: Edu Rocha, Helene Sacco e Maria Manuela, pelas contribuições desde a qualificação e por estarem comigo nesta etapa final.

À CAPES, Universidade Federal de Pelotas e Programa de Pós-Graduação em Educação, pelo investimento e apoio à pesquisa.

À arquitetura, urbanismo, educação, arte e filosofia, que me ajudam a compreender a complexidade de viver junto em meio à cidade.

À Natureza: pela intensidade que faz meu corpo vibrar e o pensamento transbordar.



Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar...

Antônio Machado, 2012.

Resumo

Trata da formação em Arquitetura e Urbanismo através do caminhar. Acompanha a figura conceitual do arquiteto em suas errâncias realizadas em grupo no seminário Explorações urbanas: errar no limiar, em que foi escrito um diário de bordo no decorrer dos percursos. A partir da justificativa de que há uma sensibilidade moldada aos valores do mercado, objetiva-se a invenção de outros modos de ver e dizer acerca da cidade. A cartografia como método permite acompanhar tal processo ao mapear as linhas molares de uma formação atravessada pelas linhas de fuga da experimentação intensiva do meio urbano. Na sobreposição de mapas do trajeto realizado, pensa-se os deslocamentos que mais se repetiram na experimentação. Assim, o texto desdobra-se em três movimentos analíticos que dão a ver as linhas molares, moleculares e de fuga da experiência que ocorreram com a BR, o ônibus e os acontecimentos travados nos bairros periféricos. Com base nisso, afirma-se a dificuldade da errância, pois o pensamento tende a conservar suas linhas molares. Todavia, errar coloca a formação em relação com forças que fogem do seu campo de saber, permitindo à mesma se desterritorializar para pensar diferente. Caminhando-se em bairros periféricos, constata-se a necessidade de uma sensibilidade apta a acolher a diferença da cidade, na compreensão da importância dos territórios existenciais que se fundam em meio à ela. Também, que os modos como o arquiteto e urbanista olha o mundo são produzidos por instâncias midiáticas que ultrapassam a experiência imanente do meio urbano, gerando um regime de verdade que comporta medos e preconceitos. Por fim, afirma-se que o caminhar suscita uma experiência estética que desmistifica tais discursos, possibilitando ao arquiteto e urbanista se subjetivar de outra maneira, criando por via de uma formação errante outras formas de ver e dizer acerca da cidade.

Palavras-chave:

Educação. Arquitetura e Urbanismo. Filosofias da Diferença. Cartografia. Caminhar.

Abstract

It deals with formation in Architecture and Urbanism through walking. It accompanies the conceptual figure of the architect in his errands carried out in a group in the Urban Explor-actions Seminar: to err on the threshold, in which a logbook was written during the course. From the justification that there is a sensitivity molded to the values of the market, the objective is the invention of other ways of seeing and saying about the city. The cartography as a method allows to follow this process when mapping the molar lines of a formation crossed by the lines of flight of the intensive experimentation of the urban environment. When overlapping maps of the route, we think of the displacements that have been repeated in the experimentation. Thus, the text unfolds in three analytical movements that give to see the molar, molecular and of flight lines of the experience that occurred with the BR road, the bus and the events that took place in the peripheral districts. Based on these movements, the difficulty of wandering is stated, for thought tends to conserve its molar lines. However, erring places formation in relation to forces that flee the field of knowledge, allowing it to deterritorialize to think differently. When walking in outlying districts, we notice the need for a sensitivity able to welcome the difference of the city, in the understanding of the importance of the existential territories that are founded in the midst of it. Also, the ways in which the architect and urbanist look at the world are produced by mediatic instances that surpass the immanent experience of the urban environment, generating a regime of truth that contains fears and prejudices. Finally, it is affirmed that the walk allows an aesthetic experience that demystifies such discourses, allowing the architect and urbanist to subjectivate himself in another way, creating through an errant formation other ways of seeing and saying about the city.

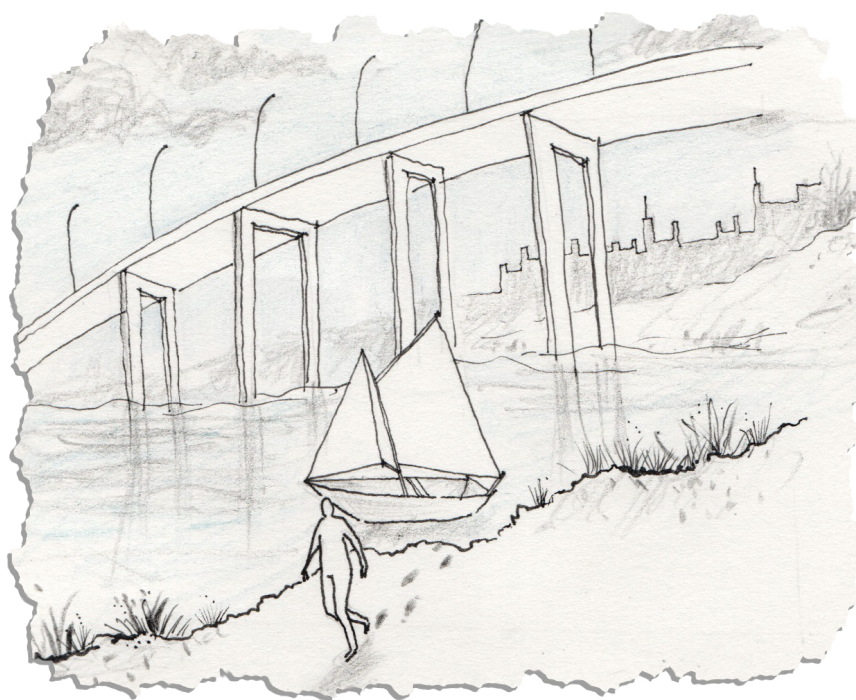
Key words:

Education. Architecture and urbanism. Philosophies of Difference. Cartography. Walk.

Sumário

Resumo	7
Das pontes à água, da água à terra: caminhos de uma errância ...	10
Cartografia: um fazer-se mapa	18
Rastro Um: as Explor-ações urbanas	29
Rastro Dois: o diário	36
Rastro Três: os mapas e as sobreposições	39
Rastro Quatro: ciência, arte e filosofia	42
Movimento analítico: maneiras de ver e dizer	49
A rodovia BR: o insistente retorno às molaridades	50
O ônibus: entre o molar e a fuga	58
Os bairros periféricos: onde foge?	65
Cena Um: o prefeito de três lotes só	67
O que aconteceu?	69
Habitar é construir um território	71
Cena Dois: no bairro Dunas	77
O que aconteceu?	78
Saber, poder e subjetividade no bairro Dunas	79
Considerações finais	84
Referências	91
Anexos	100

Das pontes à água, da água à terra: caminhos de uma errância



“Por detrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, encontra-se um poderoso regente, um sábio desconhecido – seu nome é si próprio. Ele vive em teu corpo, teu corpo é ele. Há mais razão em teu corpo do que em tua melhor sabedoria” (NIETZSCHE, 2014, p. 43).

Um arquiteto caminhava por um bairro periférico, desses invisíveis por qual nunca antes havia passado. O sentimento era de apreensão, pois a pouco deparara-se com um menino de uns 12 ou 14 anos armado, com uma pistola, em frente à sua casa, feita de fragmentos de diversos materiais. Havia ali um cheiro da fragilidade das coisas e da vida.

Por causa da imagem presenciada, seu pensamento disparou perante a atitude a tomar: ficar em silêncio e não alertar os outros que caminhavam juntos e que não haviam percebido o ocorrido, ou avisá-los, sob o perigo de uma reação que pudesse aumentar a situação de risco. Escolheu pelo silêncio e, com o indizível preso na garganta, seguiu a caminhada. Ao perguntarem o caminho para uma moradora, encontraram um percurso para sair dali.

Ela apontou uma trilha, que percorreram e chegaram às pontes que ligam Pelotas à Rio Grande. A mais antiga estava em desuso. Sua estrutura falhou. Um erro nas juntas de dilatação que fazem o movimento de aproximação e afastamento, conforme a expansão do concreto armado nos dias quentes e a contração nos frios. Sentaram-se em seu leito carroçável e observaram a cidade ao longe.

Constataram que, quando a estrutura da velha ponte parou de funcionar, uma outra foi construída para dar conta dos fluxos que pedem passagem. Nesse caso, eram pessoas em seus veículos, não dissociadas daquilo que as move: seu próprio desejo.

E o desejo, por sua vez, quer fazer encontros e criar agenciamentos (DELEUZE; PARNET, 2001), para que a vida se mantenha em movimento. Pode-se dizer que a necessidade do movimento foi a responsável pela construção da primeira e da segunda ponte, em que a razão veio em segundo lugar, apenas para cumprir um objetivo específico: fazer as pontes pararem em pé, a fim de conectar e estabelecer comunicação entre as duas cidades.

Da mesma maneira, funciona essa escrita, sustentada por partículas movimentadas durante o caminhar. Assim, na perspectiva adotada para esta pesquisa, construir pontes é agenciar, ligar, deixar passar os povos, tendo como disparador as forças ou afetos desencadeados nos encontros (ROLNIK, 2014), possibilitando que a vida pulse em sua potência de criação e pensamento.

Objetiva-se, com isso, produzir agenciamentos que deem voz e expressão aos encontros com forças intensivas experimentados durante o caminhar errante pela cidade. Para isso, a tentativa de criação de sentido aos acontecimentos se faz através

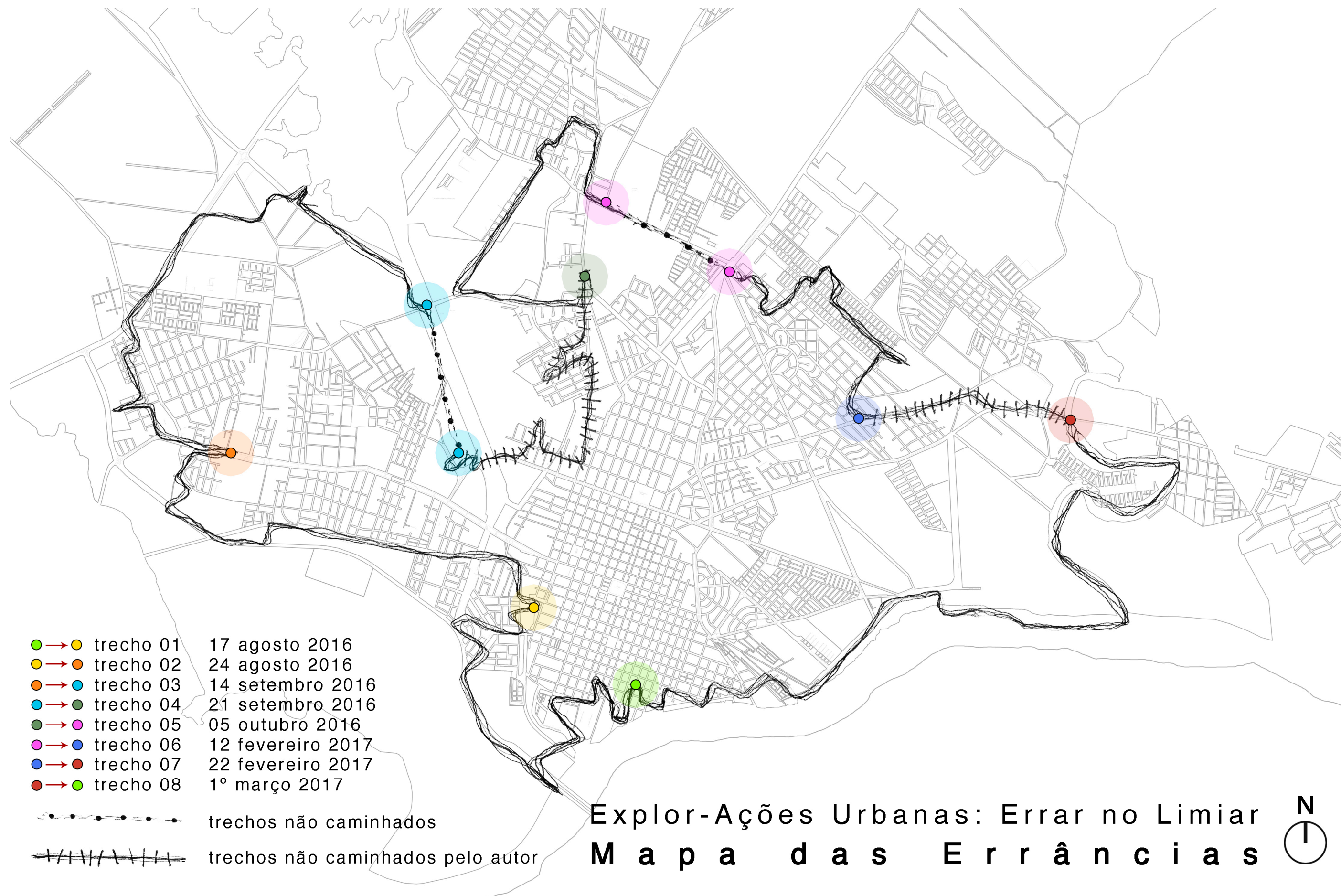
da mistura das três caóides¹ : arte, ciência e filosofia (DELEUZE, GUATTARI, 2010).

Ao ser afetado pelo signo das pontes, subir ao alto e caminhar sobre uma delas, o pensamento inicia um traçado, como se uma outra conexão fosse erigida do lugar onde estava, colocando-o em relação com os diversos caminhos que o fizeram estar ali. Ao perceber-los, perguntava-se o porquê de ter escolhido justo aquele.

Inicialmente, ele sabia em que lugar estava: parado sobre a ponte Alberto Pasqualini, conhecida como ponte velha, que atravessa o Canal São Gonçalo. Nesse dia, caminhava acompanhado de 18 colegas, matriculados no seminário Explorações Urbanas: Errar no Limiar, ofertado no segundo semestre de 2016 no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela professora Emanuele Di Felice.

Realizavam o primeiro dos oito trechos que circunscreveram a cidade de Pelotas a partir de sua borda. Tais percursos aconteceram às quartas-feiras, a partir das 14 horas, e não possuíam um caminho pré-determinado. A escolha do itinerário era feita em grupo, em que o grau de cansaço e o limite do tempo demarcavam o fim do trajeto. Ao final de cada caminhada era marcado um ponto no mapa, que era também o início do próximo encontro e a consequente retomada da errância (CARERI, 2013; 2017; JACQUES, 2014), conforme imagem do trajeto a seguir.

1 Caóide = caos + óide (forma). Trata-se da forma dada pela arte, ciência e filosofia ao caos. Deleuze e Guattari (2010) afirmam que a arte atualiza o virtual criando novas formas de sentir (affectos) e outras paisagens (perceptos); a ciência elabora functivos, na tentativa de aproximação do modo como funciona a natureza; a filosofia, por sua vez, traça um plano no caos a partir de conceitos, que são experiências do pensamento em relação com a Terra.



A experimentação, então, passou a fazer parte de uma dissertação a ser apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação. Nela objetiva-se dar a ver a força da errância pelas bordas da cidade no processo de formação de um arquiteto e urbanista, criando outros regimes de visibilidade e dizibilidade acerca da temática (DELEUZE, 2005).

Esse modo de caminhar é apresentado por Careri como uma prática estética que acontece ao se “perder tempo vagando sem objetivo” (2013, p. 162). Ainda, carrega “consigo o tema do encontro com o Outro” (CARERI, 2017, p. 33) que torna possível certa abertura no pensamento àquilo que, mesmo que habitando o meio urbano, não é familiar. Tal necessidade se dá na medida em que se conhece certa tradição desse profissional em planejar a cidade por meio de um mapa que tende a representar a realidade (JACQUES, 2007; 2014), distanciando-o de uma conduta imanente para experimentar o mundo.

Para apreender aquilo que se passou o arquiteto levou consigo, em todas as caminhadas, um diário de campo. Nele, narrou o movimento do pensamento no encontro com zonas urbanas limítrofes. Era aí que o seu pensar produzia uma inflexão, como uma linha que se solta de um bordado e por um acaso, como que conduzida por um vento ou força do gênero, dobra-se (DELEUZE, 2012a). Cria assim uma pequena prega, ínfima, singela, quase imperceptível, mas que o conduzia a problematizar um percurso retilíneo — de uma formação padrão, ofertada por uma instituição de ensino pública, estatal, em conformidade com as demandas sociais, do mercado de trabalho, da racionalidade técnica — indo conhecer a cidade ao caminhar.

Do alto da ponte, percebia o contorno da cidade ao longe. Entre o azul do céu e a superfície da Terra, uma massa cinzenta feita de prédios de diferentes alturas acidentava o relevo plano. A partir do ponto de vista que olhava, era aparente apenas a arquitetura construída e consolidada por diversas camadas de concreto. Por causa da distância, o ínfimo não era enxergado, e os corpos que dão vida ao meio urbano ficavam na invisibilidade.

Via-se apenas aquilo que parece ser estático num determinado espaço e tempo, mesmo que se saiba que inclusive o concreto possui partículas em complexo movimento, como aquele de contração ou expansão das pontes conforme a temperatura ambiente. Entretanto, tais deslocamentos, que acontecem à nível molecular, passavam despercebidos. De forma semelhante, se comporta uma formação em Arquitetura e Urbanismo (JACQUES, 2007). Resolvera, então, descer da ponte. Ao chegar lá embaixo, encontrara apenas água. Nesse lugar, deparara-se com o desconhecido.

Não havendo trilhas e pontos que demarcassem o trajeto, perdera-se. Fora preciso, então, no meio em que estava, criar uma conduta para se deslocar; estabelecer um ritmo; fazer nascer um olhar; desenvolver um ouvido; sentir na pele a direção do vento; construir uma embarcação para chegar, talvez, num próximo porto e retomar o caminhar.

Enquanto navegava, intuía que pela primeira vez em algum momento pensara, e a força do pensamento o levava até ali. Tudo se dera como se por um ato de violência algo o deslocara, o tirara do lugar, como quando o menino sacara a arma e fizera com que o percurso da caminhada mudasse o seu rumo. Na mesma perspectiva, Deleuze (2003) afirma que o pensar é engendrado no pensamento quando um signo o força e o violenta, sendo o signo o objeto de um encontro, como aqueles que ocorrem na cidade e são matérias a serem pensadas.

Foi assim que, após descer das pontes e se deixar afetar pelas forças da cidade, encontros fizeram romper uma corrente que prendia sua embarcação, e ele soltara sua âncora. Sua âncora que era sua terceira perna, e tal perna possuía raízes profundas, que saíam de seus dedos, e o conectavam aos seus saberes da arquitetura, do urbanismo, do projeto, da estética e da história. Ao abandonar a âncora, fora estudar filosofia, experimentar a arte, pensar a formação. Sentia-se como a primeira das pontes, ao perceber que seus saberes adquiridos anteriormente não estabeleciam conexão entre a cidade e a vida que nela pulsa.

A partir desse momento soube: “Essa terceira perna eu perdi. E voltei a ser uma pessoa que nunca fui. Voltei a ter o que nunca tive: apenas as duas pernas. Sei que somente com duas pernas é que posso caminhar” (LISPECTOR, 2009, p. 10). Sua terceira perna poderia ter se desprendido em qualquer lugar dos mapas que vinha traçando, dia após dia, ano após ano.

A questão é que não tinha um local preciso, podendo a perna ter se evaporado aos poucos e virado nuvem. Ou tivesse voado como partículas de areia no deserto, que viajam de duna em duna, nunca se fixando à uma em específico. Sua busca não era arqueológica, porém desconfiava de alguns acontecimentos que ocorreram ainda na graduação em Arquitetura e Urbanismo que o fizeram ser quem era, tais como a pesquisa acerca do para-formal¹ na cidade, que o levou a estar onde estava: experi-

1 Pesquisa desenvolvida no Laboratório de Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, sob coordenação do prof. Dr. Eduardo Rocha, no segundo semestre de 2014. Na época, olhava-se para as ações que aconteciam na cidade e que rompiam o desenho urbano, criado pelos planejadores arquitetos e urbanistas, usualmente a serviço do Estado ou do capital. Assim, passava-se a dar atenção aos usos que iam além dos especificados pelo projeto arquitetônico ou urbano para o lugar, muitas vezes desobedecendo à lei e atrapalhando a ordem social.

mentando a cidade no nível debaixo, próximo a água, afrontando aí o desconhecido e buscando matérias de expressão para dizer disso.

Nesses espaços que percorrera, a partir dos encontros que fizera, ele fora incluindo um outro ponto de vista (DELEUZE, 2012a), que é a condição para que determinado indivíduo apreenda uma variação em si, saindo de uma habitual clausura (idem). A perda da terceira perna e o consequente navegar não tinham causado danos internos, como quando uma bala de revólver atravessa o peito e dilacera a carne, imobilizando o alvo. Pelo contrário, a perda da perna lhe dera, talvez, a mobilidade para caminhar, indo em direção ao outro urbano (JACQUES, 2014) que habita a borda da cidade e a estabelecer novas perspectivas acerca da mesma.

Agia, assim, nos estratos dos seus saberes, sobretudo os da formação em Arquitetura e Urbanismo, que tende a se separar daquilo que acontece através da planificação projetual. Logo, não era uma descorporificação que sofrera, mas uma desorientação que forçava o seu pensamento a estar e ficar mais próximo ao mundo, num limite ou limiar, numa borda entre os conhecimentos da formação e os acontecimentos urbanos, afim de inventar aí outros modos de ver e dizer. Sensação experimentada quando se dança, se toca, se abraça e se coloca atenção naquilo que se vive.

Esses acontecimentos são como aqueles presentes na filosofia de Deleuze (2011) e de Deleuze e Guattari (2012a), caracterizados como um encontro com algo que se encarna num indivíduo, numa pessoa, modificando seu passado e futuro (DELEUZE, 2011). Os filósofos definem-no também enquanto o desabamento de um universo referencial ou perda de um território existencial (DELEUZE; GUATTARI, 2012a), necessitando-se a criação de um sentido para o que aconteceu, adentrando um movimento de reterritorialização, que tem por via a constituição de outro território.

Quando a embarcação tocou novamente a terra, percebera que era ali que engendraria tal movimento; caminharia acompanhado; narraria suas vivências num diário, criando outros saberes, outros regimes de visibilidade e dizibilidade. Para orientar seu percurso e dar expressão aos acontecimentos ocorridos, elege a cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995; DELIGNY, 2015; ROLNIK, 2014; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012) como método, por ter como característica a possibilidade de acompanhamento desse processo através de mapas, que se fazem ao caminhar.

Dar atenção aos acontecimentos que levam a formação, a pesquisa e a vida a se diferenciar é antes uma tarefa de criação de um saber do que de entendimento. Uma cartografia, então, não se pretende à uma verdade ou essência, mas a um es-

Era o primeiro contato com a noção de diferença (DELEUZE, 1988), no sentido filosófico, usando-a como uma lente para olhar o espaço.

boço de mapa que permita uma invenção de sentido àquilo que transversaliza o pensamento de um arquiteto e urbanista que erra pelos limiares da cidade, dando a ver o que o leva a agir e a pensar de outra maneira.

Dessa forma pode-se afirmar que o arquiteto desviou de um percurso orientado por uma formação padrão em Arquitetura e Urbanismo, desfazendo-se de alguns modos pré-estabelecidos de se relacionar com o mundo, tornando-se um errante. As pontes emitiram signos que permitiram perceber a distância entre a profissão, seu lócus de atuação (a cidade) e a vida que nela pulsa. Por isso, para apreender essa dimensão em que afetos proliferam e movimentos se encadeiam fora preciso descer da ponte e encontrar na água o desconhecido.

Por isso, uma embarcação fez-se necessária, afim de atravessar o ambiente aquoso do não saber. Ao navegar no desconhecido, o arquiteto encharcou-se do que não sabia: o ínfimo da cidade, aquilo que acontece no cotidiano da vida urbana, como a violência, mas também a arte, a filosofia e a educação. A embarcação, aos poucos, levou-o a uma nova terra.

Terra dos limiares localizada nas bordas da cidade, foi terreno sólido para o caminhar, em que a ação se fez de forma errática e sem um trajeto pré-definido. Por meio do seminário Explor-ações urbanas, passa a cartografar as linhas surgidas nas errâncias realizadas.

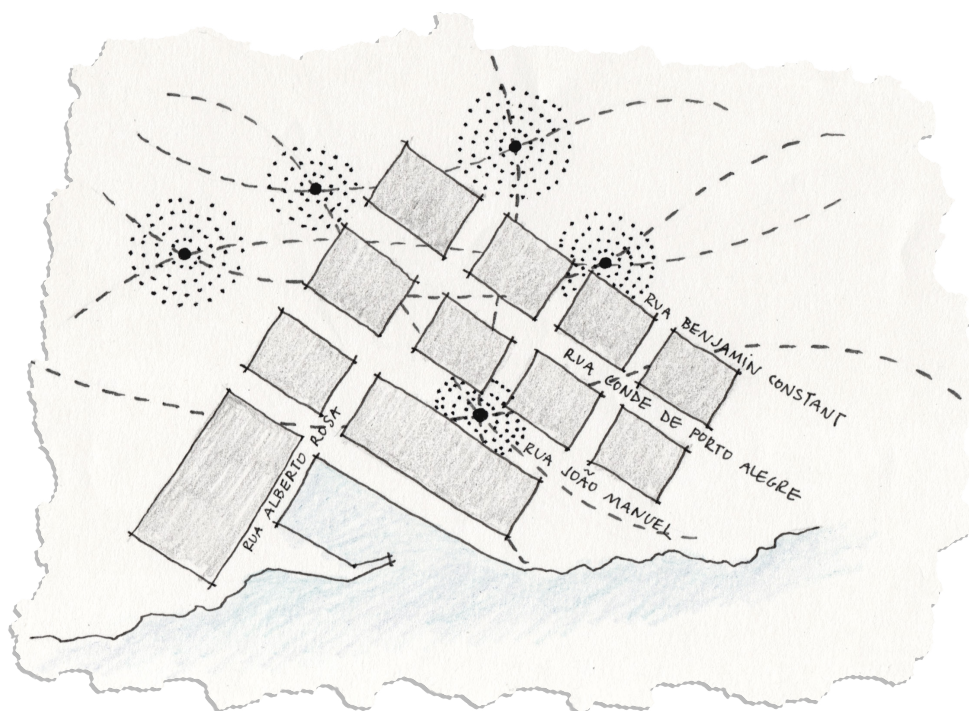
Ao habitar um espaço de borda da cidade, tenta a aproximação das forças que aí ocorreram e produziram acontecimentos, ou seja, permitiram que o seu pensamento se diferenciasse no decorrer dos encontros intensivos travados com os vários outros que habitam a cidade. Ao se ocupar dos diários, o arquiteto errante se dá conta que a narrativa ali presente diz de um mapa, que se fez não a partir da observação ou representação, e sim da experimentação do espaço.

Percebe os pontos de parada e os lugares que insistiam em aparecer e reaparecer em suas notas, como rastros que se repetem. Desconfia que nem todos seus deslocamentos foram errantes, pois alguns o levaram a lugares definidos de antemão, enrijecendo a proposta. Outros desencadearam momentos intensos, em que passado e futuro desapareciam na medida que o presente era preenchido por inúmeras forças nascidas nos encontros, tornando-o denso, quase palpável.

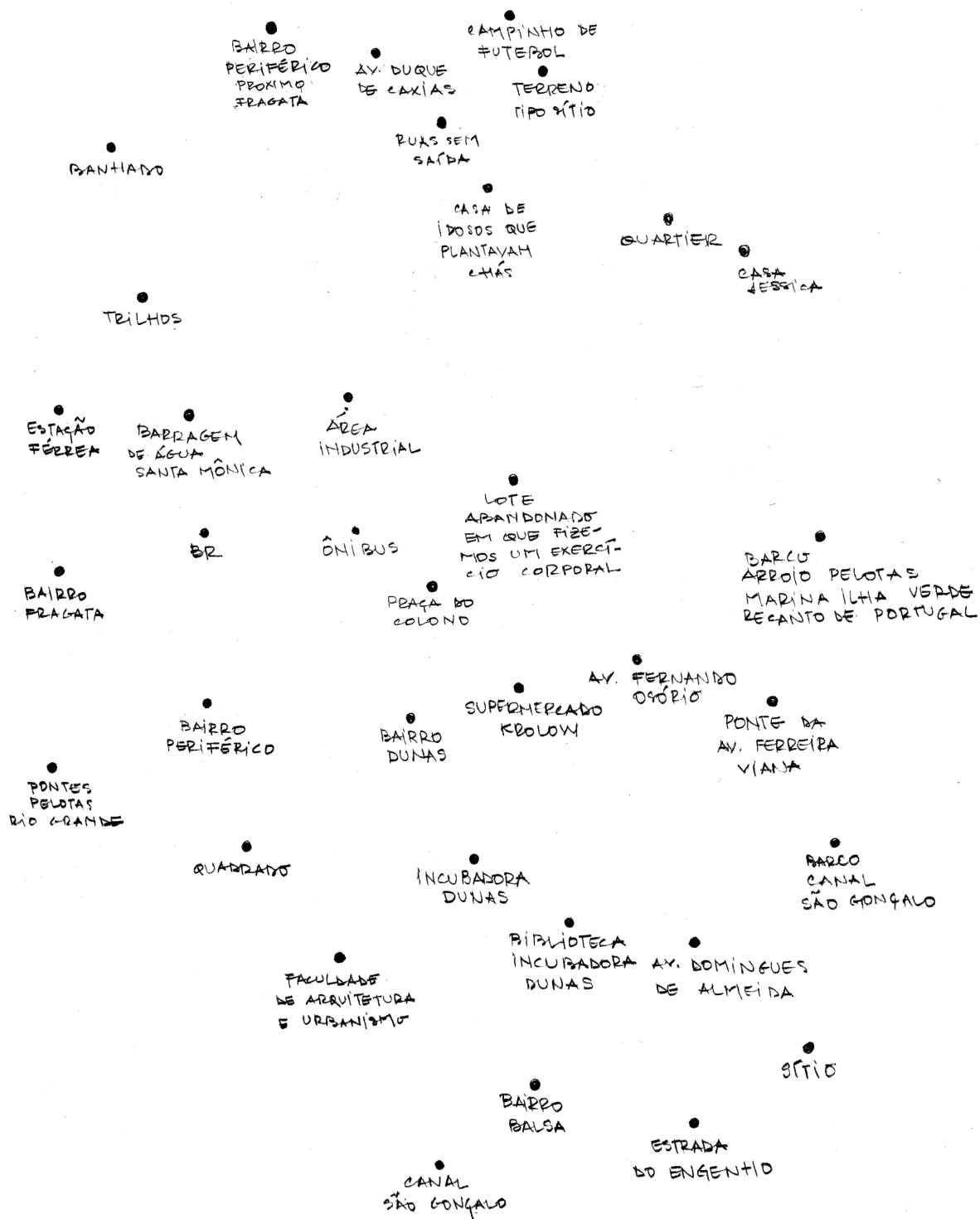
Tudo isso ele via ali e mapeava.

Cartografia:

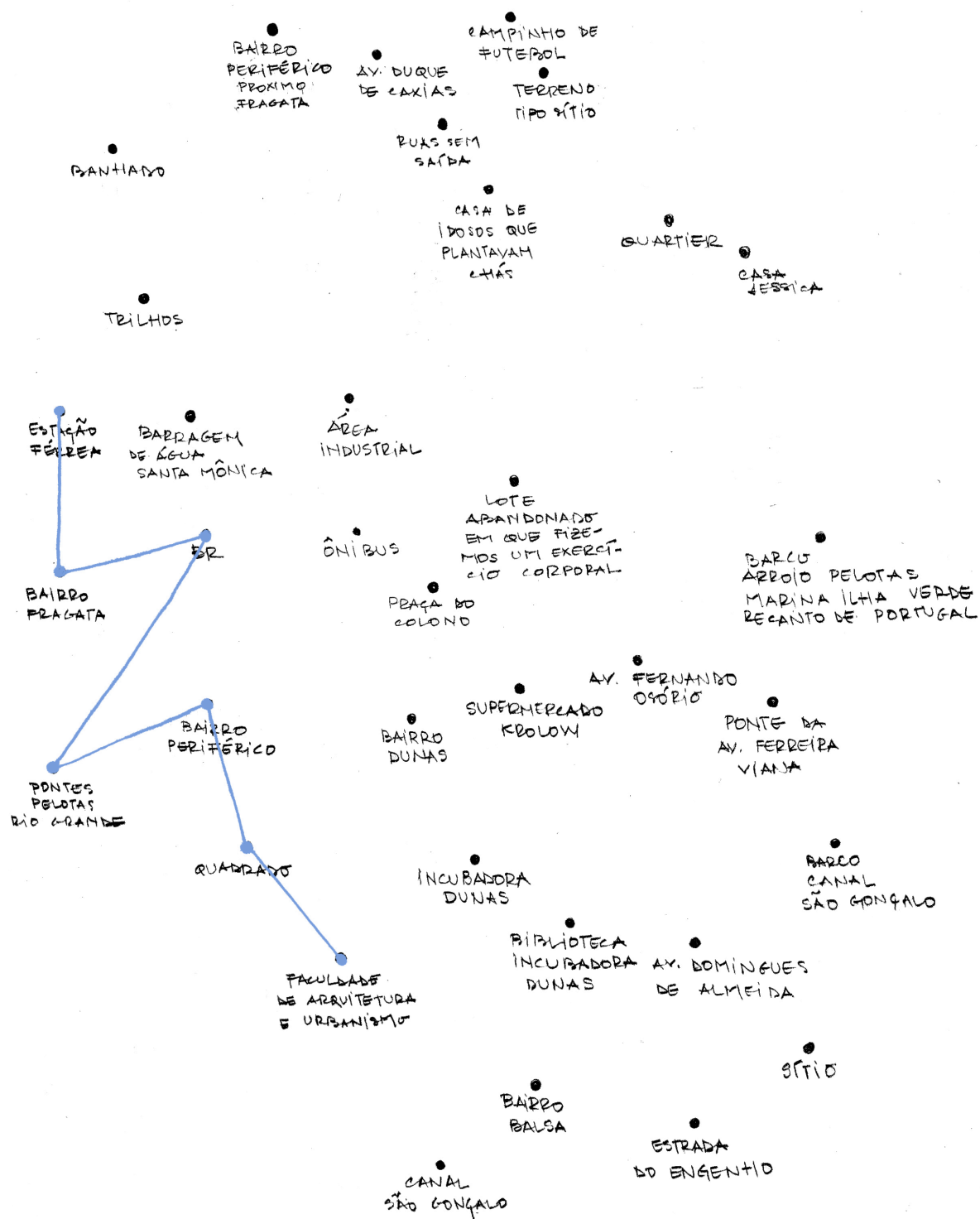
um fazer-se mapa



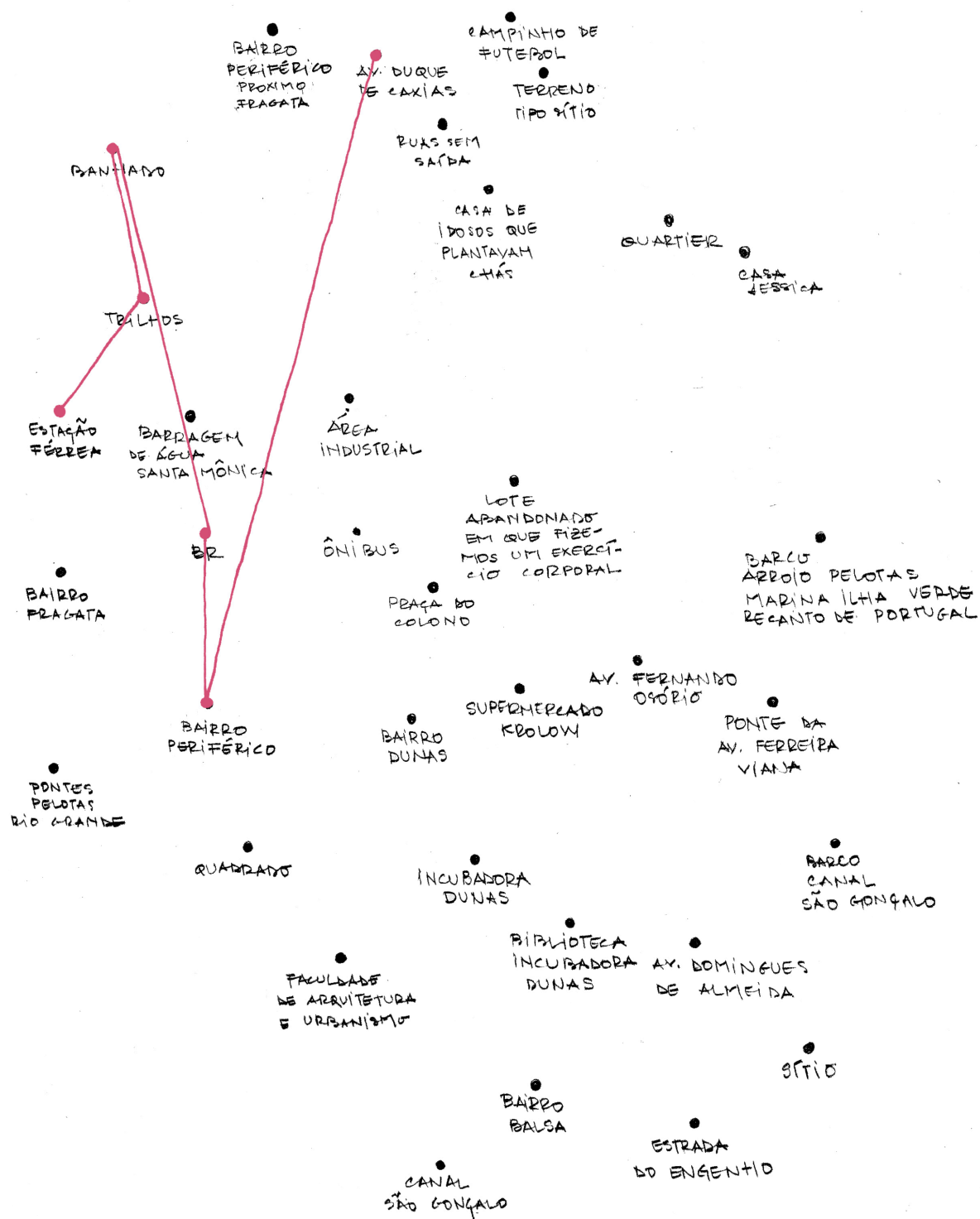
"O trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem" (DELEUZE, 1997, p. 83).



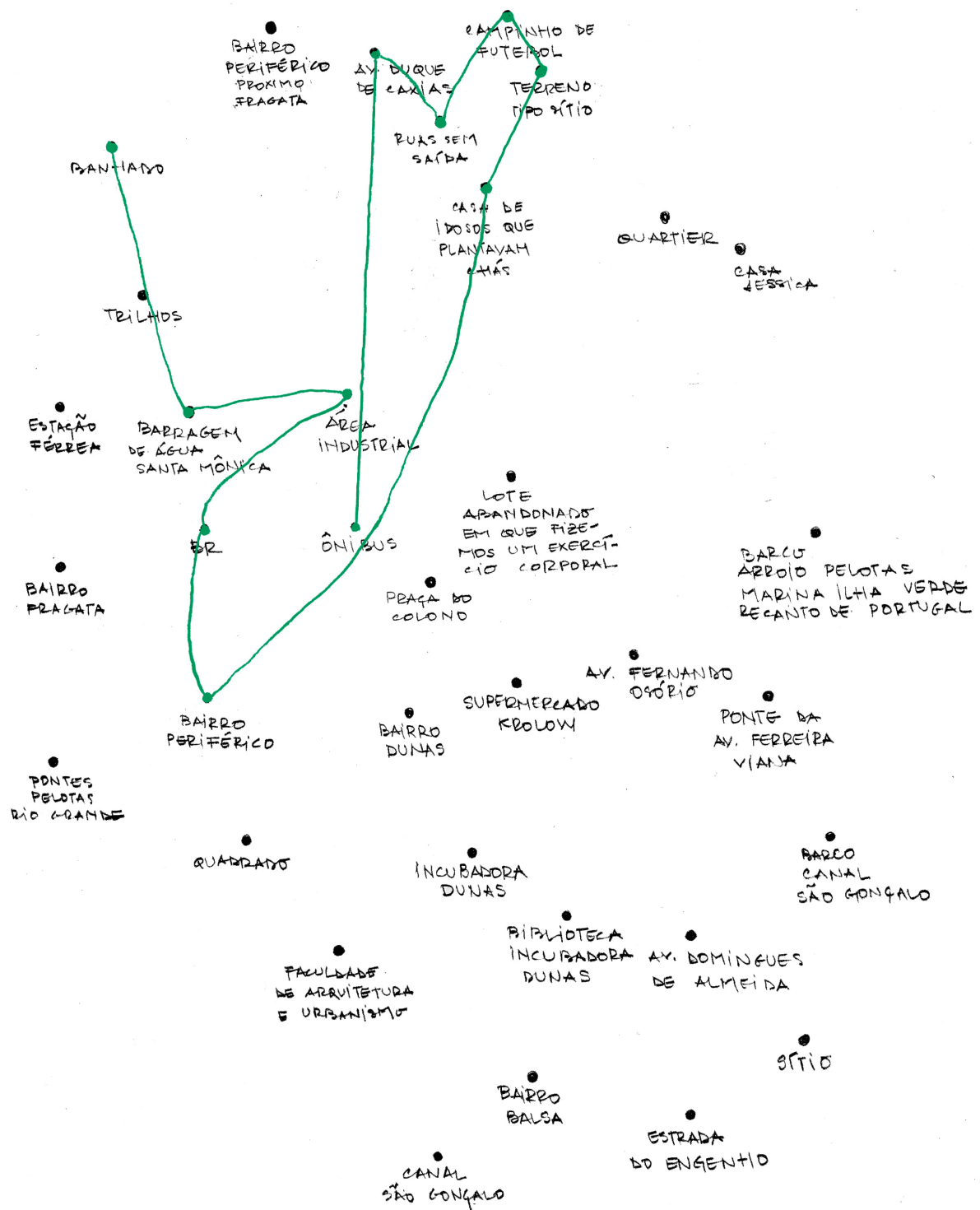
● pontos extensivos

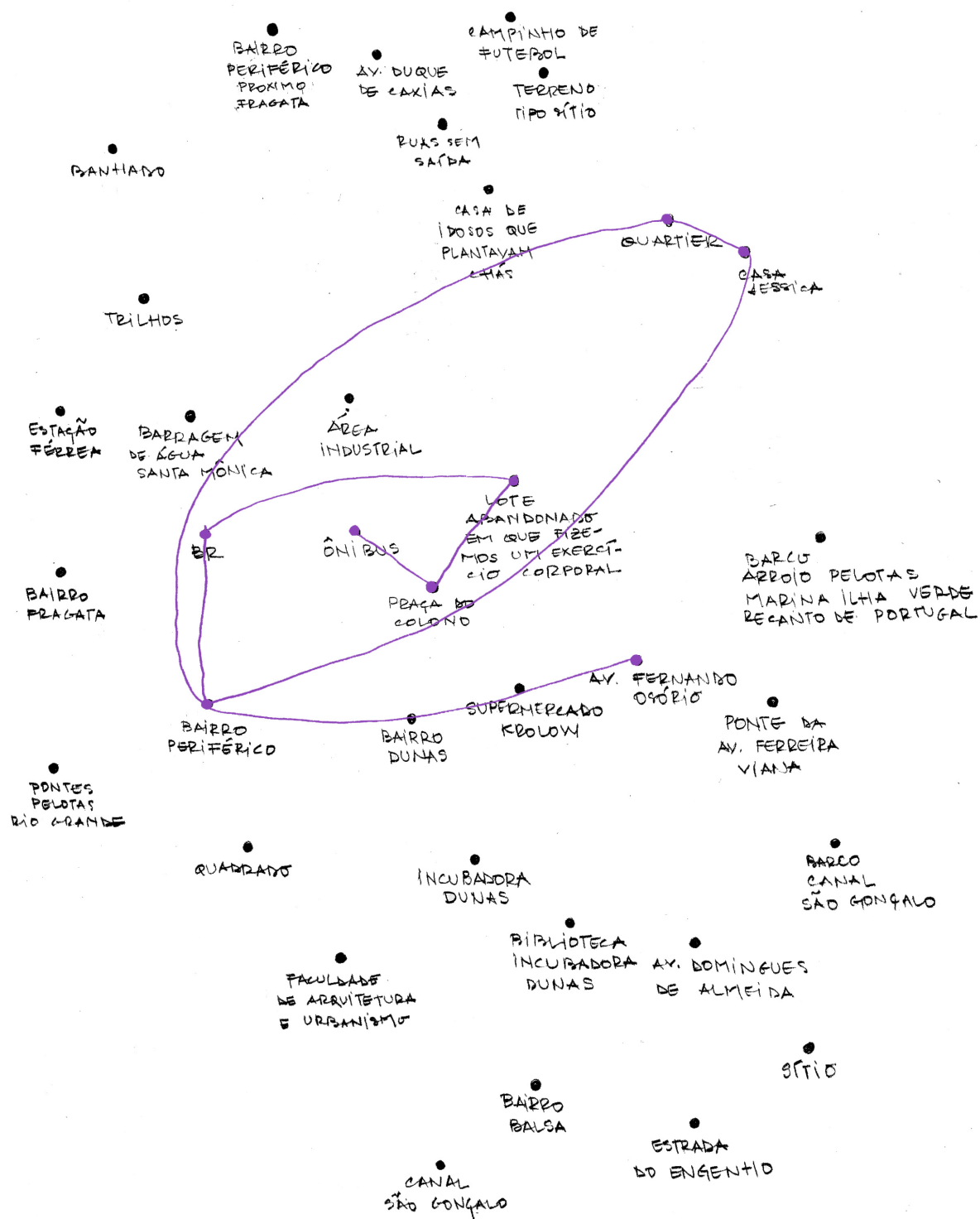


● trecho 01 17 agosto 2016

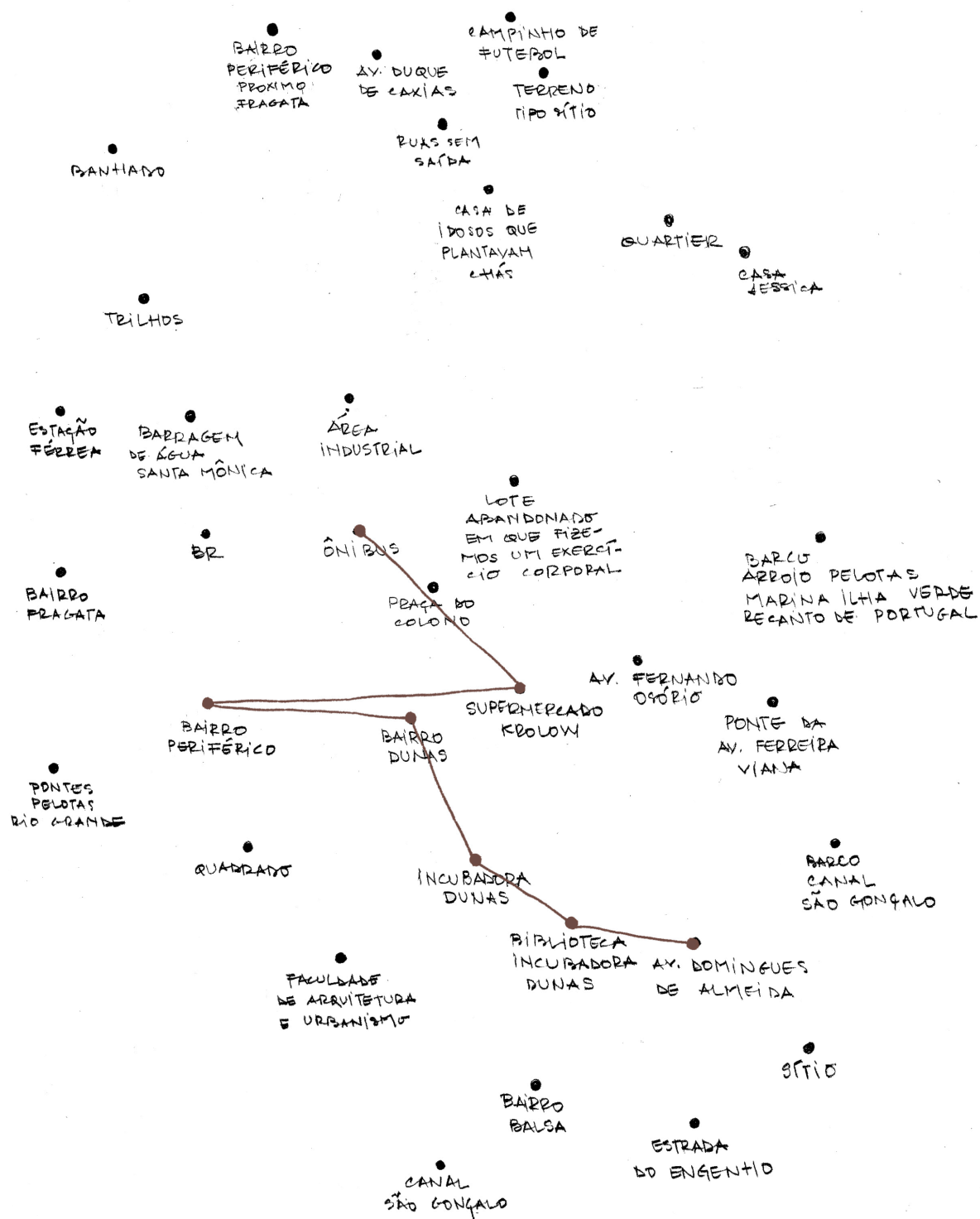


● trecho 02 24 agosto 2016

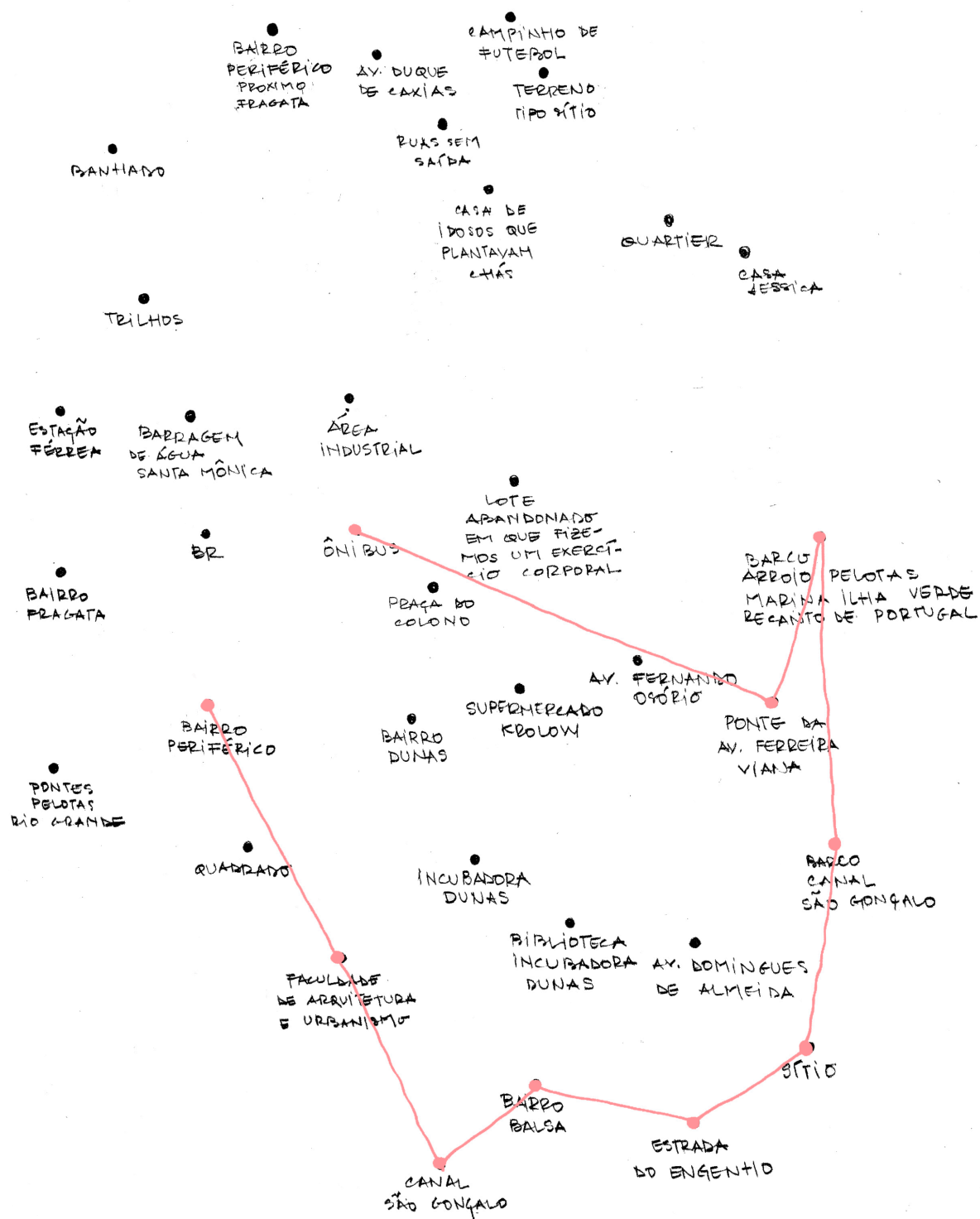




● trecho 05 04 outubro 2016



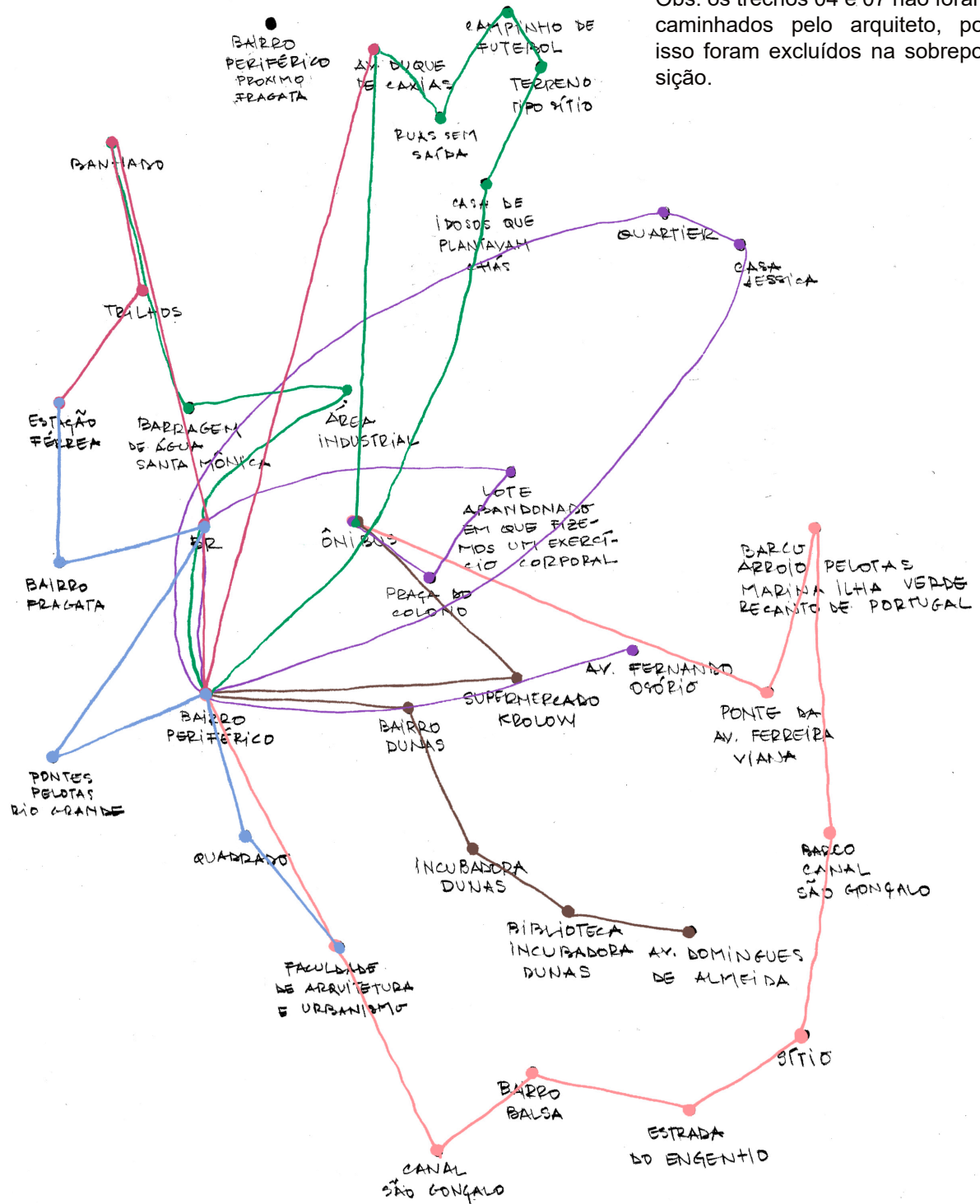
● trecho 06 12 fevereiro 2017



● trecho 08 1º março 2017

Sobreposição

Obs: os trechos 04 e 07 não foram caminhados pelo arquiteto, por isso foram excluídos na sobreposição.



- trecho 01 17 agosto 2016
- trecho 02 24 agosto 2016
- trecho 03 14 setembro 2016
- trecho 05 04 outubro 2016
- trecho 06 12 fevereiro 2017
- trecho 08 1º março 2017

Mapeou as imagens que despontaram em seu pensamento no encontro com o diário. Eram fragmentos das diversas vezes em que caminhou em grupo pelas bordas da cidade de Pelotas. O arquiteto, tornado errante, perguntava-se o que havia feito esse tempo todo e o porquê de ter feito. Para responder suas perguntas elege a cartografia como método (DELEUZE; GUATTARI, 1995; DELIGNY, 2015; ROLNIK, 2014; PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012).

Escolhe-o por se tratar de um saber que “visa acompanhar um processo, e não representar um objeto” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012, p. 32), na medida em que se entende que as coisas não possuem uma essência que serviria como modelo, estando elas em constante movimento. Dessa maneira, o arquiteto busca criar um sentido para o que se passou em sua formação ao descer das pontes, navegar no desconhecido e vir a errar nas bordas da cidade.

A cartografia permite acompanhar os modos como uma formação se diferencia através de uma experimentação intensiva da cidade, em que se errou por seus limites e se abriu aos encontros aí travados. Devido a seu caráter de processualidade, não se pode determinar de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012), bem como definir categorias para análise antes de qualquer experiência.

O arquiteto percebe que foram os próprios acontecimentos que se deram no percurso do pesquisar que foram guiando os procedimentos inventados, necessários para que o pensamento pudesse seguir seu fluxo. À maneira das pistas elaboradas por Passos, Kastrup e Escóssia (2012), o movimento aí realizado deixou uma espécie de rastro, que são como vestígios daquilo que se passou para que o pesquisar pudesse ser narrado.

Segui-los, então, é uma forma de compreender o que foi feito e o porquê de ter sido feito. Por ser flexível em relação à métodos mais tradicionais, como aqueles que tomam a cognição por seu caráter de representação buscando reconhecer determinado objeto a partir de um método que antecede o fazer (BARROS; BARROS, 2013), a cartografia se construiu conforme o caminhar e, por isso, deixou rastros que são a própria efetivação de um aprendizado.

Assim, o arquiteto olha para os dados não enquanto diagnósticos de determinada realidade, mas como criações que se fizeram entre si e o meio em que habitou. Busca, então, traçar um plano que sustente outros modos de ver e dizer acerca da experimentação, colocando-a ao lado da arte, ciência e filosofia.

Ao não fazer dicotomia entre o indivíduo que experimenta e o objeto que se

estuda, a cartografia pressupõe “que sujeito e objeto definem-se mutuamente, um em função do outro” (ibidem, p. 374). Trata-se, então, de produzir uma subjetividade em que se misturam a cidade e o arquiteto que a estuda, um intervindo no outro de forma recíproca, criando novas formas de olhar e enunciar a experimentação. Para isso, segue os rastros deixados, buscando dar a ver sua própria lógica de criação da pesquisa.

Rastro Um: as Explor-ações urbanas

O primeiro rastro é aquele que disparou o pesquisar: o seminário Explor-ações urbanas: errar no limiar. Quando se matriculou nele, o arquiteto partiu em busca da experiência imanente da cidade. Ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas¹, a ementa o caracterizava como:

Exploração como re-apropriação da cidade e uma modalidade de investigar o território a partir de uma imersão nele. Atravessar os confins para reconstruir um mapa de fragmentos urbanos. A observação e interação direta entre urbanos de realidades descontínuas, formas de co-existência de diversidades, heterogeneidade de práticas e de espaços. O conhecimento prático através do caminhar com o fim de mapear a linguagem mestiça do contemporâneo. Na possibilidade de tropeçar e se equivocar, propõe-se uma interação corporal com o fim de colocar em dúvida os pontos de vista dos participantes. O curso Explor-ações urbanas faz parte de um Projeto de Pós-Graduação em Urbanismo contemporâneo e se propõe a observar, imaginar e construir reciprocamente (FAURB / UFPel, Programa da disciplina Explor-ações urbanas: errar no limiar, 2016).

No primeiro encontro, ocorrido no dia 17 de agosto de 2016, estiveram presentes 18 alunos e alunas de Pós-Graduação de diferentes áreas do conhecimento, conforme Tabela 01 (em anexo). No decorrer do semestre, o número de pessoas presentes variou. Por vezes, surgiam algumas não matriculadas para caminhar. Geralmente, faziam apenas uma errância e não retornavam no próximo encontro. O seminário iniciou com 18 estudantes e findou com 9, tendo a média aritmética de presenças no decorrer do semestre ficado entre 12 pessoas por encontro.

Quanto a prática, consistiu em percorrer o perímetro da cidade de Pelotas, caminhando prioritariamente por sua borda, ou seja, num limiar entre rural e urbano, conforme mapa da página 13. Para realizar tal circunscrição foram necessários 8 trechos, dos quais o arquiteto esteve presente em seis, ausentando-se nos encontros dos dias 21 de setembro de 2016 e 22 de fevereiro de 2017.

Os encontros aconteceram às quartas-feiras, das 14 até aproximadamente às 18 horas. No ano de 2016, as caminhadas ocorreram nos dias 17 e 24 de agosto, 14 e 21 de setembro e 5 de outubro. Em 2017, após a greve das Universidades Federais, houveram práticas nos dias 12 e 22 de fevereiro e em 1º de março, data da oitava e última explor-ação. No total, foram caminhados aproximadamente 51 quilômetros.

¹ Realizado no segundo semestre de 2016, foi ministrado pela professora Dra. Emanuela di Felice, formada pela Universidade Roma Três, na Itália.

A imagem abaixo traz uma aproximação da distância percorrida integralmente e em cada trecho.

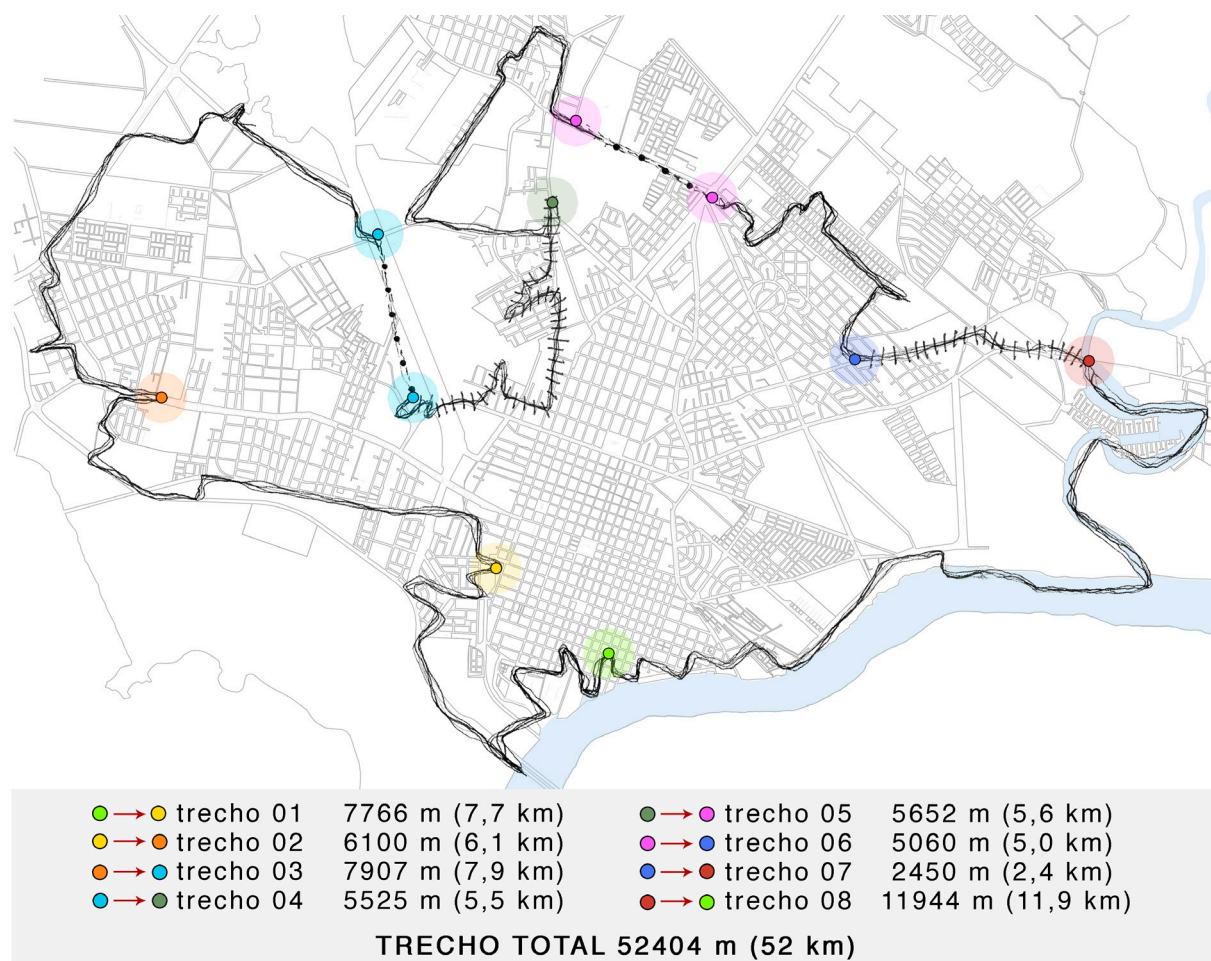


Figura 01 - Distância percorrida. Fonte: Gustavo Nunes, 2018.

O primeiro encontro, marcado pelo número 1 no mapa, aconteceu na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, localizada na rua Benjamin Constant, nº 1359. Consistiu em uma apresentação individual, realizada no auditório do prédio, em que os alunos e alunas se dispuseram em círculo, informando nome e formação.

Após cada um se apresentar de maneira breve, deu-se como iniciado o seminário, em que o grupo caminhou e realizou um ritual de iniciação no Quadrado, região localizada no Porto de Pelotas; atravessou bairros periféricos; chegou nas pontes que conectam Pelotas à Rio Grande e acabou o percurso no bairro Fragata. Ao final da caminhada foi marcado num grande mapa impresso, carregado pela propositora do seminário, o ponto do próximo encontro, próximo à Estação Férrea. Esse procedimento de marcação se repetiu em todos os outros trajetos.



Figura 02 - Imagens do seminário Explor-ações urbanas. Fonte: Alunos do seminário, 2016.

O andamento do seminário fez-se à maneira da cartografia: de forma processual (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2012), bem como as errâncias realizadas. Diz-se errância porque, de um ponto a outro, os trajetos não eram pré-definidos. Pelo contrário, eles foram sendo escolhidos conforme os afetos experimentados pelo grupo, comportando sensações de medo, apreensão, leveza e segurança durante o trajeto. Tais sentimentos e sensações funcionaram como balizadores na eleição sobre qual caminho tomar ou que direção seguir, fazendo-se menos o uso da razão e mais de uma atenção à espreita (DELEUZE; PARNET, 2001) do percurso. Jacques define a errância enquanto

(...) um instrumento da experiência de alteridade na cidade, uma ferramenta subjetiva e singular – o contrário de um método tradicional. A errância urbana é uma apologia da experiência da cidade, que pode ser praticada por qualquer um, mas que o errante pratica de forma voluntária. O errante, então, é aquele que busca um estado de corpo errante, que experimenta a cidade através das errâncias, que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos, do que com as representações, planificações ou projeções. O errante não vê a cidade somente de cima, em uma representação do tipo mapa aéreo, mas a experimenta de dentro (2012, p. 197).

O seminário Explor-ações urbanas aconteceu, então, quase que inteiramente de forma errática, ao se experimentar momentos de errância entre um ponto a outro, sempre marcados no mapa. Do total dos encontros, houveram apenas dois momentos em que não se caminhou: dia 8 de fevereiro de 2017, no retorno às aulas após a greve em que o grupo discutiu como retomaria o percurso pausado em decorrência dos acontecimentos institucionais e dia 22 de março de 2017, quando cada aluno narrou e

apresentou algum tipo de experiência errática, funcionando como a avaliação final da disciplina.

Além disso, a prática realizada no seminário tem sua gênese nas ideias e experimentações do professor e arquiteto italiano Francesco Careri (2013; 2017). Quando recém graduado, integrou o coletivo de artistas romano chamado Stalker. Em 1995 o grupo inaugurou o primeiro itinerário peripatético através das bordas de Roma. Segundo ele,

A caminhada surgiu de um desejo de conhecermos o que existia do outro lado, além da cidade que nos contavam os nossos professores (Faculdade de Arquitetura de Roma). Eu já tinha terminado o curso de Arquitetura há dois anos, mas os outros ainda eram estudantes, mesmo se não eram todos – os Stalkers – estudantes de arquitetura. Mas era uma coisa entre jovens recém diplomados e estudantes. Nós percebemos que nossos professores falavam de uma cidade que não era aquela e nós queríamos explorar esse outro lado (CARERI; JACQUES, 2013, p. 9).

Esses outros lugares encontrados por eles foram chamados de Territórios Atuais (CARERI, 2013). Na época, caracterizaram-nos como sendo um “sistema territorial difuso, indefinido e metamórfico dentro do perímetro urbano” (ibidem, p. 161), à maneira dos vazios que a cidade comporta, com seus terrenos e construções abandonadas. Dentro deles as transformações sociais seriam mais velozes, surgindo “novos comportamentos, novos modos de morar, novos espaços de liberdade” (ibidem, p. 164).

Para Careri, isso acontece porque há uma distância em relação ao “vigilante controle da cidade” (ibidem, p. 158), fugindo assim de um regime de saber e poder consolidados pelo desenho urbano, pelo plano diretor, ou por outros dispositivos de Estado. Na mesma perspectiva, Deleuze (2013) afirma que quando há certa desterritorialização em um todo homogêneo, surgem novas possibilidades de vida.

Em busca delas, o coletivo Stalker tinha como referência uma vasta gama de artistas dadaístas, surrealistas, situacionistas e land artistas que de alguma forma se aproximaram do caminhar para produzir arte, tais como Tristan Tzara, Andre Breton, Guy Debord, Tony Smith, Richard Long e Robert Smithson. O grupo italiano tinha por objetivo, na época

Experimentar novas formas cognitivas por meio da reintegração dos percursos de pesquisa da arte e da ciência, para a descoberta de inéditos ecossistemas que recomponham a laceração entre o indivíduo e o próprio ambiente, cuja realização volta a ser a expressão natural das relações que aí têm lugar (CARERI, 2013, p. 161).

Conforme Careri (2017), os Territórios Atuais se tornaram espaços para investigação, pois são lugares difíceis de serem compreendidos e, conseqüentemente, projetados. Na medida em que fogem da linguagem dominante do contemporâneo (CARERI, 2017), estão além dos saberes e poderes já consolidados (DELEUZE, 2005). Por isso, desde 2005 quando se tornou professor na Universidade de Roma Três, Careri oferece o curso de Artes Cívicas. Isto porque, desde os tempos de Stalker, ele percebeu que “o caminhar é um instrumento insubstituível para formar não só alunos como também cidadãos” (CARERI, 2013, p. 171), definindo-a da seguinte maneira:

Artes Cívicas é o curso que eu teria gostado de frequentar quando estudante: uma exploração e uma reapropriação da cidade; a deambulação como metodologia de pesquisa e de didática; a experimentação direta da arte da descoberta e da transformação poética e política dos lugares. A universidade nômade tantas vezes sonhada e perseguida com Stalker (CARERI, 2017, p. 102).

Logo, Artes Cívicas é um curso que se faz inteiramente caminhando, cujo fim é não “apenas produção de objetos, instalações e pinturas, (...) mas também deambulações, significados, relações” (CARERI, 2017, p. 100). Da mesma maneira se caracteriza o seminário Explor-ações urbanas, que nele se inspira².

Ambos, ainda que locados em uma Faculdade de Arquitetura, preocupam-se menos com a produção da obra arquitetônica e urbanística, mas com um processo de formação que trabalha muito próximo das questões da subjetividade. E, por estarem em movimento, podem ser acompanhados pelo método cartográfico.

O caráter transdisciplinar das Explor-ações urbanas, bem como das Artes Cívicas, justifica-se no fato de que

A transformação da cidade não pode ser deixada apenas por conta dos urbanistas ou dos arquitetos, mas deve ser estendida a todas as ciências que se interessam pela cidade, logo também a antropólogos, geógrafos, sociólogos, biólogos. E junto com as ciências devem caminhar também as artes, sempre no plural: explorar a pé a cidade e penetrar em seus significados é uma arte tal como a escultura, a pintura, a arquitetura, mas também a fotografia, o cinema, a poesia que nos contam muitas vezes com maior eficácia do que os urbanistas, os fenômenos mais dificilmente legíveis da cidade atual (CARERI, 2017, p. 100 – 101).

2 Emanuel di Felice, propositora do seminário Explor-ações urbanas: errar no limiar, foi orientanda de doutorado do prof. Francesco Careri, bem como aluna e professora estagiária no curso de Artes Cívicas. Aí, contaminou-se com as questões do caminhar como uma prática estética e formativa. Durante seu pós-doutoramento na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Pelotas, sob orientação do prof. Eduardo Rocha, compartilhou suas experiências vividas na Itália.

Cartograficamente, os rastros deixados pelo seminário Explor-ações urbanas dizem de um processo de formação e de subjetivação que funciona a partir de mapas extensivos. Através desse tipo de mapa, foram buscadas as intensidades que o atravessam e o permeiam (DELEUZE, 1997).

Os mapas extensivos foram sendo constituídos pelos movimentos e trajetos realizados durante o seminário, nos oito trechos caminhados. As forças e intensidades ocorreram, por sua vez, no encontro com o outro urbano (JACQUES, 2014) e também com os próprios colegas.

Na perspectiva aqui adotada, são essas forças que tendem a deslocar o pensamento quando experimentadas durante as errâncias, colocando-o em devir³. Pode-se dizer que, se tiverem potência suficiente, desencadeiam uma desterritorialização no pensamento, abrindo-o para possíveis reterritorializações (DELEUZE; GUATTARI, 2012b; DELEUZE; PARNET, 2001) e, assim, novas aprendizagens se fazem em meio à cidade.

Porém, na medida que os mapas extensivos são visíveis, feitos de “relações cinéticas de movimento e repouso, de velocidade e lentidão” (ROLNIK, 2014, p. 39), as intensidades são invisíveis, seguindo “uma “dinâmica das ondas e vibrações” (idem). O aprendizado aqui proposto ocorreria quando, ao não conseguir compartilhar determinada experiência por fugir aos saberes já adquiridos, o pensamento entra em movimento, utilizando-se do desejo como força propulsora. Nesse deslocamento, reúnem-se matérias distintas que o permitam expressar os afetos experimentados, realizando-se assim outros agenciamentos.

Esse tipo de aprendizagem funciona não no regime da reconhecimento (DELEUZE, 1988), que se volta a um saber memorizado para significar o que acontece, mas através da invenção de novos sentidos aos acontecimentos da cidade, posto que ainda não tem nome. Nesse exercício, o arquiteto vai se destituindo de sua possibilidade de afirmar em nome do urbanismo ou da arquitetura, e mais por meio daquilo que lhe aconteceu. Aprende, então, “o que só pode ser sentido. É esta a educação dos sentidos” (ibidem, p. 160).

Dessa maneira, juntou aprendizados na sua embarcação, àquela que ele construiu para atravessar o lodo do não-saber afim de chegar na nova terra das bordas e li-

3 Conceito que primeiramente remete a Heráclito (535 – 475 a. C.), para quem não entramos em um rio duas vezes seguidas, porque nem nós nem o rio permanecemos os mesmos em um segundo encontro (SCHÖPKE, 2010). Para Deleuze, devir é um estado de sensação que anuncia uma diferença que vai em direção a algo, configurando-se como um movimento de passagem e mudança. Também, o filósofo caracteriza esse conceito como afecto, que diz respeito a uma diferença na forma de sentir (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

miares. Desembarcando nela, caminhou e escreveu um diário. A partir dele busca o rastro das forças intensivas experimentadas. Quando a língua oscila, a linha escrita treme, alguma coisa acontece. O arquiteto aí se pergunta: o que aconteceu (DELEUZE; GUATTARI, 2012a)?

Rastro Dois: o diário

Os rastros intensivos, que dizem das forças e devires que acontecem nos encontros, não são visíveis. Trata-se de algo que só pode ser sentido e são, por isso, anteriores a linguagem.

Através dela, porém, às vezes intensidades escapam. Com atenção, pode-se perceber no traço ou na velocidade com que as palavras foram escritas pequenas reminiscências do que não pode ser dito. Isso porque “nossas vivências mais próprias não são nada tagarelas. Não poderiam comunicar-se, se quisessem. É que lhes falta a palavra” (NIETZSCHE, 1999, p. 382). Ao dizer da cartografia como método, Bedin relaciona-a com a cidade da seguinte maneira:

Uma cidade é feita de linguagens e de imagens. É composta por sensações fugidias que escapam aos nossos olhares, que não encontram na boca da gramática palavras que possam descrevê-las. Quais são as indagações que fazemos aos nossos territórios? (2014, p. 73).

Por traírem a gramática, as forças da cidade às vezes embaralham as ideias, mas ainda assim alguns acontecimentos são percebidos com mais força que outros, e o pensamento ali se fixa. Ele está trabalhando. O desejo está em movimento, levando-o a buscar formas de expressão para construção de um território, um lugar reconfortante em que se pode “falar por afeto, por experimentação, falar em nome próprio, falar no singular” (ROLNIK, 2014, p. 40). É nele que se pode habitar, depois de se ter apreendido e interiorizado as mudanças ocorridas, na medida em que os trajetos são inseparáveis de devires (DELEUZE, 1997).

Para dar conta desses trajetos retidos, que comportam tanto o plano extensivo da cartografia quanto as forças aí vividas, o arquiteto levou consigo um diário de bordo. Este esteve presente nas caminhadas desde o primeiro encontro. Durante as errâncias fazia apontamentos, registrava o que via, ouvia, sentia e rabiscava alguns desenhos.



Figura 03 - A escrita do diário. Fonte: Alunos do seminário, 2016.

Quando retornava para sua casa, o conforto de seu território possibilitava escrever de forma contínua. Assim, revisitava as notas e reescrevia o que lhe aconteceu. Isso porque

(...) a escrita do relato não deve ser um mero registro de informações que se julga importante. Longe de ser um momento burocrático, sua elaboração requer até mesmo um certo recolhimento, cujo objetivo é possibilitar um retorno à experiência do campo, para que se possa então falar de dentro da experiência e não de fora, ou seja, sobre a experiência (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 70-71).

Desse modo, pode-se dizer que houveram dois movimentos de escrita: o de anotações e rabiscos — realizados no trajeto — e o da reescrita do que foi vivenciado — produzidos no ambiente doméstico.

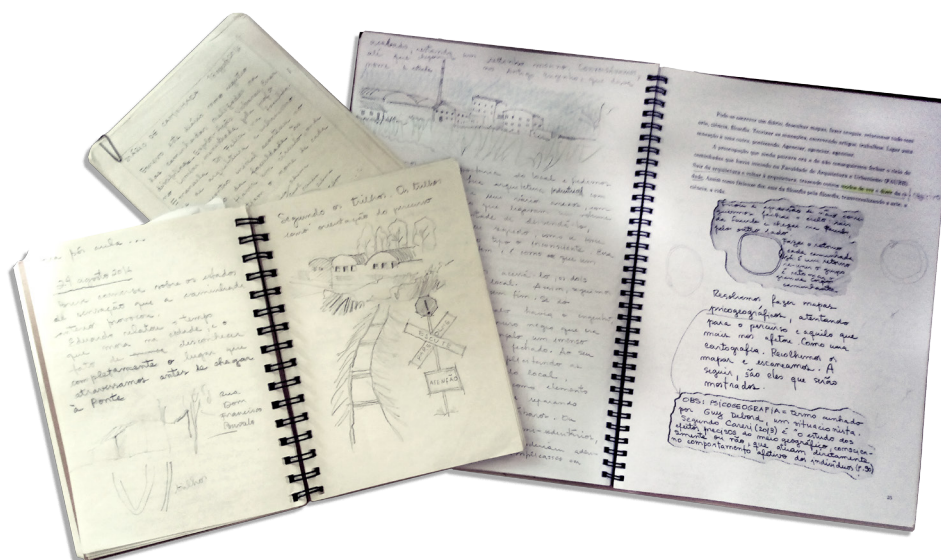


Figura 04 - Diário de anotações, realizadas na caminhada (imagem à esquerda) e diário reescrito, apresentado em parte na qualificação de mestrado (à esquerda). Fonte: Gustavo Nunes, 2018.

Para Barros e Kastrup, “uma prática preciosa para a cartografia (...) é a escrita e/ou o desenho em um diário de campo ou caderno de anotações” (2015, p. 69). Isso porque, para o método

(...) essas anotações colaboram na produção de dados de uma pesquisa e têm a função de transformar observações e frases captadas na experiência de campo em conhecimento e modos de fazer. Há transformação de experiência em conhecimento e de conhecimento em experiência, numa circularidade aberta ao tempo que passa. Há coprodução (ibidem, p. 70).

Assim, o arquiteto narrou o que lhe acontecia. Algumas vezes anotou apenas palavras soltas e fragmentos de conversas com colegas. Outras se deixou levar por movimentos de livre associação de ideias, que se aproximam de uma escrita mais fluída e com menor crivo da razão, afinal “a experiência singular com os outros não se separa da experimentação com a própria escritura” (ibidem, p. 72).

O diário permite, então, olhar para aquilo que se passou em seu pensamento no encontro com as forças da cidade durante o caminhar, atentando-se às mudanças ocorridas em termos da sua formação em Arquitetura e Urbanismo. Logo, seu instrumento de pesquisa “não coleta dados; ele os produz” (BEDIN, 2014, p. 71).

O arquiteto, enquanto escreve seu diário, não é neutro, pois a neutralidade exige distanciamento. Ele, ao contrário, está encharcado daquilo que se passa entre si e o meio que percorre. Na cidade, experimentou forças que ora se repetiam, ora fugiam aos seus saberes, e é isso que lhe interessa: encontros com aquilo que não sabe, que o façam navegar e construir uma embarcação, repleta de novos aprendizados. Todavia, como olhar para o que foi produzido a partir do diário?

Rastro Três: os mapas e as sobreposições

Ao perseguir os rastros de seu diário, o arquiteto percebe uma imensidão de linhas, tal qual um emaranhado. Algumas delas apresentam contornos bem definidos, como os bairros com seus limites demarcados; as vias que dão acesso à cidade e conectam pontos estratégicos; as casas portando grades e cercas; o comércio construído numa tipologia arquitetônica que cumpre uma determinada função.

Outras linhas trazem figuras borradas, mais difíceis de apreender ou significar, tal qual os territórios atuais descritos por Careri (2013): habitações feitas de fragmentos; vazios urbanos; crianças armadas; pontes abandonadas; cheiros de “plástico queimado, ferro soldado, madeira cerrada”⁴ em meio à cidade.

Ainda, há linhas que fogem e não se deixam capturar e nem mesmo as palavras as alcançam. Nessas linhas, “não há forma — nada além de uma pura linha abstrata” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 76). Tais linhas — de fuga, surgem nos encontros, quando algo força o pensamento a sair de seu inatismo habitual, levando-o a pensar de forma diferente.

Isso porque, como afirmam Deleuze e Guattari: “são linhas que nos compõe, diríamos três espécies de linhas” (ibidem, p. 83): linhas molares, que dão o contorno aos territórios; linhas moleculares, que oscilam entre as formas consolidadas e as forças que as podem dissolver e as linhas de fuga, que explodem um território no encontro com intensidades violentas demais, já anunciando um outro porvir⁵.

Logo, assim como a cidade, funciona também a subjetividade e a formação: sempre em movimento. Por isso, na medida que acontecem encontros intensivos nos percursos extensivos realizados, modificou-se a configuração das linhas que o arquiteto levava consigo enquanto caminhava. Seus saberes, inclusive, eram desenhados por linhas molares da arquitetura e do urbanismo, que o faziam ver e enunciar de determinada maneira a cidade (DELEUZE, 2005).

Contudo, se era através dos saberes que via e dizia algo acerca dela, encontros com variadas forças do meio urbano o obrigavam a mudar seu ponto de vista,

4 Fragmento do diário do dia 17 de agosto de 2016.

5 A ideia das linhas (molar, molecular e de fuga) é desenvolvida por Deleuze e Guattari (2012a) no platô 8 denominado Três novelas ou o que se passou?. Nele se ocupam da noção de novela na literatura, em cujo gênero o acontecimento é o próprio produtor de diferença na trama. Se antes as coisas estavam organizadas por uma linha molar que dava ao personagem certo controle de determinada situação, após o ocorrido tudo muda, como se o território fugisse por uma linha de fuga. Assim, entre a organização molar e o acontecimento, uma linha molecular oscila indo das formas consolidadas às forças que levam o instituído a se diferenciar. Dessa maneira, busca-se um sentido para o vivido através da questão: O que aconteceu?

bem como seu lugar de fala. Para acompanhar tal processo de diferenciação cartograficamente, o arquiteto passa a criar mapas dos locais que percorreu, isso porque “o trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem” (DELEUZE, 1997, p. 83).

Além disso, com Deleuze, sabe-se que os “mapas não devem ser compreendidos só em extensão, em relação a um espaço constituído por trajetos” (ibidem, p. 86 – 87), existindo também intensidades que dizem respeito ao que preenche o espaço, ou seja, às forças tangenciadas durante certo percurso. No que tange a composição cartográfica extensiva desta dissertação, o arquiteto elenca os pontos espaciais atravessados, presentes no mapa da página 19.

Logo depois, a partir do mapa do trecho 01, da página 20, são conectados os pontos extensivos presentes em cada um dos trajetos. No primeiro mapa apareceram, por exemplo, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, o Quadrado, um bairro periférico, as pontes que ligam Pelotas a Rio Grande, a estrada BR, o Fragata e a estação férrea. O trecho 02 conecta, por sua vez, também a estação férrea e a BR, bem como os trilhos, o banhado, um bairro periférico e a avenida Duque de Caxias e assim sucessivamente.

A sobreposição dos seis mapas torna visível os pontos em que mais linhas convergiram e se encontraram. Esse modo de produzir saber a partir daquilo que se repete tem inspiração nos estudos de Deleuze e Guattari acerca da obra de Fernand Deligny⁶ (2015), que afirma a constituição de territórios através da repetição de trajetos costumeiros e experimentação de percursos erráticos.

Segundo eles, “nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro (...), enxertam-se ou põem a germinar linhas de errância, com volteios, nós, velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 123). Por isso, trata-se de investigar aquilo que se repete em determinada experiência, diferenciando as linhas molares ou costumeiras das linhas erráticas ou de fuga. “Desemaranhar as linhas (...) é montar um mapa”, diz Deleuze (2016, p.

6 Citado diversas vezes por Deleuze e Guattari, sempre que o assunto é a cartografia, está presente em Diálogos (DELEUZE; PARNET, 1999), nos platôs 1, 8 e 11 de Mil Platôs (DELEUZE; GUATTARI, 1995; 2012a; 2012b) e em Crítica e clínica (DELEUZE, 1997). Foi na acolhida de crianças autistas na região de Cevennes, sul da França, que o poeta e etólogo passou a acompanhar e realizar mapas dos movimentos das crianças. Sobrepondo-os, chega na concepção de linhas costumeiras — referentes aos fazeres que se repetem em determinado trajeto — e linhas de errância — que mostram os gestos fugitivos à repetição, como observar durante determinado tempo um reflexo na água (DELIGNY, 2015; MIGUEL 2015a; 2015b; 2017; RESENDE, 2016). Para ele, na repetição dos gestos a criança constitui seu território, enquanto que nas errâncias elas desencadeiam seus próprios devires, fugindo ao que está definido por costume.

360), dando a ver aquilo que, mesmo inconscientemente, orientou a errância. E, para além disso, perceber como a orientação do percurso e os encontros realizados produziram diferenças.

O arquiteto observa, no mapa da página 26, os elementos que mais se repetiram na sobreposição dos trechos: a BR⁷, o ônibus e os bairros periféricos. A BR atuou como se fosse um ímã que em diversas ocasiões atraiu os caminhantes para perto de si, impedindo-os de errar, de fato, pelo limiar.

O ônibus, por sua vez, diz de uma forma de deslocamento não errática, pois ao ser utilizado possuiu um objetivo pré-definido à experimentação: chegar num ponto preciso da cidade onde o grupo se reencontraria.

Assim, o arquiteto se questiona: Por que existiu certa insistência do grupo em cruzar a BR nos trechos percorridos? Quais linhas molares estão aí presentes, orientando determinada prática? E, se o projeto era caminhar, por que se fez o uso do ônibus?

Contudo, a travessia pelos bairros periféricos permitiu alguns vazamentos no costumeiro. Na leitura do diário, parece ser nesses lugares que mais forças se movimentaram, produzindo acontecimentos. Interiorizados, podem ser esses os trajetos que mais comportam devires (DELEUZE, 1997).

Por último, pergunta-se: Quais as linhas de fuga surgiram no encontro com os bairros periféricos? Como dizer acerca delas construindo outros saberes não apenas científicos, mas também poéticos e filosóficos, inventando outras maneiras de ver e dizer acerca do que aconteceu na cidade?

7 BR, aqui, refere-se às rodovias que dão acesso à cidade. Quando apareceram no diário, nem todas as vias eram de fato BR (nomeadas assim por serem estradas federais). Porém, manteve-se o modo como foram nomeadas pelo arquiteto em suas narrativas errantes.

Rastro Quatro: ciência, arte e filosofia

Para dar conta daquilo que aconteceu, o arquiteto segue os rastros deixados por sua formação em Arquitetura e Urbanismo. Busca compreender como ela o foi constituindo e se questiona acerca de outras formas possíveis de aprender acerca da cidade, sobretudo através do caminhar.

Tal questionamento tem por base a afirmação de Deleuze e Guattari (2010) da existência de três formas, ou caóides, do conhecimento: a ciência, a arte e a filosofia. A ciência objetiva fabricar functivos, que se apresentam como funções e proposições. A arte trata de criar afectos e perceptos, ou seja, novas formas de sentir e outras paisagens para habitar. A filosofia, por sua vez, ocupa-se dos conceitos, que tornam possível a existência de um mundo.

Tanto a ciência quanto a arte e a filosofia podem ser vistas, também, a partir de suas linhas. Quando um saber se estratifica, sendo um exemplo disso os próprios dizeres acerca da formação quando institucionalizada, uma linha molar opera desenhando seu contorno. É a partir dessa forma criada que se fundam modos de ver e dizer acerca de algo. Por isso, ao se perguntar acerca das molaridades que o constituem, o arquiteto interroga certo tipo de sensibilidade (DELEUZE, 2005) que nele habita, em decorrência do que foi aprendendo no percurso da vida.

Para averiguar suas molaridades, realizou um estudo no campo científico da formação em Arquitetura e Urbanismo, afim de apreender o que dizem sobre ela. Tal busca ajudou-o a perceber as linhas que o produziram e o produzem enquanto um profissional dessa área.

Primeiramente, ele buscou enunciados acerca da formação a partir do portal de periódicos da CAPES⁸, utilizando-se tais palavras chaves: formação arquiteto, formação arquitetura, formação Arquitetura e Urbanismo⁹. Dentre as dissertações e teses encontradas, a maior parte foi excluída por fugir da temática do trabalho. Das que ficaram, constatou que, em sua maioria, referiam-se ao processo de consolidação da profissão, tanto à nível global quando nacional.

Da busca, deu-se conta que a maioria dos estudos vinculados à formação encontram-se no banco de dissertações e teses da Universidade de São Paulo (USP), conservando geralmente a linha histórica. Dentre elas, escolheu cinco, que dizem

8 <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

9 A partir de uma busca por assunto, tem-se os seguintes números de dissertação e teses encontradas no site periódicos da capes: 1) Formação arquiteto: 100 resultados; 2) Formação Arquitetura e Urbanismo: 154 resultados e 3) Formação arquitetura: 561 resultados.

sobretudo da formação enquanto processo, conforme Tabela 02 (em anexo).

Também, buscou eventos de pesquisa na área de Arquitetura e Urbanismo que incluíssem eixos destinados à formação, encontrando apenas um: o Grupo de Trabalho Formação e exercício profissional no mundo globalizado, do III Enanparq, organizado pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo em 2014, contendo cinco artigos.

O arquiteto chegou à conclusão de que os artigos produzidos pelo GT se encontram mais próximos às necessidades do presente, como quando se olha para os acontecimentos que ocorrem abaixo da ponte, ao nível do solo. Dos cinco artigos, quatro deles trazem um pensamento acerca da profissão no mundo globalizado, dizendo mais como ela tem operado nos dias de hoje do que dos significados e gêneses da prática, conforme Tabela 03 (em anexo).

O saber acerca das molaridades da formação pode, assim, produzir sentido para as repetições presentes na sobreposição dos mapas, permitindo-o compreender em parte as escolhas realizadas e os caminhos tomados durante as errâncias. Já as forças que ocorreram no decorrer do trajeto, apreendidas no diário, tornam possível pensar a formação sob outras perspectivas, como a da arte e a da filosofia.

Porém, qual a necessidade de ir além do campo da ciência e problematizar a formação por meio de outras caóides? Para Deleuze (2016) tal movimento se faz necessário quando há um problema em comum que atravessa as variadas áreas do saber.

Assim, o arquiteto que pensa sua formação a partir do caminhar encontra com um artista ou um filósofo que também caminha e atenta: “Tenho um negócio em comum com ele, um problema comum, este daqui” (DELEUZE, 2016, p. 337): eles também caminham. Assim,

(...) a filosofia, a arte e a ciência entram em relações de troca, mas a cada vez por razões intrínsecas. (...). Nesse sentido, é preciso considerar a filosofia, a arte e a ciência como espécies de linhas melódicas estrangeiras umas às outras e que não cessam de interferir entre si (DELEUZE, 2013, p. 160).

Dessa maneira, fez-se um encontro com Francis Alÿs (2006; 2007; 2008; 2010) no campo da arte. Aí, o arquiteto ficou sabendo que o artista também realizou sua formação em Arquitetura e Urbanismo, formando-se na Bélgica e se doutorando na Itália. O caminhar, por sua vez, surge mais tarde, quando ele se muda para o México em 1986, afim de trabalhar nas obras de reconstrução da capital, destruída por um terremoto em 1985.

No país latino, encontra com o impensável. A imagem da megalópole, após o abalo sísmico, fora destruída. Seus saberes, aptos a organizar o espaço, não deram conta de apreender o caos do lugar. Segundo ele, “quando se é confrontado com uma complexidade vertiginosa de uma cidade cuja natureza é esmagar você, precisa-se reagir a essa complexidade de alguma forma” (ALÿS; FERGUSON, 2007, p. 8). No seu caso a reação foi, durante algum tempo, caminhar e se afetar pelas forças emitidas pela cidade, na tentativa de criar uma compreensão acerca da mesma (ALÿS; MEDINA; DISERENS, 2006) através da interação com o contexto social do país (MEJÍA, 2015).

Em uma das primeiras obras denominada O Coletor (1991), o artista caminhou puxando um pequeno carrinho imantado, em formato de cachorro. Com ele, coletava fragmentos metálicos das ruas por onde passava, registrando a obra em vídeo. Expressava, de certa forma, sua própria vida: a de um estrangeiro que precisou se abrir ao outro da cidade, capturando pequenas frações da vida urbana que o permitissem criar uma segunda pele, ou um novo saber que dessa conta de compreender o caos da capital.



Figura 05 - O Coletor. Fonte: ALÿS; FERGUSON, 2008.

Já em Às vezes fazer algo não leva a nada (1997), Alÿs caminha pelas ruas da cidade empurrando um grande bloco de gelo. Sob o sol forte, a prática dura o dia inteiro, até que a peça se derreta completamente. Com ela, buscou problematizar a maneira como a economia informal se desenvolve na América Latina: num desequilíbrio entre esforço de trabalho e efeito ou recompensa. Tal obra já aponta certa territorialização de Alÿs no México, pois nela ele se mostra capaz de dialogar com os

acontecimentos políticos, econômicos e sociais do país. Assim, vai além das linhas moleculares surgidas em sua primeira desterritorialização, problematizando também as molaridades que o atravessaram.



Figura 06 - Às vezes fazer algo não leva a nada. Fonte: ALÿS; FERGUSON, 2008

O arquiteto percebe a riqueza da prática artística de Francis Alÿs na sua tentativa em criar algo sem cair no domínio da representação ou da reconhecimento. Inclusive, foi a partir da impossibilidade de representar e significar o caos urbano que ele passou a intervir na realidade, à maneira da cartografia. Nela, “toda pesquisa é intervenção (...) pois a intervenção sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência” (PASSOS; BARROS, 2015, p. 17).

Para compreender o processo de criação de Alÿs, o arquiteto vasculhou primeiramente seu site¹⁰. Lá, pôde experimentar parte da obra a partir dos registros em vídeo das performances realizadas, em sua maioria no México. Também, buscou entrevistas feitas com o artista, na tentativa de apreender aquilo que é dito sobre o trabalho, especialmente a partir de catálogos das exposições. Tal material pode ser encontrado, em parte, no seu site. Além disso, teve acesso ao catálogo chamado Francis Alÿs (2007), lançado na Inglaterra pela Phaidon, que comporta entrevistas com o artista e comentários de críticos de arte acerca da sua produção.

No campo acadêmico, ao buscar pela palavra “Francis Alÿs” em repositórios de universidades, depara-se com alguns trabalhos realizados. Foram escolhidos apenas os que possuíam o nome do artista no título, delimitando assim o campo desta etapa

10 <http://francisalys.com/>

da pesquisa.

Dentre eles, Francis Alÿs: percursos e desvios foi uma monografia de conclusão de curso apresentada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). De autoria de Clara Laurentiis (2014), aborda questões acerca da “possibilidade de atuar na cidade sem ser capturado pelos movimentos do neoliberalismo que moldam as cidades contemporâneas” (LAURENTIIS, 2014, p. 9), sendo Alÿs um exemplo vivo de resistência.

Outro achado foi a dissertação de mestrado intitulada Caminhar na cidade: experiência e representação nos caminhares de Richard Long e Francis Alÿs: depoimentos de uma pesquisa poética, defendida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). Nela, Beatriz Falleiros Rodrigues (2007) busca compreender as formas de inscrição e atuação de artistas caminhantes no meio urbano.

O movimento na obra de Francis Alÿs é uma dissertação proveniente da Universidade de Aveiro em Portugal, mais especificamente do Programa de Pós-Graduação em Criação Artística Contemporânea. Apresentada por Ana Catarina Marques de Almeida (2011), estuda as formas de expressão que tornaram possível a Francis Alÿs emergir no campo da arte, tais como a performance e o vídeo arte. Depois de estudar diversas obras do artista e se inspirar nelas, olhando-as sob o viés do conceito de movimento, propõe um método de intervenção própria.

Assim, o arquiteto foi constituindo uma compreensão da prática do caminhar na invenção de outros afectos (maneiras de sentir) e perceptos (paisagens que se criam). É a partir de um certo tipo de deslocamento, que sai à deriva ou em errância pela cidade, que Francis Alÿs constituiu a sua própria vida como obra de arte, não dissociada dos menores e maiores problemas que o atravessaram, como aqueles relacionados à sua constituição subjetiva até as problemáticas sociais do México.

Na terceira caóide, por sua vez, dá-se o encontro com Friedrich Nietzsche, filósofo que caminhou exaustivamente para compor seus aforismos. As caminhadas iniciaram em sua vida depois de um adoecimento, que o levou a solicitar uma licença de um ano das suas funções de professor na Universidade da Basileia, na Suíça. Nesse período de descanso, parte para Sorrento, na Itália, acompanhado de mais três amigos (D’IORIO, 2014). Lá, faz longas caminhadas pelos penhascos junto ao mar, afirmando uma grande saúde surgida após longo período de convalescença que o possibilitou pensar de outra maneira.

O arquiteto estudou, então, como se deu o processo de vir a ser um filósofo

errante em Nietzsche, que passou a incluir a prática do caminhar em seu cotidiano. D'iorio (2014) deu as primeiras pistas, narrando os longos passeios do filósofo alemão na Itália e sua relação com a grande saúde, caracterizada como um “excesso que dá ao espírito livre o perigoso privilégio de poder viver por experiência e oferecer-se à aventura” (NIETZSCHE, 2005, p. 11).

A partir desse princípio, Nietzsche refuta um ideal de conhecimento que tende a encontrar uma verdade fixa e a buscar a essência do mundo. Contrariando a metafísica da época, apresenta o conhecimento como a totalidade dos sintomas de uma condição de corpo, que se dá apenas e através da experiência, sendo ele uma pluralidade de pontos de vista diferenciados. Dessa forma, o arquiteto pesquisa a ideia de grande saúde na obra nietzschiana. Identifica-se o conceito em três de seus livros: em *Humano, demasiado humano* (1878); na *A gaia ciência* (1882) e em *Ecce homo* (1888).

Em *humano demasiado humano*, Nietzsche (2005) caracteriza a grande saúde como uma força plástica, curativa, reconstrutora e restauradora que sucede um período de sofrimento. *Gaia ciência* traz o aforismo 382 com o título de *A grande saúde*. Nele, o conceito é apresentado como algo “que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar” (NIETZSCHE, 2012, p. 259). Trata-se de uma saúde necessária àqueles que lidam com os ideais decadentes da cultura que já perderam o sentido, buscando por isso transvalorá-los.

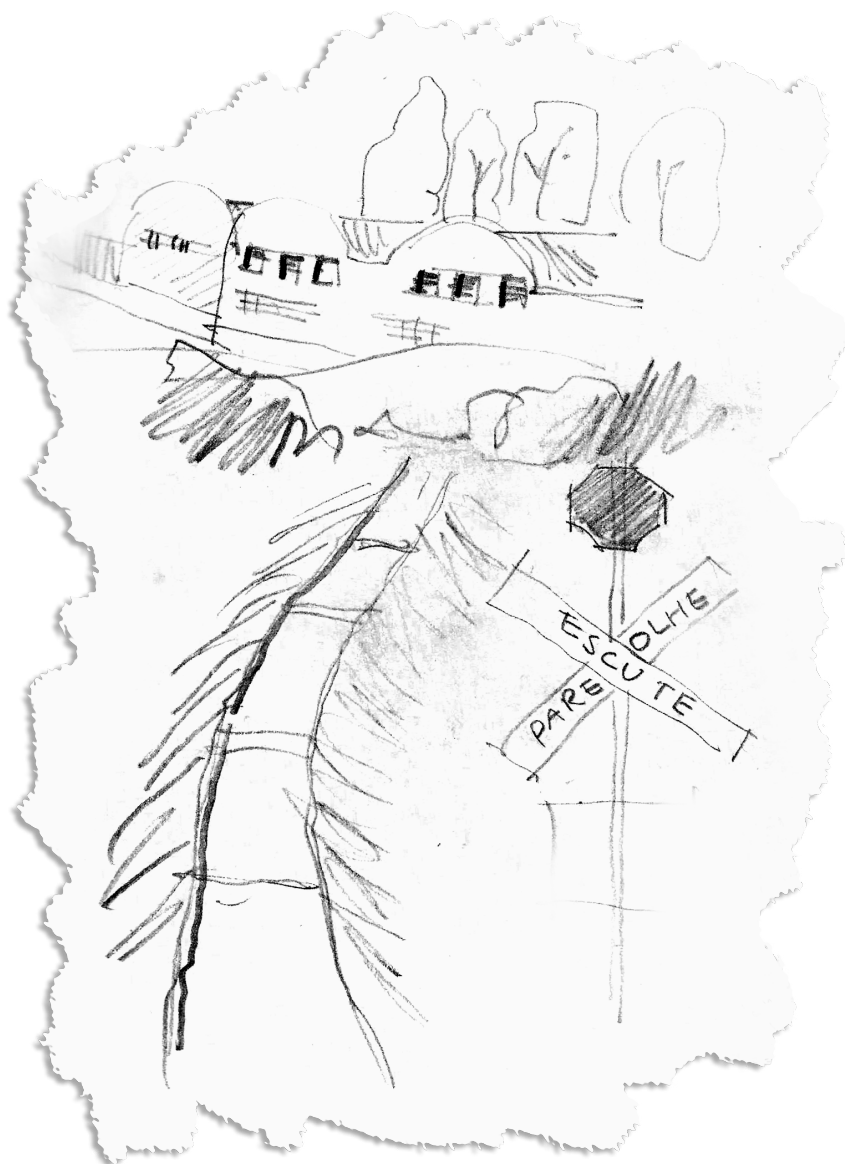
Por isso, em *Ecce homo* Nietzsche conta de como, ao caminhar pelas montanhas de Sils-Maria na Suíça, Zarathustra veio à sua mente. Segundo ele, “de repente, com uma seriedade e uma fineza indizíveis, algo se torna visível, audível, algo que é capaz de sacudir e modificar uma pessoa no mais profundo de seu ser” (NIETZSCHE, 2011, p. 115). Para suportar essa nova maneira de sentir, que leva o espírito a “um estar-fora-de-si” (idem), é preciso uma Grande saúde, pois se lida com a perda de um ideal que anuncia a criação de um outro olhar, escuta, tato e voz. Nesse sentido é que o conceito se faz necessário, pois dá a ver um outro mundo, conforme a paisagem criada por Deleuze e Guattari:

Há, nesse momento, um mundo calmo e repousante. Surge, de repente, um rosto assustado que olha alguma coisa fora do campo. Outrem não aparece aqui como um sujeito, nem como objeto, o que é muito diferente, como um mundo possível, (...) um mundo assustador. Esse mundo possível não é real, ou não o é ainda, e todavia não deixa de existir (...). Outrem é, antes de mais nada, a existência de um mundo possível (2010, p. 24 – 25).

Era para apreender tal mundo possível que Nietzsche caminhava, experimentando um modo de vida singular, enquanto a massa dos cidadãos e cidadãs da época se tornava cada vez mais um todo indiferenciado. Acerca do processo de escrita, conta ele que “tudo, a não ser talvez por algumas linhas, foi pensado durante os trajetos e rabiscado a lápis em seis caderninhos” (NIETZSCHE apud GROS, 2010, p. 24). Dá a ver, assim, a força de um pensamento que nasce ao “ar livre e em livre movimentação – quando também os músculos estiverem participando da festa” (NIETZSCHE, 2011, p. 48) e isso ressoa na tentativa do arquiteto em afirmar uma formação que se faz ao caminhar.

Logo, são essas três linhas, da ciência, da arte e da filosofia, que virão a compor as análises dos pontos extensivos apreendidos a partir da sobreposição dos mapas no capítulo a seguir, produzindo sentido a eles. O arquiteto, partindo disso, põe-se a problematizar as linhas molares da formação, indo em busca de outras possibilidades de ser arquiteto e urbanista hoje em dia, seguindo linhas moleculares e de fuga que acontecem em meio à vida, à cidade, à educação, à arte e à filosofia.

Movimento analítico: maneiras de ver e dizer



“Existem momentos na vida em que a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir” (FOUCAULT, 2014, p. 13).

A rodovia BR: o insistente retorno às molaridades

Durante o levantamento dos pontos extensivos nos seis trajetos realizados, a rodovia BR surge como elemento marcante em quatro deles: em 17 de agosto (trecho 01), 24 de agosto (trecho 02), 14 de setembro (trecho 03) e 04 de outubro de 2016 (trecho 05). O mapa a seguir sobrepõe o percurso com as linhas rodoviárias consideradas como BR, em vermelho.

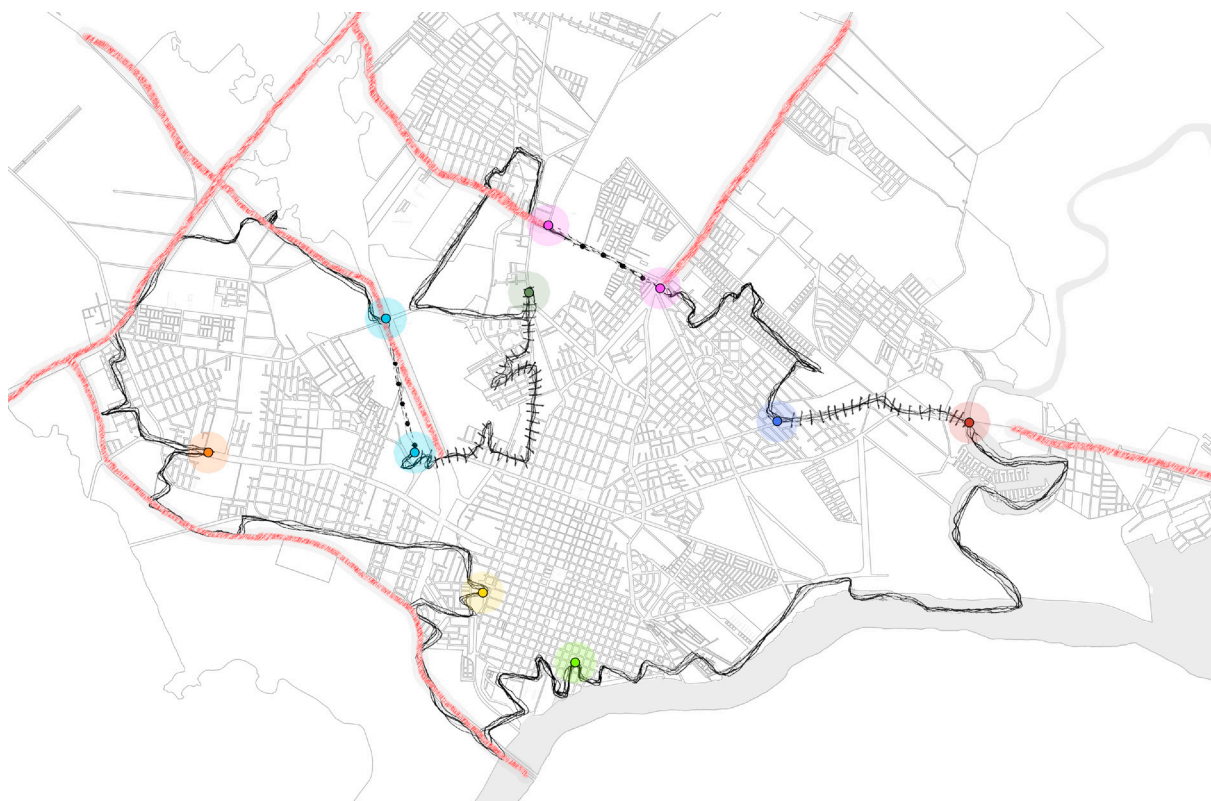


Figura 07 - Marcação do percurso e da rodovia BR. Fonte: Gustavo Nunes, 2018.

A partir da sobreposição dos mapas o arquiteto se pergunta, primeiramente, por que o percurso do seminário Explorações urbanas diversas vezes se reterritorializou no asfalto, sobre a rodovia BR, quando o objetivo era errar pelos limiares da cidade?

No trecho 01 (mapa da página 20), após o grupo realizar um ritual de iniciação no Quadrado, adentrar um bairro periférico, permanecer algum tempo nas pontes, chegam então na BR, que os leva ao Fragata e à estação férrea, onde finalizam o percurso. No trecho 02 (mapa da página 21), após caminharem através dos trilhos, chegam na rodovia, para depois cruzarem um bairro periférico e finalizarem o percurso na Av. Duque de Caxias, retornando ao Quadrado. A BR foi cruzada no trecho 03 (mapa da página 22) quando o grupo adentrou o bairro industrial, finalizando o trajeto numa parada de ônibus próxima à estação rodoviária da cidade. No trecho 05 (mapa da pá-

gina 23), após descer do ônibus, o arquiteto se encontra com o restante do grupo na Praça do Colono, próximo à Av. Dom Joaquim, chegando logo em uma via rápida que leva ao futuro bairro planejado chamado Quartier. A caminhada acabou quando se fez o retorno à Av. Fernando Osório.

Ao ler as notas do diário, o arquiteto se pergunta: O que aconteceu enquanto se caminhava na BR? Percebe, na leitura, que nada de relevante foi narrado e a rodovia apareceu apenas como elemento de passagem, não produzindo outros estados no pensamento. Dessa forma, não se foi além de uma experiência desenhada por uma linha molar, cujo contorno é endurecido devido à escassez das possibilidades de abertura ao inusitado, que tende a produzir o novo. Logo, por que então a BR foi atravessada inúmeras vezes?

Primeiramente, pode-se afirmar simplesmente que tal escolha foi involuntária, posto que a rodovia funciona como uma via de circulação intensa que circunda o perímetro da cidade. É por ela que entram as mercadorias, os habitantes em deslocamento e os turistas. Todavia, a proposta do seminário era ir além disso, vivenciando o limite entre urbano e rural, espaço planejado e sem planejamento, a fim de obter outro tipo de experiência da cidade para poder, desta maneira, pensa-la de forma diferente.

Tal experiência exigiria, sobretudo, um “perder-se”, como afirma Careri (2017, p. 104) na esteira das correntes artísticas do dadaísmo, surrealismo e situacionismo, mas um “perder-se para conhecer” (CARERI, 2013, p. 171), encontrando na errância aquilo que ainda não se conhece. Porém, como constatado, nem sempre isso aconteceu, havendo momentos com baixos níveis de intensidade, ou seja, com poucos encontros que possibilitassem relações e trocas de força com o outro.

Essa sensação, de apatia, também foi experimentada por Francis Alÿs quando ainda estudava no doutorado o desaparecimento dos animais no meio urbano e, por isso, visitou diversas cidades medievais que passaram pelo processo de higienização. Ao chegar em Palmanova (figura 08), desenhada de maneira altamente racional e geometrizada, em forma de estrela, percebe a ausência de acontecimentos e tem a sensação de atravessar um lugar inabitado.

Nesse espaço, ele conclui que:

Eu não poderia pensar em nenhuma resposta urbanística, arquitetônica ou artística para sacudir a apatia do lugar. Eu não poderia convencer a mim mesmo que adicionando um objeto, um som ou uma arquitetura naquele lugar em nenhum sentido alteraria a percepção de seus próprios habitantes ou os de fora (MEDINA et al, 2007, p. 58).



Figura 08 - Cidade de Palmanova, Itália. Fonte: Google Maps (montagem do autor)

Assim como a cidade descrita por Alÿs, a rodovia BR também se configura como um espaço destituído de eventos e encontros, muitas vezes não havendo nem mesmo um lugar destinado ao pedestre. Marc Augé, em diversos escritos, qualificou esses ambientes como não-lugares, definindo-os como

(...) instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e dos bens (vias rápidas, nós de acesso, aeroportos) como os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são arrebanhados os refugiados do planeta (2005, p. 33).

Espalhados de forma homogênea ao redor do mundo, ou seja, sem levar em consideração as singularidades da cultura de cada local, os não-lugares são espaços em que o indivíduo não estabelece relações consigo, com o outro ou com uma história coletiva. Simplesmente, eles são destituídos de sentido e servem apenas para que se possa “fazer cada vez mais coisas em menos tempo” (AUGÉ apud SÁ, 2014, p. 210).

Tais espaços anulam, quase sempre, a possibilidade de encontro e, eliminando-os ou dificultando-os, o pensamento permanece em repouso, não sendo levado a pensar. Dessa maneira, conserva-se apenas um saber adquirido por instituições molares, como a Universidade que, através de um modelo de oferta de determinados conteúdos, como aqueles que ensinam acerca do projeto arquitetônico e são a espinha dorsal dos currículos (KATAKURA; SEGNINI; 2014), asseguram um território formativo de imagens já prontas para serem decalcadas na realidade.

O contrário disso é posto por Deleuze (1988) ao afirmar um pensamento sem imagem, ou seja, que não está baseado em algo dado de antemão, mas se encontra em processo de criação. Para que isso seja engendrado no pensamento, é necessário o encontro com uma força ou um signo que o violenta, coagindo-o a sair de sua atual inércia.

Para pensar a cidade, nessa perspectiva, o arquiteto e urbanista, ou qualquer

outro profissional, necessita tornar-se “dotado para os signos, predispor-se ao seu encontro, expor-se à sua violência” (DELEUZE, 2003, p. 95). Só após ser afetado por eles é que se inicia um processo de tradução, decifração, desenvolvimento e elaboração de sentido ao encontro (DELEUZE, 2011), dando a ver um modo de aprender que se dá a partir da experiência e não de uma aquisição de determinado saber.

Porém, enquanto não há abertura ao encontro e se retorna, inclusive, à rodovia BR repetidas vezes, faz-se aquilo que Deleuze (1988) chamou de reconhecimento do pensamento, uma das características de uma imagem dogmática que o impede de chegar ao novo. Lynch, teórico do urbanismo, a chamará de imagem pública, que comporta “as figuras mentais comuns que um grande número de habitantes de uma cidade possui” (1988, p. 17). Estas servem para orientar o indivíduo no espaço, posto que segundo ele o medo e outras sensações desagradáveis são derivadas da desorientação e devem ser evitadas. Para que isso ocorra,

Cada indivíduo tem uma imagem própria e única que, de certa forma, raramente ou mesmo nunca é divulgada, mas que, contudo, se aproxima da imagem pública e que, em meios ambientes diferentes, se torna mais ou menos determinante, mais ou menos aceite (ibidem, p. 57).

É dessa maneira que o autor, a partir de uma pesquisa com habitantes de três cidades estadunidenses (Boston, Nova Jersey e Los Angeles) chega em cinco elementos que pautam uma imagem dogmática (DELEUZE, 1988) no pensamento cidadão. As vias, os limites, os bairros, os cruzamentos e os pontos marcantes servem, então, para dar legibilidade ao meio ambiente e evitar momentos de desorientação, através de uma reconhecimento desses significantes na paisagem. Esse movimento funciona da seguinte maneira:

No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem do meio ambiente, a imagem mental generalizada do mundo exterior que o indivíduo retém. Esta imagem é o produto da percepção imediata e da memória da experiência passada e ela está habituada a interpretar informações e comandar ações. A necessidade de conhecer e estruturar o nosso meio é tão importante e tão enraizada no passado que esta imagem tem uma grande relevância prática e emocional no indivíduo. (...). A imagem de um bom ambiente dá, a quem a possui, um sentido importante de segurança emocional. (LYNCH, 1988, p. 14 - 15).

Além disso, o autor delimita ainda que, no processo de orientação, em que a maior parte dos cidadãos busca reconhecer os cinco pontos mencionados, “os elementos mais importantes são as vias ou os bairros” (ibidem, p. 58). A BR, talvez por

ser uma via de circulação rápida, ter dimensões maiores que o restante das ruas e circundar quase todo o perímetro urbano, atraiu diversas vezes os caminhantes do seminário Explor-ações urbanas, impedindo-os de errar pelo limiar e encontrar o outro.

Os exemplos citados, da cidade de Palmanova com sua apatia e ausência de acontecimentos (MEDINA et al, 2007); da presença homogênea de não-lugares na contemporaneidade (AUGÉ, 2005); da imagem dogmática do pensamento e sua relação com a reconhecimento (DELEUZE, 1988) e uma imagem pública da cidade (LYNCH, 1988) dizem de uma resistência do pensamento em pensar diferente e sair das linhas molares que o desenham. A formação, que muitas vezes segue esse padrão, fecha-se em seu próprio território e não se abre ao outro, por não conseguir reconhecê-lo. Assim, na medida que os saberes nela implicados não dão conta de significar o desconhecido, não se vai além disso e assim não se produzem novos sentidos.

Esse fechamento, por sua vez, é uma medida de proteção frente aos movimentos de territorialização e desterritorialização do pensamento, que podem pôr molariades a variar. O arquiteto supõe que, por causa disso, tende-se a caminhar sempre por locais familiares e com menor probabilidade de encontro, mantendo à salvo os saberes já adquiridos de abalos contingentes. Todavia, quais conhecimentos formativos são esses que, de tão impregnados, não se permitem modificar?

Ferreira (2014), ao analisar o problema da formação, aponta que no mundo globalizada, onde o neoliberalismo vem se espalhando, tem havido uma rápida mercantilização do ensino. Nesse processo, as instituições cada vez mais realizam uma busca por alunos-clientes ao invés de “formar profissionais competentes para atuarem na sociedade” (ibidem, p. 2).

A autora coloca, assim, duas figuras do arquiteto e urbanista nos dias de hoje, enfatizando o caráter dicotômico da profissão, que se expressa inclusive em sua nomenclatura composta. Aí, ora se é um profissional autônomo e prestador de serviços, funcionando numa lógica arquiteto-cliente que tende a alcançar sobretudo os estratos sociais economicamente mais abastados. Ora se é um “profissional apto para contribuir na solução dos problemas espaciais das concentrações urbanas de diversas naturezas” (ibidem, p. 3). Todavia, à primeira figura é dada maior importância e se expressa na formação da seguinte maneira:

(...) observa-se no ensino da Arquitetura e Urbanismo, em algumas instituições, a relevância dos estudos das disciplinas de projetos arquitetônicos, preparando o profissional para atender aos interesses do(s) “cliente(s)”, e, consequentemente, ao mercado, com o prejuízo de projeções que se originem, em primeira instância, do estudo da escala urbana e os seus aspectos

sociais, voltadas para o atendimento dos interesses de toda a coletividade, ao invés de partirem da escala e dos dados do terreno para o qual as edificações serão projetadas, alienando, assim, a esfera urbanística, da qual todo projeto arquitetônico deve emergir (ibidem, p. 3).

É por esse ponto, relativo ao projeto arquitetônico em detrimento do urbanístico, que passam também as discussões de Katakura (2014) e Segnini (2014). Após uma pesquisa realizada no campo da formação profissional, abrangendo dados quantitativos das cinco regiões do país (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte), Katakura (2014) diagnostica que a carga horária de urbanismo, em Faculdades de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, varia de 3% a 17% da carga horária total dos cursos. Destarte, aponta o erro repetitivo de se pensar o urbanismo e a própria cidade como uma escala ampliada do lote e do projeto arquitetônico, ignorando questões mais complexas.

Da mesma forma funciona a formação nos outros países do Mercosul. Todavia eles licenciam um profissional apenas arquiteto, destituindo a palavra urbanista do título a ser recebido. Somente no território brasileiro a unicidade é mantida e assegurada, através da Lei Nº 12.378 de 31 de dezembro de 2010, que também cria o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU), responsável pela fiscalização profissional.

À maneira dos outros países da América do Sul, Segnini (2014) mostra que a França também estabelece outro tipo de formação e regulamenta de outro modo a área da Arquitetura e do Urbanismo. Ao analisar a grade de disciplinas da Escola Nacional Superior de Arquitetura Paris – La Villete, o autor percebe que

(...) o processo de formação do arquiteto tem maior ênfase nos conteúdos do projeto de edificações e os estudos urbanos são abordados enquanto inserção da edificação no ambiente. As outras escolas francesas (total de 20 escolas) também seguem a mesma orientação (ibidem, 2014, p. 7).

Porém, lá, ao invés do urbanismo e o estudo da cidade ficarem presos à uma molaridade institucional, ocorre o contrário. Com o desenvolvimento das ciências humanas e a grande valorização desta área no país, o urbanismo passou a ser um saber multidisciplinar, reivindicado por inúmeros outros campos. Além disso, desde 1919 a Sociedade Francesa dos Urbanistas é a “associação que acolhe os urbanistas e é contra qualquer tipo de regulamentação profissional, considerando seu caráter multidisciplinar” (ibidem, p. 9). Dessa maneira, o conhecimento da cidade está sempre em metamorfose, abrindo-se a diversos olhares, perspectivas e estranhamentos.

Assim, pode-se dizer que é essa abertura que foi impedida ao se realizar uma reconhecimento do caminhar através da BR. Ao se evitar o encontro, foi preservado um saber que se volta ao projeto, impedindo a sua desterritorialização no encontro com os signos da cidade. Tem-se, então, uma imagem dogmática do arquiteto e urbanista enquanto um profissional projetista, garantida por um mercado que prioriza a relação arquiteto – cliente privado e não a do arquiteto – sociedade.

Mesmo que inclusive a Lei de Diretrizes e Bases, que rege a formação, orientem-na para “assegurar a formação de profissionais generalistas, capazes de compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade¹”, às vezes isso não acontece. Foi, inclusive, essa pretensão que fez Francis Alÿs ir se afastando de sua primeira formação em arquitetura.

De acordo com Medina (2007), após o artista belga se mudar ao México para trabalhar nas obras de reconstrução da capital, percebe a impotência do projeto frente a realidade da América, vendo-o como uma espécie de ocidentalização da cultura latina. Isso porque os signos da cidade arrombaram seu pensamento, levando-o a perceber o meio urbano de outro modo e, de certa maneira, fracassar em sua escolha profissional. Arrastado num devir-artista, não retorna às linhas molares da sua própria formação.

A partir dessa perspectiva, considera-se o retorno a BR não apenas como uma impossibilidade do pensamento em pensar diferente, mas também como forma de prudência frente a uma desterritorialização absoluta do pensamento (DELEUZE; GUATTARI, 2012a). Talvez por isso, no decorrer do seminário, o número de alunos foi diminuindo, bem como as distâncias caminhadas se tornaram menos extensas, conforme mapa da página 30.

Na medida em que as errâncias configuraram uma linha de fuga no seio da própria formação, houve sempre o risco de não se chegar a lugar algum ou destituir-se dos saberes já adquiridos, tornando-os obsoletos. O perigo aí está, então, em pouco conseguir inventar outras formas de ver e dizer sobre a cidade, criando no pensamento um vazio destituído de sentido.

Devido a isso, Gil (2008, p. 188) explica que “ter prudência é continuar cada um a conservar consigo pequenas provisões de organismo, de significância e de subjetividade”. Ou seja: não ignorar que há na formação um todo organizado repleto de códigos, hierarquias e segmentos molares; não destituir da linguagem arquitetônica e urbanística todas as suas possibilidades de comunicação e, por fim, não se libertar

1 BRASIL. Resolução Nº 2, de 17 de junho de 2010, p. 1.

completamente de um eu-arquiteto-urbanista, a ponto de se fugir de maneira definitiva da formação.

Tal feito ocorreu, por exemplo, quando o grupo encontrou uma criança armada já no início do seminário e, logo depois, desviou o trajeto em direção às pontes que ligam Pelotas à Rio Grande e depois à BR. A prudência entrou aí enquanto uma tentativa de redução das forças geradas nos encontros, como as da violência que podem a tudo destruir. A rodovia, por ser um local com menos possibilidade de encontros, permitiu uma diminuição no quantum de intensidade, impedindo que a experiência conduzisse à um limiar que pode beirar a destruição de toda forma constituída.

Por fim, pode-se dizer que não há apenas uma explicação para o fato do grupo diversas vezes ter atravessado a BR, traindo o projeto do seminário. Todavia, percebe-se que tal espaço dificulta o encontro com as forças da cidade ou signos urbanos. Por ser povoado prioritariamente por veículos em alta velocidade, circunscreve a borda da cidade e se configura apenas como lugar de passagem e não de vivências.

O ônibus: entre o molar e a fuga

Se foi necessário que o grupo reorientasse o pensamento e insistisse em permanecer em suas linhas molares da formação ao caminhar pela rodovia BR, nem por isso foi negada a possibilidade de saída de tais segmentos. Tal feito ocorreu quando a errância atingiu lugares que fogem ao domínio do projeto arquitetônico. Aí, uma linha molecular² opera, ora habitando a formação tradicional desenhada por uma linha molar, ora experimentando-a de outras maneiras em meio aos acontecimentos, aproximando-se de uma linha de fuga errática.

Conforme Deleuze e Guattari ensinam, essa linha “está presa entre as outras duas linhas, pronta para tombar para um lado ou para o outro — essa é a sua ambiguidade” (2012a, p. 86). Assim, o arquiteto supõe que a possibilidade de saída não apenas de uma formação padrão mas de um modo de vida não-errático foi, algumas vezes, o uso do ônibus. Imagem presente nos trechos 03, 05, 06 e 08 dos mapas, fez-se necessário na medida que os encontros iam se distanciando do centro da cidade, local onde residem a maior parte dos alunos matriculados no seminário Explor-ações urbanas.

Devido ao caráter ambíguo da linha, o ônibus em algumas situações também cumpriu a função de realizar o retorno das bordas — local que foge ao controle da cidade (CARERI, 2014), às organizações molares, reterritorializando os caminhantes. Tal afirmação pode ser sustentada conforme trecho do diário, onde se lê: “Fazia frio e estávamos cansados. Dirigíamos para um ponto de ônibus, que nos levaria novamente à cidade organizada, ao centro histórico, à nossa casa³”.

O arquiteto, quando lê o relato, percebe certo alívio nas palavras, que dizem de um retorno através do transporte coletivo à casa, local onde afetos podem ser plenamente vividos (ROLNIK, 2014). Isso porque a linha molar traz certo conforto, havendo “uma configuração mais ou menos estável, repertório de jeitos, gestos, procedimentos, figuras que se repetem, como num ritual” (ibidem, p. 33). É essa linha, inclusive, que desenha e sustenta um território, possuidor de “um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p.

2 Molecular, na filosofia deleuzo-guattariana, diz de um processo de composição da realidade que se encontra em um movimento ambivalente. Ora vai-se das formas consolidadas às forças intempestivas, ou seja, às intensidades ainda não significadas, que não foram capturadas pelo regime da representação e não estão institucionalizadas por segmentos molares da sociedade. Ora vai-se das forças às formas, com o intuito de torná-las visíveis. Aí, realiza-se todo um trabalho de expressão e criação do novo. Por causa disso, inventam-se novas palavras, conceitos, funções propositivas, paisagens e maneiras de sentir.

3 Relato do dia 14 de setembro.

122).

Assim, enquanto a linha molecular permaneceu voltada às molaridades, além de um retorno ao território, pode-se dizer que o ônibus cumpriu distintas funções. Afora um simples deslocamento, outros exemplos são a proteção contra intempéries, posto que em alguns momentos o transporte serviu para resguardar da chuva. No diário, as imagens que antecedem a decisão de tomar uma condução no dia de 14 setembro, de volta ao centro da cidade e à sua organização molar, são as seguintes: “Cenas da cidade alagada. Chuva e vendaval. Capitalismo. Discursos ecológicos. Água, muita água...⁴”. Também, foram criados dois desenhos:



Figura 09 - Água e chuva durante o trajeto do dia 14 de setembro. Fonte: Gustavo Nunes, 2016.



Figura 10 - Água e chuva durante o trajeto do dia 14 de setembro. Fonte: Gustavo Nunes, 2016.

Com eles, pode-se dizer que, algumas vezes, justamente por tornar possível a errância, o ônibus permitiu certa variação na formação em Arquitetura e Urbanismo. Nesses momentos, a linha molecular foi em direção à linha de fuga. Isso é mostrado no primeiro desenho, onde o grupo estabelece um espaço de leitura coletiva. Agenciando diferentes estilos literários, vai-se além de um saber da formação. Ao abrigarem-se dos pingos d'água com guarda-chuvas, tornaram flexíveis certas molaridades formativas, talvez porque nesse dia

Emanuela sugerira que levássemos livros. Assim, cada um pegou um exemplar e leu alguns trechos. Levei um escrito pelo Frédéric Gros chamado Caminhar, uma filosofia. Havia outros autores: Eduardo Galeano, Suely Rolnik, Jean Baudrillard, Manuel de Barros, Italo Calvino⁵.

Conforme relatado na experiência, é rompida a unicidade da profissão, como coloca Segnini (2014), em prol de saberes de outras disciplinas, irrigando a formação do arquiteto e urbanista com matérias da arte, sociologia, filosofia e literatura. Possibilita-se, dessa maneira, um caráter multidisciplinar cuja importância é enfatizada por Careri (2017), por permitirem um outro ponto de vista na experiência da cidade.

Além disso, na medida em que os saberes da Arquitetura e Urbanismo têm se voltado para o mercado de trabalho através da ênfase no estudo do projeto (FERREIRA; KATAKURA, SEGNINI, 2014) ou dos arquitetos famosos, como coloca Careri:

(...) o modelo de ensino de arte e de arquitetura hoje é o de star system⁶. Estudam-se as stars para tentar tornar-se, algum dia, como elas: devem ser diferentes dos outros, encontrar seu próprio jeito, sua própria assinatura, ser reconhecíveis no mercado, enfim serem autores (CARERI, 2017, p. 109).

Assim, esses momentos beiram o limite da formação. Todavia, tendem de alguma maneira a criar outras possibilidades para o pensamento. Desvencilhando-se da lógica do projeto arquitetônico, tornam-se mais difíceis de serem capturados pelo mercado, pois se distanciam da produção de um produto final. Nesse sentido, a experiência se aproxima da obra Às vezes fazer alguma coisa não leva a nada (1997), de Francis Alÿs. Nela, o artista caminha pelas ruas empurrando um bloco de gelo que vai se derretendo no decorrer do dia.

5 Trecho do dia 14 de setembro.

6 Sistema de estrela, em português.



Figura 11 - Às vezes fazer algo não leva à nada. Fonte: Alÿs, 2008.

Segundo Medina, com a peça de gelo “Alÿs estabelecia uma crítica da escultura como produção de objetos de prestígio permanentes” (MEDINA; DISERENS; ALÿS, 2006, p. 63). No seminário Explor-ações, após o ônibus conduzir os alunos ao ponto de errância tornando possível a linha de fuga, a tendência foi justamente o desfazimento de tal imagem dogmática que se volta à materialidade do projeto de arquitetura, levando os estudantes a encharcarem-se com os signos da cidade. E estes, por sua vez, geralmente não pedem uma resposta arquitetônica e sim uma atenção diferenciada ao presente, pois fogem dos saberes instituídos, como a água que escorre do bloco de gelo à medida que ele se derrete. Tal atenção é como um cuidado e trata-se de

Uma atenção cuidadosa do presente como o atual, como o que é e existe, como o que se mostra, se expressa e se exhibe. Olhar é uma forma de cuidar do presente, uma maneira de prestar atenção e de colocar sob guarda o que nos preocupa (BÁRCENA, 2004, p. 172).

O escritor Perec também coloca tal forma de olhar e faz disso um método, cuja máxima é “interrogar o habitual” (2008, p. 23). Como o segundo desenho, que mostra alguém absorto na paisagem, em meio à chuva, à água e à vegetação. Tem-se aí uma cena lenta, em que a atenção se demora sobre a ambiente e que, paradoxalmente, é possibilitada pelo ônibus. Isso porque a velocidade é outro ponto que justificou o uso do transporte público.

Quanto mais o grupo se distanciava do centro da cidade, a ida até o local de encontro marcado no mapa demandaria muito tempo e preparo físico. Apenas os momentos de errância durante o horário do seminário Explor-ações urbanas já exigiam bastante do corpo, conforme o questionamento presente no diário: “O que as caminhadas ensinam é a pergunta que sempre retorna. Por ora, ensinam a caminhar, a

gostar do cansaço no final do dia⁷”.

Assim, ao mesmo tempo que o ônibus fugia de uma formação errática — posto que seu uso possuía uma intenção, é ele que tornou a errância possível, quando em sua dimensão molecular se voltou para a linha de fuga, escapando de uma formação dogmática. Nesse emaranhado de linhas, inclusive o seminário estava envolto em meio às suas, pois devia se adaptar às molaridades da Instituição que possui uma lógica temporal própria.

Esse ir e vir, da casa (ambiente fechado) à errância (ambiente aberto) e da errância (ambiente aberto) à casa (ambiente fechado) parece ser, mesmo que paradoxal, positivo. Diz-se isso porque o movimento tende a evitar o “endurecimento de difícil modificação” (DELEUZE; GAUTTARI, 2012a, p. 87) da linha molar e o caos da linha de fuga.

A afirmação é feita porque uma formação em Arquitetura e Urbanismo completamente errática talvez não fosse viável, necessitando-se um retorno à casa ou, dizendo filosoficamente, ao território (DELEUZE; GUATTARI, 2012b). À maneira da expressão forjada por Deleuze dita à Parnet: sair da filosofia pela filosofia, “mas sair da filosofia não quer dizer fazer outra coisa, por isso é preciso sair permanecendo dentro” (2001). Da mesma maneira, sai-se de uma formação padrão em Arquitetura e Urbanismo e se vai em direção dos diversos signos da cidade, bem como de outras áreas do conhecimento devido a diversidade do seminário, produzindo no território da formação em Arquitetura e Urbanismo alguma diferença.

Nietzsche, em suas caminhadas por Sorrento e Sils-Maria, faz pequenas anotações do que se passa em seu pensamento, ao colocá-lo em contato com o ar livre (D’IORIO, 2014). Porém, a escrita nasce de fato quando retorna à sua pousada, onde pode sentar e escrever. Logo, é esse deslocamento molecular que o ônibus proporcionou nesta experiência específica do seminário Explorações urbanas. Com ele sai-se de uma formação tradicional, cuja imagem dogmática é a do projeto, indo-se ao encontro de outras forças nos limiares da cidade, quando se volta para a linha de fuga. Aí, depara-se com os signos que se dão nas bordas urbanas, possibilitando modificações na estrutura de um saber que outrora dava pouca importância a isso.

Trata-se da inserção, nas molaridades, de linhas de desorganização, como afirma Miguel (2015c). Estas instituem uma segmentaridade flexível e desmobilizam a “dureza dos contornos, manchando-os, alterando-os, fazendo entrar elementos que não deveriam estar ali” (ibidem, p. 108). O ônibus, nesse sentido, ao penetrar a forma-

ção a moleculariza pois, usualmente, ela se faz entre quatro paredes.

O veículo permite, também, uma viagem. Esta se faz dentro de uma mesma cidade. Nietzsche dá um exemplo da potência do deslocamento para produzir pensamento, pois toda sua vida oscilou numa linha molecular que ia da filosofia às forças da natureza, cósmicas e invisíveis, que o fizeram afirmar a vida como vontade de poder. Aí, ele foi liberando seu pensar das amarras molares da razão ocidental e, após pedir licença durante um ano da Universidade da Basileia, onde ocupava o lugar de professor de filologia, permitiu-se viajar para Sorrento, na Itália (D'IORIO, 2014), onde dá início à expressão de seu pensamento.

Durante os passeios, experimentava uma infinidade de sensações, levando-as depois para seus escritos. As ilhas bem-aventuradas, em que Zaratustra diz da criação como libertação da dor e afirmação da vida e onde seus discípulos vivem são, na verdade, a imagem da ilha de Ischia (idem). Tal lugar era observado por Nietzsche durante suas caminhadas de Sorrento à Nápoles, que davam ao seu pensamento a possibilidade de fabular a partir dos signos que o atravessavam.

Assim, essa linha molecular possibilitada pelo ônibus permite justamente esse movimento: ver e experimentar a paisagem urbana para depois pensa-la, e não o contrário. A partir daí, então, pode-se pensar um projeto arquitetônico, urbanístico, paisagístico permeado pelos elementos que já estão na paisagem, à espera para serem apreendidos, e, como faz Nietzsche com sua matéria que é a filosofia, transvalorados.

Como o movimento do ônibus, que vai e regressa sempre à mesma parada, mas à cada retorno traz um passageiro diferente. A cada volta é habitado por outras pessoas, outras matérias, atravessando outros acontecimentos em seu trajeto. Dessa maneira, há uma aproximação do contexto, sempre tornado outro a cada repetição, aberto à uma nova criação de sentido e, talvez, pensado enquanto possibilidade para o projeto.

Conforme diz Ardenne acerca da arte contemporânea, ela “tem que estar ligada às coisas de todos os dias, produzir-se no momento, em relação estreita com o contexto, precisamente” (2002, p. 10). Também a formação em Arquitetura e Urbanismo pode fazer isso, tornando-se mais contextual, tal qual fez Alÿs em sua performance com os sapatos magnéticos. Com eles, caminhou pela cidade à espreita de novos encontros, magnetizando o entorno. Dessa maneira, atraiu para si outros corpos, realizando junto a eles pequenas trocas afetivas.



Figura 12 - Zapatos magnéticos. Fonte: Alÿs, 1994.

Na experimentação, o ônibus funcionou tal qual o sapato de Alÿs: como um meio ou recurso para vencer a distância, proporcionando uma outra experiência temporal. Assim foi criado sentido para o uso do transporte durante o seminário Explor-ações urbanas. Na leitura do diário, o arquiteto não encontra cenas em que foi discutido tal meio de deslocamento, porém o veículo fez parte do processo de errância pela borda da cidade, tornando-se um ponto de força nos mapas cartográficos. Agiu não apenas como uma condução, mas como um movimento da formação molar à errática, abrindo-a a novos encontros e lhe dando um contorno menos endurecido.

Porém, que encontros foram esses e que diferenças produziram em termos formativos? Quais foram as linhas de fuga criadas na experimentação? O que foi aprendido nas errâncias realizadas que fogem ao molar e molecular, servindo de matérias para se afirmar e pensar o que ainda não está dito pela e na formação?

Os bairros periféricos: onde foge?

Na sobreposição dos mapas os bairros periféricos foram os pontos extensivos mais atravessados por linhas e, por isso, com maior força para serem pensados. De certa forma, todos os percursos tangenciaram e atravessaram esses lugares.

Assim, se a BR permitiu uma reconhecimento do pensamento e seu consequente retorno às linhas molares e o ônibus oscilou entre elas e a errância, é nos bairros que se criam linhas de fuga na formação. São nelas que está contida a possibilidade do arquiteto pensar de maneira diferente e imanente, ou seja, indo buscar por via dos acontecimentos matérias de expressão que fogem aos saberes da Arquitetura e do Urbanismo para criação de sentido ao que se passa em meio à cidade.

Para investigar os eventos que causaram diferenças numa formação, ou seja, produziram devires no pensamento, o arquiteto busca dar atenção àqueles que foram mais intensos e ocorreram nos encontros realizados nos bairros localizados nos limiares da cidade. Isso porque, na perspectiva aqui adotada, pensar é dar expressão às forças neles desencadeadas (DELEUZE; GUATTARI, 2012a; 2012b; DELEUZE, 1988; 2003; ROLNIK, 2014). Para Deleuze, “toda obra comporta uma pluralidade de trajetos que são legíveis e coexistentes apenas num mapa, e ela muda de sentido segundo aqueles que são retidos” (1997, p. 90).

Essa interiorização, à qual o filósofo se refere, diz das marcas que se esculpem a cada encontro realizado. São delas que se ocupa a cartografia aqui realizada. De acordo com Rolnik “as marcas são os estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outro” (1993, p. 5). Nesse sentido, pensamento e subjetividade se confundem, pois a matéria a ser pensada é o modo como algo se constitui no dado⁸, ou seja, naquilo que acontece a cada encontro realizado.

Dessa maneira, as sensações aí surgidas vêm sempre antes de um saber e, como a autora pontua a partir de Deleuze (2004), a inteligência chega sempre depois. Isso porque, na perspectiva trabalhada, a cognição atua na elaboração de uma linguagem para dizer do que aconteceu, ou, como afirmam Deleuze e Guattari (2012a,

8 A expressão de que o sujeito se constitui no dado está contida em Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Primeiro livro de Deleuze (2012b; 1953), já se ocupava do problema da subjetividade. Nele, ainda existia a noção de sujeito na filosofia deleuzeana, que mais tarde desaparecerá em prol das noções de agenciamento ou dispositivo (DELEUZE, 2016). Todavia, tal conceito já se encontra descolado de uma ideia de essência e se caracteriza como um movimento que se constitui no dado. E o que é o dado? É “o fluxo do sensível, uma coleção de impressões e de imagens, um conjunto de percepções, (...) é o movimento, sem identidade nem lei” (DELEUZE, 2012, p. 101).

2012b), para criar uma forma de expressão que sustente um território existencial comportando em si um saber da experiência.

Por isso, a seguir, os acontecimentos são contados primeiramente através de uma cena, extraída da escrita do diário. O arquiteto a escolhe pois nela estão contidas forças que causaram em si um outro estado de pensamento. Elas foram sentidas, absorvidas e, de certa forma o violentaram, convocando-o a pensá-las e expressá-las. Delas, ele se pergunta: O que se aprendeu com isso, em termos formativos?

Toma para si, então, o desafio de elaborar um novo sentido do ponto de vista da formação, a partir das matérias já reunidas acerca deste campo do conhecimento. Pensar a cidade se torna, nesse trabalho, ocupar-se dos acontecimentos em meio à cidade e aprender com as forças do presente, que muitas vezes passam despercebidas por uma sensibilidade desenhada prioritariamente pelas linhas molares do saber.

Cena Um: o prefeito de três lotes só

Conforme caminhavam, o perímetro urbano ficava para trás. A vegetação crescia ao redor dos trilhos do trem, demonstrando sua força de expansão. Passado um tempo, percebem, por detrás da mata, uma movimentação.

O que se passou? Descem, então, o pequeno declive que separava os trilhos de sua borda. Veem outros indivíduos por lá. O contato é estabelecido por dois caminhantes, ambos estudantes de artes visuais. Uma menina os conta que, junto ao pai e o companheiro, ocupavam uma área de terra. Ali seria sua casa. Podia-se perceber três lotes divididos por cordas. Num deles achava-se uma barraca improvisada de lona preta. Noutro, uma casa feita de retalhos de madeira, placas metálicas, venezianas e telhas. O terceiro ainda estava sendo preparado. De repente, ela disse que chamaria o prefeito, seu pai, que gostaria de conversar com o grupo.

Andam até ele, encontrando no percurso uma escultura do Buda sobre um tronco de árvore no centro do terreno, com algumas moedas depositadas sob sua postura meditativa, posicionado de frente para os trilhos, como que cuidando do lugar.



Figura 13 - O buda, desenhado no diário. Fonte: Gustavo Nunes, 2016.

Quando topam com o prefeito, são recebidos com entusiasmo. Ele limpava o terceiro terreno com um facão, livrando-se do mato e da erva daninha. Diz estar surpreso, pois havia pessoas olhando para ele. Geralmente ninguém o olhava. As pessoas tinham desenvolvido o mau olhado, ou seja, tinham perdido a capacidade de olhar para as coisas. Além disso, o ressentimento crescia no mundo, porque as pessoas não estavam conforme.

[Silêncio]

O arquiteto perguntava-se o que era estar conforme. Ele continuou dizendo que os seres humanos queriam sempre mais e mais, por isso, não estavam conforme. Não respeitavam o tempo das coisas, porém isso não era um problema exclusivo dos humanos, mas dos terráqueos. Contou que ocupava a área porque as pessoas de sua antiga cidade haviam-no expulsado. A filha, que morava em Pelotas, pagava caro pelo aluguel, o que era insustentável para eles. Enfim, decidiram pela mudança e encontraram aquele local. Sentia, apesar de tudo, que durante a sua vida pedaços da alma sempre haviam ficado pelo caminho, desprendendo-se pelo chão. Entretanto, era assim mesmo que as coisas aconteciam, sangue sempre fora derramado para que tudo se equilibrasse. Afinal, era a partir das guerras e batalhas que a história fora contada. Batalharia, agora, por um pedaço de chão neste mundo.

[Outro breve silêncio]

Olha para o grupo de pessoas com quem compartilhava um espaço e tempo singulares. Diz que conhecia cada rosto que via naquele momento. Eram jovens, ele constata. Descobririam, com o tempo, que não há um segredo para a felicidade. Ele, por exemplo, capinando as terras que ocuparia, por alguns momentos dava fartas gargalhadas. Isso era coisa do psiquismo. Quando se está bem, todo resto estará também. E, se eles ainda quisessem saber como era a sociedade, estavam olhando para ela. Faz um gesto, de forma teatral, apontando para si mesmo e diz: *Eis aqui a sociedade!*

Nesse momento, ressurge a filha desse prefeito. Afirma que dali ninguém os tiraria. Pergunta-os quem eram, num tom de preocupação. Dizem que poderia ficar calma, eram estudantes aprendendo a ver o mundo e a caminhar por ele. Não iriam denunciar ninguém, nem nada disso. Ela ficou tranquila. Sobem, assim, o declive topográfico que os levaria de volta aos trilhos.

[Novo silêncio toma o grupo]

Uma caminhante, então, expõe os riscos que eles corriam, afinal terras em bordas de trilhos pertenciam à Associação Ferroviária. Seria impossível, inclusive, o Usucapião, trâmite jurídico que permite que ocupantes ganhem a posse de um terri-

tório, após determinado tempo utilizando o solo. Perante a fala da colega, o arquiteto sentia que voltavam a pensar como arquitetos e urbanistas, mesmo que tal território tenha sido abalado com a força do encontro, no percurso da caminhada, com a menina, seus barracos e o prefeito de três lotes só.

O que aconteceu?

O último silêncio no qual mergulhou o grupo sinalizava a falta de palavras para dizer do acontecimento. Todavia, o silenciar era diferente do não falar. Tal ato saturava os átomos, adensava o espaço, convocava a linguagem para agir. Quando convocada, porém, o primeiro enunciado foi acerca da Lei nº 13.465/17, que dispõe sobre o Usucapião e a regularização fundiária rural e urbana. O arquiteto desconfiava que, assim como a ausência de palavras, não haviam outros saberes para dar conta daquilo que aconteceu.

Nesse momento o pensamento, mesmo que arrombado por signos emitidos

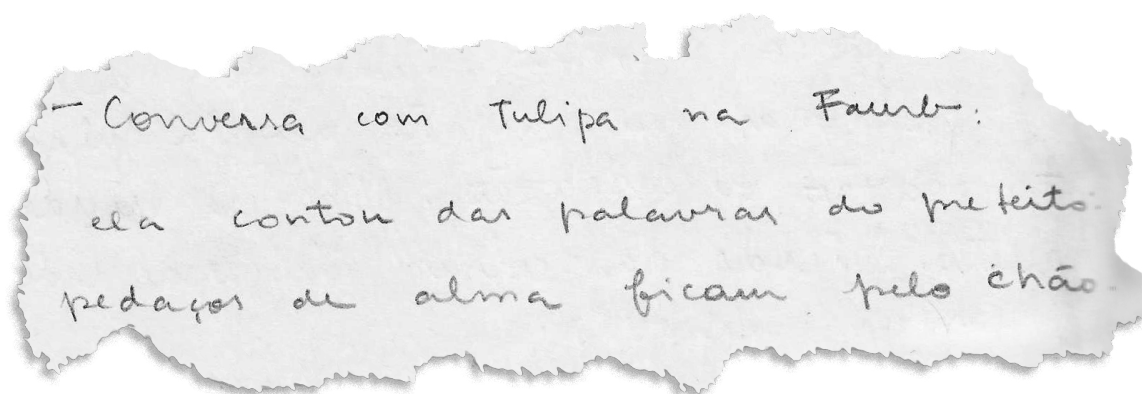


Figura 14 - Recorte do diário. Fonte: Gustavo Nunes, 2016.

pelo prefeito, ao invés de uma criação de sentido ao ocorrido e de conversações sobre possibilidades de vida na sociedade, fugidias ao padrão instituído, reterritorializa justamente em uma lei. Esta nada mais faz que prescrever uma conduta e, assim, antecipar apenas uma possibilidade entre um conjunto variado de alternativas.

Todavia, o prefeito dizia de maneira singular acerca das inúmeras forças que constituem os modos de vida hoje em dia, ou seja, fazem parte dos processos de subjetivação atuais, tais como: mau olhado, estar conforme, respeitar o tempo das coisas, pedaço de chão neste mundo, coisa de psiquismo, eis aqui a sociedade. Diante disso, por que o pensamento retornou às suas molaridades? Por que não aproveitou a violência do encontro para problematizar aí a cidade e as formas de existência que proliferam nela?

Segundo Zourabichvili,

Tudo o que vemos, dizemos, vivemos, e até mesmo imaginamos e sentimos já está, definitivamente, reconhecido; carrega, por antecipação, a marca da reconhecimento, a forma do já visto e do já ouvido. Uma distância irônica nos separa de nós mesmos, e não mais acreditamos no que nos acontece, porque nada parece poder acontecer: tudo tem, de saída, a forma do que já estava presente, do que já está totalmente feito, do preexistente (2000, p. 348).

E essas palavras, nesse sentido, dizem muito dos tempos atuais. Encontra-se, vê-se, escuta-se o outro, mas como coloca Larrosa, “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça” (2002, p. 21). De modo que a possibilidade de mudança e de um possível engajamento na produção de outros pontos de vista tivessem perdido a oportunidade de existir, dando à criação um terreno pouco fértil.

Todavia, a impossibilidade de criar sentidos aos acontecimentos para além de uma legislação que apenas faz prescrever se deve, talvez, ao fato de que a Arquitetura e Urbanismo acabou por se fechar em seu próprio território formativo, mesmo que se diga uma ciência diversificada. Aí, linhas molares se endurecem, criando uma espécie de carapaça que impede a apreensão de toda exterioridade. E, como colocam Deleuze e Guattari (2012a), é inevitável que isso aconteça.

Porém, a “profissão, o ofício, a especialidade, implicam atividades territorializadas, mas podem também decolar do território para construírem em torno de si, e entre profissões, um novo agenciamento” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 143). Parece ser essa possibilidade que Parreiras (2002) problematiza ao reivindicar um enfoque psico-filosófico e social no ensino de Arquitetura e Urbanismo. A autora considera que,

(...) para os arquitetos é muito importante ter uma boa formação em disciplinas da área de ciências humanas, enfocando a psicologia, a filosofia, a teoria das relações, a história do homem, o entendimento de seus desejos, enfim, uma série de elementos que possibilitam entender melhor o usuário” (PARREIRAS, 2002, p. 13).

A partir dessas outras áreas, pode-se pensar a cidade e os modos como vem sendo ocupada por meio de outros ângulos ou de um perspectivismo, como diria Nietzsche (2011), caracterizado como uma grande saúde por possibilitar olhar de maneira diferente para as coisas. Nesse sentido, o caminhar durante o seminário Explorações urbanas permitiu certa abertura a isso, ao propor que estudantes de diferentes áreas

transitassem pela cidade para pensa-la. Porém, ainda assim, os acontecimentos das caminhadas foram pouco problematizados em grupo. O arquiteto se percebeu, algumas vezes, lidando com eles de forma solitária, ainda que durante o percurso fizesse perguntas aos colegas sobre fatos que não apreendera ou compreendera de forma satisfatória.

Ele foi buscando matérias para dizer da experiência de outras maneiras, fugindo de uma pasteurização efetivada pelos saberes da formação. Ao se ocupar da filosofia da diferença, sobretudo da produção conceitual deleuzo-guattariana, pôde perceber a partir do encontro com o prefeito em um espaço periférico da cidade que há uma relação muito próxima entre habitar um lugar e constituir um território.

Habitar é construir um território

Para construir o relato que deu forma à experiência do encontro com o prefeito, o arquiteto precisou de tempo. Isso porque “é preciso passar por um longo período onde a escrita opera em silêncio e onde parece que nada acontece, antes de podermos constituir um novo espaço de existência e de escrita que dê conta daquele tempo” (ROLNIK, 1993, p. 11).

Durante esse período, em que ficou imerso no indizível da palavra, foi aos poucos buscando expressar o encontro. Ao rever o diário, percebe que conversou com colegas sobre a cena inicial.

A partir das palavras, reencontra um tempo já passado, revivendo-o mais uma vez, como um Eterno retorno nietzschiano (NIETZSCHE, 2012). Recorda de ter perguntado à colega se havia percebido certo delírio nas palavras, como se elas fugissem a todo momento. Ao que a colega responde:

— Se perceberes bem, ele vivia na borda da cidade. Ele estava fora. E a linguagem também. Faz sentido não é mesmo? Assim como o espaço são as palavras.

A conversa termina aí. O arquiteto então escreve e reescreve a cena inúmeras vezes, como que para decantar a densidade do encontro. Os dizeres da colega ficaram indo e vindo em seu pensamento. Sobretudo aqueles acerca dos pedaços da alma, por serem algo impactante, bem como sua afirmação acerca da relação entre espaço e palavra.

Nesse momento, passa a procurar por matérias de expressão que o ajudem a compreender tal problema. Com Deleuze e Guattari, aprende que há sempre uma

relação entre as palavras que são ditas, ou formas de expressão, e o território no qual se habita. Ambos fazem parte de um mesmo agenciamento. Em seu abecedário, Deleuze diz que

Todo agenciamento implica estilos de enunciação. Implica territórios, cada um com seu território, há territórios. Mesmo numa sala, escolhemos um território. Entro numa sala que não conheço, procuro o território, lugar onde me sentirei melhor. E há processos que devemos chamar de desterritorialização, o modo como saímos do território. Um agenciamento tem quatro dimensões: estados de coisas, enunciações, territórios, movimentos de desterritorialização. E é aí que o desejo corre (DELEUZE; PARNET, 2001, p. 22).

A partir de um olhar sustentado pela lógica do agenciamento, pode-se dizer que o prefeito de três lotes só experimenta em seu cotidiano um fora da estrutura, estando à margem dos códigos do urbanismo. Em algum momento, algo em sua vida se desterritorializou, perdeu sentido, deixou de ser investido pelo desejo, e o fez vagar o mundo e mais tarde batalhar por um pedaço de chão. À maneira de Nietzsche, que abandona a Universidade de Basileia, tendo sua vida sido “constituída de desligamentos, rupturas, isolamentos: o mundo, a sociedade, os companheiros de estrada ou de trabalho, mulher, amigos, parentes” (GROS, 2010, p. 19), fazendo da filosofia sua grande e última batalha para transvalorar os valores morais existentes.

Todo esse processo fez nascer a sensação de não conformidade com o tempo das coisas já organizadas, à exemplo de sua antiga cidade. Para Deleuze e Guattari, a cidade “é o espaço estriado por excelência” (2012c, p. 201), ou seja, local que organiza os fluxos, segmenta-os, dividi-os. Quando o arquiteto pensa esse espaço, o faz às vezes ainda como Le Corbusier⁹ (1993; 2000), estruturando-a a partir de funções específicas (habitar, trabalhar, circular e recrear) e não em conformidade com o tempo dos seus habitantes.

Esse espaço organizado da vida urbana comporta prioritariamente a semelhança, e muitas vezes marginaliza aquele que não se encaixa nos seus códigos pré-estabelecidos. Nesse lugar, à maneira do que diz Zarathustra de Nietzsche (2014), “todos querem o mesmo, todos são iguais: quem tem sentimentos distintos vai voluntariamente ao sanatório” (p. 28), ou, como fez o prefeito, passa a habitar a borda do meio urbano e da linguagem, distanciando-se de um “vigilante controle da cidade” (CARERI, 2013, p. 158).

Porém, mesmo no limiar, aquele que pretende estar fora passa a constituir

9 Arquiteto franco-suíço que ditou o destino da Arquitetura Moderna e do Urbanismo do século XX, através de seus projetos e também de inúmeros escritos, como a Carta de Atenas, manifesto resultante das discussões do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) de 1933.

seu próprio território, ou embarca na tentativa de construção de um, ainda que em um bairro periférico. O arquiteto percebe que ter ferramentas para compreender esse processo é importante em sua formação, posto que permite perceber as diferentes formas de vida que proliferam na cidade, para além daquilo que diz ou omite a legislação, como já salientou Parreiras (2002). As próprias Diretrizes Curriculares Nacionais buscam assegurar “a formação de profissionais generalistas, capazes de compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade” (BRASIL. Resolução nº 2, de 17 de junho de 2010, p. 1) mas ainda assim não dizem como o fazer (LEITE, 2007).

Aqui, tenta-se uma aproximação entre a batalha do prefeito por um pedaço de chão neste mundo e o modo como um território existencial é produzido. Tal problema foi desenvolvido por Deleuze e Guattari (2012b) em suas obras conjuntas, como em *O Anti-Édipo* (1972), *Mil Platôs* (1980) e *O que é a filosofia* (1991), em que pensar se faz na relação entre o território e a terra. No platô 11, intitulado *Acerca do ritornelo*, o filósofo e o psicanalista desenvolvem juntos o conceito e dão a ver seu movimento, bem como Deleuze o explica em algumas entrevistas contidas em *Conversações* e no *Abecedário*.

Segundo Deleuze e Parnet (2001) o território é um mundo; um espaço onde afetos podem ser expressos e plenamente vividos. Para dar conta do conceito buscam na etologia, por exemplo, algumas demonstrações daquilo que afirmam. A partir dessa disciplina, estudam alguns animais que possuem, ou melhor, produzem um território. Utilizam para isso suas glândulas anais e de urina e realizam algumas posturas, marcando um espaço e delimitando suas fronteiras. Por isso, “o território são as propriedades do animal¹⁰” (ibidem, p. 4), algo do domínio do ter e não do ser e, justamente por isso, sempre um lugar de passagem.

Além disso o território é, também, componente de um conceito maior — o ritornelo, que se refere ao movimento de entrada e saída de um território. Por isso, “sair do território é se aventurar” (idem), constantemente se retornando de maneira diferente. O movimento, nesse caso, é permanente, e “sempre se habita um território a partir destes três movimentos” (BEDIN, 2006, p. 4): territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

Acontecendo em um meio, o território passa a existir quando se agenciam formas de conteúdo e de expressão, ou seja, coisas (corpos, gestos, movimentos) e palavras se misturam para produzirem um modo de existência. Nessa mesma pers-

10 DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *A de animal*.

pectiva, Olini diz que “é possível afirmar que a subjetividade é o resultado de uma produção territorial” (2017, p. 104) e, assim como em toda criação, Deleuze e Guattari (2012b) observam nela uma lógica.

Nessa lógica, primeiramente se organiza um centro para se proteger das forças do caos, abrigando-se dos pingos d’água com guarda-chuvas ou como a criança no escuro que, tomada de medo, cantarola uma cançãozinha para se tranquilizar. Em segundo lugar, ao redor desse centro frágil traça-se um círculo, proporcionando uma sensação de “em casa” ao se dimensionar o espaço. Por último, abre-se o círculo, deixando-se levar por forças que anunciam uma outra forma porvir. Embarcando-se num devir, improvisa-se um novo território, pois não há movimento de desterritorialização que não implique já uma reterritorialização (ibidem).

Aí, estão contidos todos os tipos de forças: forças do caos, forças terrestres e forças cósmicas (DELEUZE, GUATTARI, 2012b). Elas são, inclusive, experimentadas pelo prefeito, quando ele ocupa um local à beira dos trilhos devido ao preço dos aluguéis, fugindo de forças caóticas do capitalismo; ou quando dá fartas gargalhadas ao capinar a pequena ocupação e afirmar que isso é coisa de psiquismo, fazendo dançar ao seu redor forças territoriais que sustentam sua risada; ou ainda ao abandonar a própria cidade e indo batalhar por um pedaço de chão nesse mundo, abrindo-se às forças cósmicas, que estão sempre em relação com o futuro e o devir.

Nessa lógica, não há uma ordem dos movimentos, apenas uma constância, um ritmo. No caso do prefeito, o grupo adentrou o próprio agenciamento territorial tecido pelo personagem e seus familiares, que Deleuze e Guattari (2012b) definem como intra-agenciamento. Nele, ao capinar a terra, ele dimensionava seu território, construindo com isso um estado de sensação caracterizado como “em casa”.

O Buda, defronte aos trilhos, fazia a marcação e organizava um centro no terreno. Como figura religiosa, tem a função de proteger o ser do caos, pois os “deuses têm atributos, propriedades e funções fixas, territórios e códigos: eles têm a ver com os eixos, com os limites e com cadastros” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 33). No caso em específico, mostra um homem gordo sorrindo, com as mãos sobre as pernas num exercício de meditação.

No budismo, tal prática tem por objetivo atingir o nirvana, local em que as forças adquirem sua mais baixa velocidade e o pensamento se aproxima de certa liberdade. O território, por sua vez, funciona de maneira semelhante, quando intensidades vividas numa linha de fuga desterritorializante se apaziguam ao ganharem expressão.

A escultura funciona também como uma placa ou cartaz, pois funda e delimita

um lugar, sendo definidas por Deleuze e Guattari como qualidades expressivas, “marca constituinte de um domínio, de uma morada” (ibidem, p. 130). A partir disso, tem-se não mais um espaço à beira dos trilhos, mas um ambiente possível para ser habitado, posto que o Buda esboça “um centro estável e calmo, estabilizador e calmante, no seio do caos” (ibidem, p. 122).

Depois, o espaço foi dimensionado. As cordas fizeram a separação do mesmo em partes, dividindo-o em três pequenos terrenos. Para habitá-los, precisou-se capinar, limpar, estabelecer limites e contornos. Como afirma Heidegger: “Parece que só é possível habitar o que se constrói. Este, o construir, tem aquele, o habitar, como meta” (1954, p. 1).

Não se voltou no lugar para saber quanto tempo durou ou se ainda resiste o território do prefeito, que permitiu a ele estar bem, “coisa de psiquismo”. Mas, como o próprio personagem diz, é assim mesmo que as coisas acontecem, pedaços da alma — ou, neste caso, do território — desprendem-se pelo chão, ficando pelo caminho. São essas perdas que fazem com que o território seja aberto à novos encontros, com diferentes formas de conteúdo e expressão, coisas e palavras. Isso porque,

Ora se vai do caos a um limiar de agenciamento territorial: componentes direcionais, infra-agenciamento. Ora se organiza o agenciamento: componentes dimensionais, intra-agenciamento. Ora, se sai do agenciamento territorial, em direção a outros agenciamentos, ou ainda a outro lugar: interagenciamento, componentes de passagem ou até de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 124).

Talvez foram as perdas que fizeram o prefeito abandonar sua cidade natal, abrindo-se ao novo, por mais precário que fosse, dentro de suas condições de possibilidade. Foram elas também que forjaram em Nietzsche um espírito livre, tornando-o um caminhante incansável em Sorrento ou Sils-Maria (GROS, 2010). Nesses deslocamentos, uma outra linguagem se tornou possível, inserindo no interior da filosofia novas formas de dizer e de olhar, expressas em aforismos que, quase a todo momento, relacionaram as questões que envolvem o pensamento e a vida, assim como as palavras do prefeito.

Ao pensar acerca dos aprendizados que se deram no encontro com os habitantes clandestinos, na região do bairro periférico, o arquiteto percebe que seus modos de produzir sentido ao acontecimento fugiram do campo dos saberes da Arquitetura e Urbanismo. Ele próprio se viu embarcando em um movimento de ritornelo, indo compreender a constituição de um território existencial em relação com o espaço da

cidade a partir da filosofia, inserindo linhas de fuga em sua constituição molar. E por que isso se fez necessário?

É que hoje as formas de existência têm sido produzidas em relação direta com o meio urbano, posto que já não existe uma dicotomia entre campo e cidade. A partir disso, pode-se afirmar o surgimento de inúmeros problemas, como os referentes à subjetividade. Mesmo assim, o arquiteto e urbanista ainda busca se inserir num campo profissional defasado, seguindo modelos de mercado que acabam por fragilizar a vida na terra, focados na relação arquiteto-cliente privado e não arquiteto-sociedade. Nesse sentido, à maneira do prefeito, esse profissional não está conforme o tempo das coisas. Guattari já alertava, no início dos anos 90, que

Os urbanistas não poderão mais se contentar em definir a cidade em termos de espacialidade. Esse fenômeno urbano mudou de natureza. Não é mais um problema dentre outros; é o problema número um, o problema-cruzamento das questões econômicas, sociais e culturais. A cidade produz o destino da humanidade: suas promoções, assim como suas segregações, a formação de suas elites, o futuro da inovação social, da criação em todos os domínios. Constata-se muito frequentemente um desconhecimento desse aspecto global das problemáticas urbanas como meio de produção da subjetividade (GUATTARI, 2012, p. 153).

Dessa maneira, ao pensar o espaço, o arquiteto e urbanista não lida apenas com a obra arquitetônica ou legislação urbana, mas com inúmeras questões que envolvem o próprio ato de habitar, por exemplo. Ao olhar por outros pontos de vista, pode-se compreender talvez as causas, e não estar atento apenas aos efeitos que a arquitetura e o urbanismo produzem. Ou seja, é possível saber porque se faz algo e os efeitos que gera.

O caminhar, mesmo que errático e despretenso, forçou o arquiteto a olhar o mundo mais atentamente, como o fez no caso do prefeito, indo além de um mau-olhado. Por vezes, foi necessário que alguém o dissesse: “Ei! presta a atenção! Eis aqui a sociedade!”, como o fez o personagem de três lotes só. Uma violência, talvez, mas que engendra o pensar no próprio pensamento, levando-o a encontrar um problema e criar estratégias para elaborar seus próprios sentidos e tirar daí um aprendizado.

Cena Dois: no bairro Dunas

Ao se encontrarem no ponto marcado no mapa, os alunos matriculados no seminário Explor-ações urbanas se sentiam apreensivos. Estavam ao lado do bairro Dunas e a errância inevitavelmente o atravessaria. Discutiam acerca dos perigos do local, conhecido por suas relações com o tráfico de drogas, o alto índice de homicídios e o processo de marginalização pelo qual passava.

Porém, mesmo assim, resolveram seguir o percurso e vivenciar o lugar. O bairro é estruturado através de uma dura malha quadriculada. Foi desenhado a partir de três retas horizontais, cuja central é chamada Rua Ulysses Guimarães, e vinte e nove retas verticais, que determinam as ruas nomeadas pelo numeral.

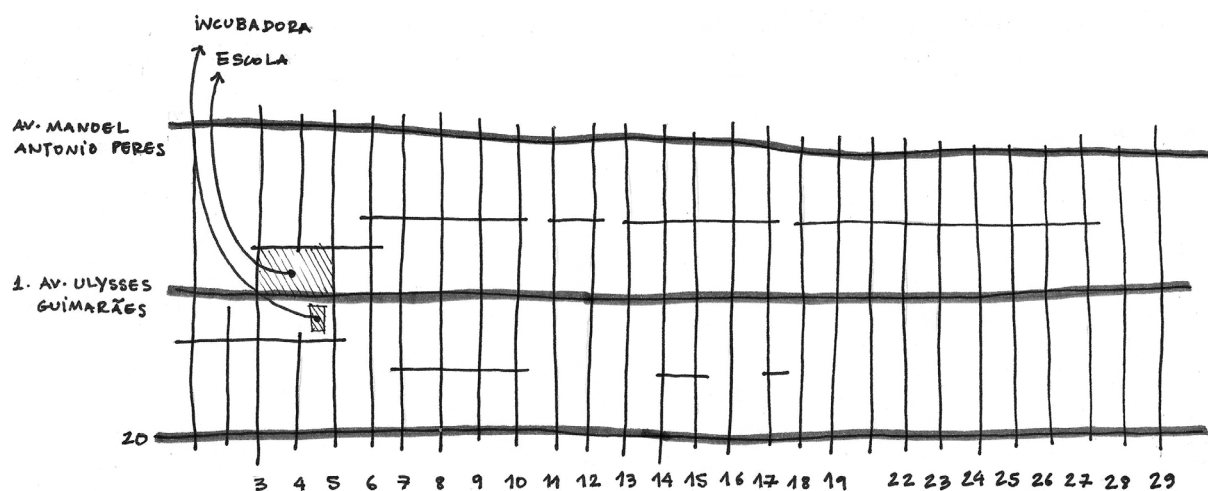


Figura 15 - Esquema do bairro Dunas. Fonte: Gustavo Nunes, 2018.

Ao chegarem na avenida principal, encontram a escola com nome de Núcleo Habitacional Dunas. Um dos caminhantes, professor de artes, conta que seu primeiro emprego foi naquele lugar e que, ali, havia se tornado um “professor de ponta-cabeça”.

Lê, então, algumas notas que havia feito em seu caderno, dizendo da realidade do bairro, em que as crianças muitas vezes lidavam com problemas típicos de adultos. Isso fizera com que ele, na condição de professor, desfizesse noções in-

tos. Isso fizera com que ele, na condição de professor, desfizesse noções interiorizadas acerca do que era a infância ou a experiência de ser criança. Tornara-se, assim, esperto, mas um esperto ao contrário, pois diversas vezes precisou se libertar de certa moralidade imposta pelos costumes a fim de poder viver junto e educar indivíduos que experimentavam realidades periféricas distintas das dele.

Após o relato do colega, a caminhada seguiu seu rumo. No bairro, foram realizados muitos encontros, com: o núcleo de assistência social da vizinhança, chamado também de incubadora Dunas; alguns moradores que cruzaram o percurso da ca-

minhada; crianças que brincavam na rua; comerciantes que vendiam água, frutas e picolés.

Nos últimos momentos do trajeto, foi realizado um jogo: dividiram-se em duplas; apenas um foi vendado e o outro se tornou o guia; caminharam pelo bairro, ampliando a escuta e o tato; ao conseguirem andar sem tanta ajuda, passaram a venda para o colega e o jogo reiniciou. Tais momentos, de alegria e descontração, foram possibilitados pelo próprio ambiente do bairro. Nele, não se percebeu sinais de uma violência exacerbada, como constava no imaginário do grupo antes da experimentação.

Pelo contrário, o local foi acolhedor e os moradores pareceram abertos às presenças de fora que andavam como que em passeata pelas ruas. Foi constatado um bairro periférico como outro qualquer, com todos os problemas de infraestrutura que podem ser melhorados, mas sem marcas do demasiado. Com a sensação de segurança, tranquilidade e divertimento, o grupo se despediu do Dunas, marcando no mapa o próximo ponto de encontro.

O que aconteceu?

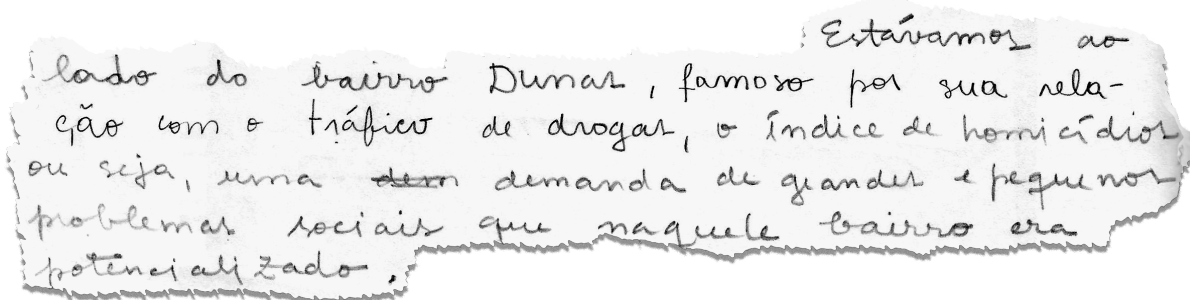
Após ler em seu diário as notas feitas sobre a caminhada no Dunas, o arquiteto percebe que, inegavelmente, sua visão de apreensão sobre o bairro havia mudado. Estabelecera com o lugar outras relações, pois experimentara distintas forças que produziram novas sensações e, por fim, o fizeram pensar diferente. Sabia, porém, que o local era evitado por muitas pessoas, sendo conhecido seu estado de calamidade pública.

Passa a se perguntar o porquê disso e como são produzidas as verdades acerca dos espaços urbanos, que levaram o grupo a crer em algo antes da experiência. Percebe que tais crenças, interiorizadas no pensamento de cada aluno ali matriculado, eram expressas por palavras que se apropriavam do lugar e estabeleciam seu valor de verdade (DELEUZE, 2004), causando uma sensação de medo e apreensão.

A partir da errância, esse estado de alerta foi diminuindo. Assim, uma outra relação com o lugar foi estabelecida, à maneira como disse o professor de artes: revirando aquilo que se sabia de ponta-cabeça. O arquiteto passa, então, a problematizar os modos como olhava o bairro, e em que medida eles faziam parte da sua subjetividade. Busca então compreender seus próprios processos de subjetivação, que o levaram a ver e dizer de determinada maneira.

Saber, poder e subjetividade no bairro Dunas

Quando a arquiteto se ocupa de pensar o que ocorreu, a pergunta que se faz é: Por que o grupo teve medo de cruzar o bairro? No diário, foi escrito que



Estávamos ao lado do bairro Dunas, famoso por sua relação com o tráfico de drogas, o índice de homicídios ou seja, uma ~~de~~ demanda de grandes e pequenos problemas sociais que naquele bairro era potencializado.

Figura 16 - Recorte do diário. Fonte: Gustavo Nunes, 2017.

Porém, o que os levou a crer em tais dados? Segundo Deleuze (2005), “não há modelo de verdade que não remeta a um tipo de poder, nem saber ou sequer ciência que não exprima (...) um poder se exercendo” (p. 48). Isso porque o filósofo francês, numa leitura de Foucault, ensina que são três os dispositivos que levam os sujeitos a estabelecerem uma relação com a verdade e, desta maneira, subjetivarem-se: o Saber, o Poder e a Subjetividade.

Dessa forma, são as relações de saber que nomeiam e normatizam o visível; as relações de poder que coagem determinadas ações em um meio social e as relações de Subjetividade, ou relações de si consigo, que permitem a alguém a invenção da vida como obra de arte, produto de um processo de subjetivação singular. Todavia, tais dimensões encontram-se sempre emaranhadas, quase indissociáveis. Por isso, “desemaranhar as linhas de um dispositivo, em cada caso, é montar um mapa” (DELEUZE, 2016, p. 360).

No nível do saber há dois estratos que o compõe: o visível e o enunciável. Ou aquilo que se pode ver e dizer, que variam conforme determinada época histórica. Nesse sentido, o grupo, ao enunciar o sentimento de apreensão ao atravessar o bairro Dunas, apenas reproduzia algo que já estava dado no senso comum, que normatiza os corpos, os bairros e também as cidades.

Careri (2013) chegou nessa conclusão quando, após lançar o livro Walkscapes: caminhar como prática estética, ter recebido diversos convites para caminhar ao redor do mundo com artistas, arquitetos, estudantes e cidadãos. No continente americano ele percebeu o pânico de se deixar vagar pela cidade, expressando isso da seguinte maneira:

Na América do Sul, caminhar significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço, medo de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes e medo dos outros cidadãos, quase sempre percebidos como inimigos potenciais. Simplesmente, o caminhar dá medo e, por isso, não se caminha mais; quem caminha é um sem teto, um mendigo, um marginal. (...). Que tipo de cidade poderão produzir essas pessoas que têm medo de caminhar? (Ibidem, p. 170).

Francis Alÿs também dá prova desse sistema discursivo que assola a América e produz medo de se caminhar na cidade. Na obra *Re-enactments*¹¹ (2000), o artista caminha pelas ruas do Centro Histórico da capital do México portando uma pistola Beretta 9 mm. A performance dura em torno de 5 minutos e 30 segundos, sendo dividida em praticamente três movimentos. No primeiro momento mostra Alÿs comprando a arma, testando-a e engatilhando-a. No segundo ele caminha pelas ruas com o revólver em punho e, no terceiro, é abordado pela polícia, algemado e colocado dentro de uma viatura.

Segundo ele, o objetivo da obra era problematizar a facilidade que é comprar arma de fogo no país. Porém, quando o vídeo do ocorrido é apresentado no exterior, a peça adquire outros sentidos. De acordo com Medina e Diserens (2006) “a consequência é que o trabalho (...) passou a integrar parte do estereótipo que define o país por sua criminalidade” (p. 85), o que não era a intenção.

Quando o arquiteto vai atrás das causas, ou seja, dos enunciados que produziram uma imagem de violência do bairro, encontra com a dissertação de mestrado intitulada *Loteamento Dunas e sua microfísica do poder* (MEREB, 2011). Nela, o autor conta que tal cenário necessitou ser produzido e alimentado tanto pelos órgãos de Estado quanto pela mídia, para justificar melhorias no local e não em outras vizinhanças com situações semelhantes ou até mesmo mais desassistidos. Como isso se deu?

Criado em 1986 numa gleba de terras de 60 hectares doados por um devedor do INSS¹² no bairro Areal ao lado da comunidade Bom Jesus (MEREB, 2001), o Loteamento Dunas iniciou de forma bastante precária em termos de ambiência urbana. A partir do fortalecimento de agrupamentos molares, como a Associação de Moradores e o Comitê de Desenvolvimento Dunas (CDD), passou-se a criar estratégias para sobrevivência num lugar que até 1991 era abastecido com água apenas através de um caminhão pipa do SANEP¹³. Ao pressionarem os poderes dominantes, foram garan-

11 Reensaio, em português. Disponível em: <http://francisalys.com/re-enactment/>. Acesso 0/03/2018.

12 Instituto Nacional de Seguridade Social.

13 Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas.

tidos investimentos e o consequente acesso à água, luz, escolas, creche e posto de saúde.

Essa necessidade política abriu espaço para que midiaticamente se criasse para o Loteamento uma sensação de violência Biopsicossocial, em especial pelos meios de comunicação (rádios, programas de televisão e jornais impressos), que incessantemente veiculavam o local como “violento”, onde moram os criminosos mais procurados pela polícia, enfim, uma simples discussão doméstica no Loteamento era tratada como um ato de alta violência. Ainda hoje, mesmo que a moldura tenha sido transformada pelas relações de poder ao longo dos anos, se pode observar tais ocorrências como forma de justificar ou retirar os investimentos no Loteamento Dunas (ibidem, p. 14-15).

Dessa forma, o arquiteto compreende que houve a invenção de um regime de dizibilidade e de visibilidade que se apropriaram de relações de força que acontecem na sociedade, como a violência, para legitimar investimentos no bairro. Isso porque “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (DELEUZE, 2004, p. 48).

Nessa lógica, o saber está constantemente se apropriando do poder, que é invisível e acontece nas relações, de forma microfísica, como coloca Foucault (1979), ou micropolítica, à maneira de Deleuze e Guattari (2012a). É nesse jogo que saberes se constituem, e passam a normatizar os indivíduos, dando-lhes inclusive medo: do outro, do espaço público, de caminhar e explorar a cidade. Como, porém, inventar outras formas de experimentar a cidade, e assim diferentes modos de ver e dizer?

Alÿs, novamente, dá um exemplo de como o caminhar permite que outros territórios existenciais e outros saberes sejam construídos em meio à cidade. Quando chega no México, primeiramente realiza trabalhos que o ajudam a apreender o lugar, como *O Coletor* (1991), *Ambulantes* (1992) e *Turista* (1994). Só depois da obra *Se és um típico espectador, o que realmente fazes é esperar que aconteça o acidente* (1996), seu período de mero observador acaba.

Nela, o autor caminha portando uma câmera. Com ela, grava um vídeo em que persegue uma garrafa pelo Zócalo, praça central da capital. Tal objeto se movimenta de lá pra cá, ao poder do vento, dos transeuntes que a chutam, das crianças que com ela brincam. De repente, ele é atropelado por um automóvel; a câmera cai ao chão e o vídeo acaba. A partir da obra, Medina dialoga que

O vídeo marcou simbolicamente para o artista a impossibilidade de guardar distância frente a sua sociedade hospedeira, o fim do período regido por um

contrato implícito de não interferência (ALÿS; MEDINA; DISERENS, 2005, p. 49).

Em *Contos patrióticos* (1997), então, Alÿs já está respondendo a problemas que fazem parte das camadas históricas da sociedade mexicana. No trabalho é problematizado um episódio que ocorrera trinta anos antes, quando burocratas se reuniram no Zócalo a fim de apoiar um governo ditatorial, demonstrando seu caráter de animal de rebanho. Na performance, Alÿs caminha ao redor da bandeira do México em círculos, acompanhado de ovelhas que o seguem.

A partir dessa perspectiva, o arquiteto percebe que, à maneira do artista, também foi se afetando por forças que atravessam determinado local, nesse caso o Loteamento Dunas. Ao caminhar por ele, entra em relações com o lugar diferentes daquelas que dizem as diversas vozes que produzem o regime de verdade. Aí, um problema é colocado. A partir disso, buscou-se então chegar nas forças que produziram o discurso de violência do local, percebendo os diferentes interesses que o regem.

Relações de poder que surgem ainda na gênese do bairro ganham um estatuto de verdade que se reproduz no decorrer dos anos, criando uma imagem do lugar ou, nas palavras de Deleuze (2004), um regime de dizibilidade que dá a ver um regime de visibilidade. Ao entrar em relação com outras forças, tais estratos foram se modificando e se atualizaram numa nova compreensão do bairro.

À maneira do professor de artes que para educar crianças diferentes de si precisou se tornar um professor-de-ponta-cabeça, o arquiteto constata que também os seus saberes e os do restante do grupo viraram ao contrário a partir da experiência. Foi isso que permitiu que, no decorrer do percurso, brincassem e se vendassem, talvez para poder ver melhor. Pois aquilo que se vê e se diz não tem relação com o real, mas dele apenas se aproxima, sendo necessária outra configuração da sensibilidade para apreender o que já está aí, mas que ninguém vê.

Então, se há saberes que criam uma verdade sobre o bairro quando se entra em contato com as forças que fogem do já dito e do já visto, tem-se um outro processo de subjetivação. Por isso, novas formas de nomeá-lo e olhá-lo são possíveis. Deleuze diz que

Perguntar-se-á se as linhas de subjetivação não são a borda extrema de um dispositivo, e se não esboçam a passagem de um dispositivo a outro: elas preparariam, neste sentido, as linhas de fratura. (...) E, por toda parte, emaranhados a serem desemaranhados: produções de subjetividade escapam dos poderes e dos saberes de um dispositivo, para se reinvestirem nos de um outro, sob outras formas a nascer (2016, p. 163).

Nessa perspectiva, pontos de vista acerca da cidade não param de se modificar, impedindo que pré-conceitos impeçam de se caminhar, por exemplo, pelo bairro Dunas. Nietzsche (2012), ao ponderar sobre a saúde, já dizia que saudável era um pensamento capaz de transitar por diferentes perspectivas, possibilitando-o diferenciar de si mesmo. Também, era esse o projeto de Careri junto ao grupo Stalker, quando afirma que

Queríamos mostrar isso, que era possível fazer uma caminhada dessa forma, que era possível viver de outra forma a cidade, era como uma construção de situações, construir uma outra situação, uma outra forma de habitar, outro ponto de vista (CARERI; JACQUES, 2013, p. 9).

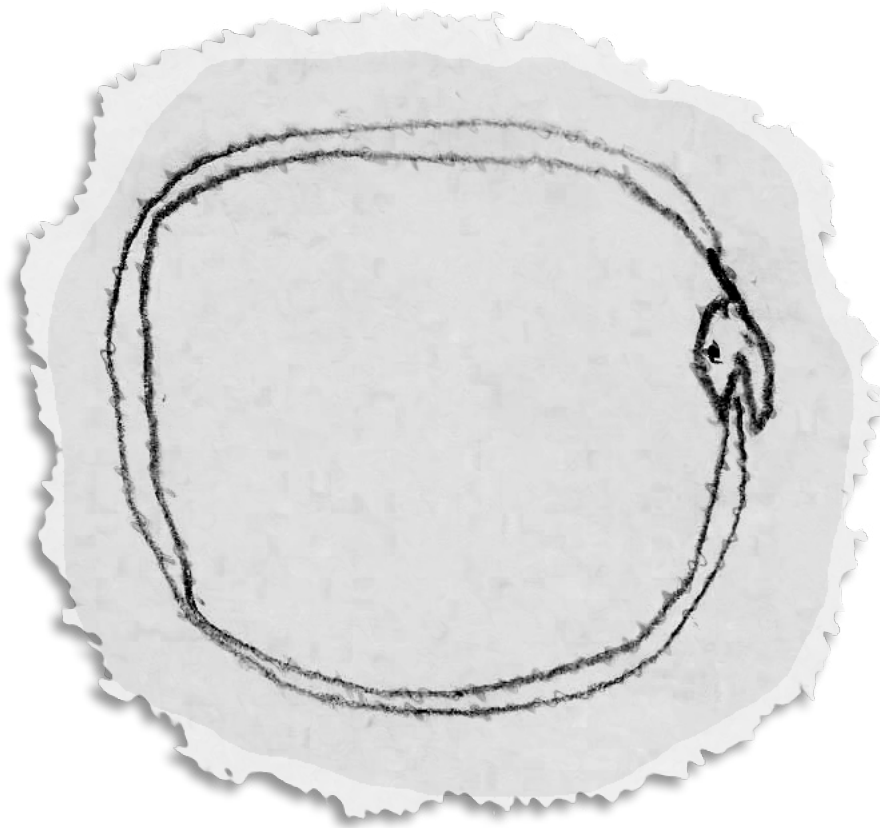
Além disso, para ele

(...) caminhar é um instrumento insubstituível para formar não só alunos como também cidadãos, que o caminhar é uma ação capaz de diminuir o nível de medo e de desmascarar a construção midiática da insegurança: um projeto cívico capaz de produzir espaço público e agir (CARERI, 2013, p. 171).

Quando Deleuze (2016) diz que subjetividades escapam de dispositivos de saber e poder para serem reinvestidos em um outro, pode-se pensar que a formação, nesse caso, desinveste de saberes anteriores à experimentação para vir a ser iminente. Assim, já não importariam tanto os planos diretores que dizem da cidade como um todo, nem mesmo o senso comum midiático que produz um regime de verdade por vezes beirando a perversidade. Porém, surgiriam saberes fragmentados, que aconteceriam de bairro em bairro, de lugar em lugar, conforme se dão as experimentações com o espaço.

Monta-se, dessa forma, um mapa não mais geográfico, mas experimental. Nesse sentido, Careri afirma que “a cidade pode ser descrita do ponto de vista estético-geométrico, mas também do ponto de vista estético-experiencial” (2013, p. 159). E, aqui, o estético não se refere mais à forma da cidade, típico das disciplinas de morfologia urbana ou àquela na qual atua o projeto arquitetônico e urbanístico, mas à estética enquanto um movimento de subjetivação, que torna possível novas formas de ver e dizer acerca do mundo, da cidade e dos processos de formação.

Considerações finais



“Tudo é ruído, negra turfa saturada que ainda deve sorver, marulho de filifolhas gigantes, urze com abismos de calma onde o vento se afoga, minha vida e suas ladainhas, Para ver, para mudar, não, está visto, tudo visto, a ponto de criar ramela, nem por estar mal abrigado, o mal está feito, o mal foi feito, no dia em que saí, a reboque de meus pés feitos para andar, para dar passos, que deixei andar” (BECKETT, 2015, p. 6-7).

Das pontes à água e da água à terra foram os caminhos percorridos pelo arquiteto errante. Itinerário este traçado nas contingências da vida, que o levaram a errar da arquitetura à arte e também à filosofia. Percebe que seus movimentos de territorialização e desterritorialização não foram planejados à maneira dos projetos arquitetônicos e urbanísticos usuais à sua formação. Pelo contrário, engendraram-se no encontro com os signos da cidade, que o violentaram e o fizeram marcar pontos extensivos na Faculdade de Educação, espaço fértil para aproximações com a diferença.

Posto isso, sabe que embarcou em um movimento que já vem sendo a algum tempo realizado no campo formativo em Arquitetura e Urbanismo: caminhar como prática de apreensão do espaço. Do grupo Stalker criado na Itália ao seminário Artes Cívicas fundado por Careri na Universidade de Roma Três vazam fluxos desterritorializados de uma formação tradicional. Estes, por sua vez, reterritorializam-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas com o nome de Explorações urbanas: errar no limiar. É nele que o arquiteto, após descer da sua embarcação em que navegou no desconhecido, passou a habitar, constituindo aí uma nova terra.

Da pesquisa, percebe que ela se fez literalmente caminhando, como ensina Antonio Machado: “caminhante não há caminho, o caminho se faz ao caminhar” (2012, p. 130). Por ser algo em movimento, a cartografia foi o método escolhido para acompanhar esse processo. A partir daí, pode-se perceber que as perguntas foram sendo criadas no próprio percurso do pesquisar, posto que o arquiteto não as tinha de antemão. Elas surgiram, assim, das interrogações feitas à experiência.

Retoma-se aqui aquela que talvez tenha funcionado como a questão chave da pesquisa: O que foi feito esse tempo durante as errâncias? Dela, outras se desdobram: Como foi feito? Por que foi feito? E quais os aprendizados aí concretizados?

De pronto, o arquiteto as responde com verbos que dizem das ações realizadas: caminhou-se, narrou-se, pensou-se e aprendeu-se. Mais especificamente, o seminário se fez praticamente a partir do caminhar, cuja essência, se é que se pode dizer assim, foi a própria prática errática. O diário surge nesse contexto como instrumento de coleta e produção dos dados, dando à pesquisa sua materialidade que é a própria narrativa do que foi vivenciado. No relato, então, o arquiteto se demora para pensa-lo, revive-lo, interroga-lo. Assim, fez do vivido meio para a invenção de um pensamento e de outras possibilidades para problematizar a formação. Isso exigiu o traçar de alguns objetivos, afim de responder as questões que foram se fazendo.

O objetivo principal consistiu, então, em dar a ver a força da errância pelas bordas da cidade no processo de formação de um arquiteto e urbanista, proporcionando diferentes regimes de visibilidade e dizibilidade acerca da temática. A partir daí outros objetivos foram sendo encadeados, como aquele que se propõe a produzir agenciamentos para expressar os encontros com forças intensivas experimentadas durante o caminhar errante, capturadas na escrita do diário. Tais agenciamentos, por sua vez, conectaram matérias das três caóides do conhecimento — arte, ciência e filosofia, que levaram a estudar a temática a partir de Francis Alÿs e Friedrich Nietzsche, bem como a investigar aquilo que se passa na formação hoje em dia. Com elas foi buscada a criação de sentido às intensidades, sustentando outros modos de ver e dizer.

Contudo, para dar conta do caos da experimentação, foi necessário traçar um plano, dando à pesquisa um contorno e estabelecendo seus limites. Para isso, fez-se mapas dos pontos extensivos atravessados, bem como foram mapeadas as paradas realizadas. Escolheu-se como matéria para análise os pontos que mais foram atravessados nos percursos, pois se configuraram como trajetos costumeiros (DELEUZE; GUATTARI, 2012a; DELIGNY, 2015). Foram eles: a rodovia BR, o ônibus e os bairros periféricos.

Utilizou-se a teoria das linhas, concebidas por Deleuze e Guattari (2012a), como ferramenta analítica. Esta possibilitou tornar visíveis as linhas molares, moleculares e de fuga da experiência. A análise ocorreu a partir da maneira como os signos presentes em cada ponto movimentaram o pensamento. Aí que se fizeram os aprendizados, no momento em que houve deslocamento de matérias da ciência, arte e filosofia para atribuição de sentido aos acontecimentos, em um trabalho de constante artesanaria.

Na BR foi interrogado o insistente retorno à rodovia, considerada um ponto marcante na paisagem e que se repete na maior parte das cidades. O arquiteto constata que ela é um espaço que dificulta o encontro com o outro, distanciando-o assim das forças ou signos urbanos e, dessa maneira, não o forçando a pensar. Configurando-se como lugar de passagem e não de vivências, acaba por conservar os saberes já adquiridos ao invés de coloca-los em variação.

Foi necessário também compreender quais saberes são esses, investigando-se as linhas molares da ciência que dizem da formação. É observada então uma imagem dogmática do pensamento (DELEUZE, 1988) da arquitetura e do urbanismo, que é a do projeto arquitetônico. Espinha dorsal na maioria dos currículos das instituições de ensino da área, é também a que está mais próxima dos valores do mercado capitalista, cuja relação de forças arquiteto – cliente privado é mais significativa que

àquela que o liga ao restante da sociedade.

Todavia, ao mesmo tempo que o retorno à BR agiu como uma maneira de proteger um saber já adquirido, foi medida de prudência frente aos acontecimentos que poderiam levar o pensamento à uma desterritorialização absoluta. Assim, funcionou para resguardar alguma porção de organização, significação e subjetividade, ou seja, para que aquilo que fora apreendido anteriormente não perdesse toda sua funcionalidade frente à realidade da cidade.

Já o ônibus longe de preservar os saberes desenhados por uma linha molar, possibilitou que os signos emitidos pelo Seminário Explor-ações urbanas agissem em sua potência de desterritorializar a formação. Logo, facilitou ao arquiteto, bem como aos outros alunos matriculados na disciplina, a saída de um ensino tradicional realizado usualmente num ambiente entre quatro paredes. Na medida em que foram se distanciando do centro histórico, local habitado pela maioria dos estudantes, o ônibus cumpriu o papel de deslocamento de um modo de vida molar à uma maneira errática de vivenciar o espaço.

Devido à ambiguidade da linha molecular, o transporte público também ensejou o retorno das bordas da cidade ao meio urbano já consolidado. A positividade da linha foi, então, justamente a flexibilização da formação, posto que as errâncias colocaram os saberes formativos em relação com as forças que fogem à uma certa estrutura urbana conhecida.

Os bairros periféricos, por sua vez, marcam os momentos em que encontros intensivos aconteceram, criando linhas de fuga que exigiram do pensamento que pensasse de maneira diferente. Daquilo que aconteceu, foram destacados apenas dois eventos. Tal escolha se deu primeiramente por terem marcado o arquiteto de maneira mais intensa. Também, devido ao tempo institucional para finalização da pesquisa que exigiu um corte no caos das inúmeras possibilidades.

No encontro com o “prefeito de três lotes só” foi verificada a dificuldade do profissional arquiteto e urbanista em pensar o que acontece na cidade para além da formação. O que se fez aí foi, então, investigar o ato de ocupar uma terra em um bairro periférico de forma “irregular” através de diferentes perspectivas, sobretudo da filosofia. A partir disso constata-se que habitar passa antes pela construção de um território existencial, mesmo para aqueles que usualmente são excluídos da malha urbana consolidada. O arquiteto aprendeu que ter outras ferramentas para olhar o espaço possibilita uma maior abertura ao outro urbano, afirmando a vida e as formas que ela toma em detrimento apenas dos códigos impostos pelas leis e normas do Estado.

O bairro Dunas levou o arquiteto a questionar suas próprias maneiras de olhar e enunciar sobre determinado lugar. Depois da experiência de atravessar o ambiente e entrar em relação com as forças do local, a sensação de medo que antecedia a errância se diluiu. Foi-se atrás então dos regimes de dizibilidade que produzem, por vezes, pré-conceitos para justificar relações de poder na cidade. Na busca, deparou-se com um discurso midiático da violência que afirma uma verdade sobre o bairro para além da imanência do presente. Depois da errância foi notado certo exagero no que era dito sobre o Dunas, engendrando no pensamento daqueles que o experimentaram uma outra imagem do local.

Quando se ocupa de pensar aquilo que, talvez, não tenha funcionado de maneira satisfatória na pesquisa, o arquiteto chega a algumas considerações. Pontua, primeiramente, que diversas vezes sentiu que lidava com o que acontecia na experiência errática da cidade solitariamente. Porventura isso sobreveio pelo fato de que o seminário não possuiu uma carga horária teórica, havendo a consequente escassez de palavras para dizer do desconhecido.

Se a expressão é o que possibilita que o agenciamento territorial ganhe uma forma, por vezes o que se passou permaneceu no indizível ou se reterritorializou naquilo que está dito no senso comum ou nas molaridades da formação, não havendo outros aprendizados. Aí, reconhece-se a importância da disponibilização de uma rede conceitual aos estudantes. Mesmo que mínima, mas que os impulse a buscar por si mesmos outros agenciamentos.

O arquiteto sabe, porém, que foi a pesquisa realizada no Mestrado em Educação que o levou a pensar a experiência. Impossível dizer se foi ele quem adentrou o movimento do seminário, ou se o seminário que penetrou no movimento do pesquisador. No entanto, sabe que ao iniciar a investigação no primeiro semestre de 2016, não contava ainda com as Explorações urbanas, realizadas apenas no segundo semestre daquele ano quando a professora Emanuela di Felice chegou ao Brasil. Logo, se pensar de outra maneira foi minimamente possível, é porque já se tinha certo referencial teórico reunido nesse entremeio de tempo.

Também, o arquiteto constatou que no decorrer do seminário as caminhadas se tornaram menos extensas, bem como o número de alunos que frequentavam o curso se reduziu. Supõe então que a própria impossibilidade de criar sentido à experiência causou tal afastamento e abandono, diminuindo a vontade de errar pelo limiar da cidade. Isso porque na medida que o pensamento não consegue se reterritorializar junto a algo, perde-se vitalidade uma vez que o desejo escapa. Não havendo investi-

mento do mesmo, desfaz-se a ligação ainda que institucionalizada.

Entretanto, o arquiteto pode afirmar que apesar das dificuldades pontuadas aqui e impostas à errância, as caminhadas realizadas com o grupo tornaram possível a apreensão do espaço de outra maneira, dando-lhe uma grande saúde cuja causa é a criação de outras perspectivas para olhar a cidade. Longe de uma forma estético-geométrica, usual à imagem dogmática de um profissional projetista, aproximou-se de uma forma estético-experiencial. Nela, a obra a ser construída não foi a materialidade da arquitetura ou do urbanismo, mas a concretude de uma subjetividade em relação com as forças que permeiam o meio urbano, sobretudo em seus limiares, tornando visível e dizível uma formação errática pelas bordas da cidade.

O retorno à casa, por sua vez, fez-se inevitável. Antes, contudo, o arquiteto resolve visitar sozinho o Quadrado, retornando ao lugar do ritual que deu início às Explorações urbanas. Contempla a água, a vegetação de banhado do outro lado do canal, os barcos deixando a beira da estrutura em direção à correnteza. O céu azul avermelhado indica o pôr-do-sol. Sem relógio, não sabe das horas. Ao longe, avista a ponte que marca o início da experimentação. Já não precisava ir tão longe. Mas, quando fora, retornara trazendo variáveis à sua própria formação.

Toma as últimas notas em seu caderno. Para um segundo. Observa o material produzido. Suas folhas amareladas, sua capa de cartona, a mola metálica branca apresentando sinais do tempo, com uma leve ferrugem na extremidade inferior. Folheia-o. Lê as palavras, demora-se nos desenhos. Rabisca. Os dedos sujos de grafite repetem uma ação que lhe acompanha a muito tempo: desenhar. As linhas costumeiras do desenho que foram sendo penetradas pelas linhas erráticas da escrita. No canto de uma página encontra um trecho copiado de algum livro do filósofo que lhe emprestara seu próprio pensamento:

É isto que me parece interessante nas vidas, os buracos que elas comportam, as lacunas, por vezes dramáticas, mas às vezes nem isso. Catalepsias ou uma espécie de sonambulismo por vários anos, é isto que a maioria das vidas comporta. É talvez nesses buracos que se faz o movimento (DELEUZE, 2013, p. 176).

O sol se pôs. Dos aprendizados que se deram em meio à vida, o arquiteto sabe que poderia dizer mais coisas, juntar mais coisas, fabular mais coisas. Aprendera a escrever e a pesquisar. Descobrira os momentos de intensificação do pensamento que faz vazar uma alegria que vem de dentro, de um lugar que ninguém sabe onde. Reterritorializara-se no papel. Gestos para nada traçaram novas linhas costumeiras. A

cidade fora terreno fértil, junto à arte, educação e filosofia.

Guarda seu caderno no bolso e vai embora.



Referências

ALMEIDA, Ana Catarina. **O Movimento na Obra de Francis Alÿs**. 133 f. Dissertação (Mestrado em Criação Artística Contemporânea). Universidade de Aveiro, Portugal, 2011.

ALÿS, Francis. **Numa dada situação**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ALÿS, Francis; MEDINA, Cuauhtémoc; DISERENS, Corinne. **Diez cuadras alrededor del estudio**. México: Antiguo Colegio de San Ildefonso, 2006.

ALÿS, Francis; FERGUSON, Russel. Russel Ferguson in conversation with Francis Alÿs. In: MEDINA, Cuauhtémoc; FERGUSON, Russel; FISHER, Jean. **Francis Alÿs**. Inglaterra: Phaidon, 2007.

_____. **Francis Alÿs: Politics of rehearsal**. Los Angeles: Hammer museum, 2008.

ARDENNE, Paul. **Un arte contextual**. Creación artística en médio urbano, en situación, de intervención, de participación. Murcia: Flammarion, 2002.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: 90 Graus Editora, 2005.

BÁRCENA, Fernando. **El delirio de las palabras**. Ensayo para uma poética del comienzo. Barcelona: Herder Editorial, 2004.

BARROS, Laura Pozzana; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** (Orgs). Porto Alegre: Sulina, 2015.

BARROS, Letícia Maria Renault de; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. O problema da análise em pesquisa cartográfica. In: Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 25, n. 2, p. 373 – 390, mai/ago 2013.

BECKETT, Samuel. **Textos para nada**. Tradução Eloísa Ribeiro. São Paulo: Cosac

Naify, 2015.

BEDIN, Luciano. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. In: **Revista digital do Laboratório de Artes Visuais**, v. 6, n. 2, p. 66-77, Santa Maria, maio/agosto 2014.

_____. O ritornelo em Deleuze-Guattari e as três éticas possíveis. In: **Anais do II Seminário Nacional de Filosofia e Educação**, Santa Maria, 2006.

BRASIL. **Resolução Nº 2, de 17 de junho de 2010**. Ministério da Educação, Brasília, DF, p. 1-5.

CACCIARI, Massimo. **La ciudad**. Tradución de Moisés Puente. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. Tradução de Frederico Bonaldo. São Paulo: G. Gilli, 2013.

_____. **Caminhar e parar**. Tradução de Aurora Bernardini. São Paulo: G. Gilli, 2017.

CARERI, Francesco; JACQUES, Paola. Entrevista. In: **Revista Redobra**, n. 11, ano 4, 2013.

CORBUSIER, Le. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

_____. **Urbanismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **A Carta de Atenas**. São Paulo: EDUSP, 1993.

_____. **Planejamento urbano**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 2000.

DELEUZE, Gilles. **A dobra**: Leibniz e o barroco. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012a.

_____. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Crítica e clínica.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Diferença e Repetição.** Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Dois regimes de loucos:** textos e entrevistas (1975 – 1995). Tradução Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. **Empirismo e subjetividade:** ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012b.

_____. **Foucault.** Tradução Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Lógica do sentido.** Tradução Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Nietzsche e a filosofia.** Tradução Ruth Joffily Dias e Edmundo Dornandes Dias. Rio de Janeiro: editora Rio, 1976.

_____. **Nietzsche.** Tradução de Isidro Herrera e Alejandro del Río. Madrid: Arena Livros, 2000.

_____. **Proust e os signos.** Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. A gargalhada de Nietzsche. Tradução de Peter Pal Pelbert. In: DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta: e outros textos.** São Paulo: Iluminuras, 2006. P. 167-169.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto; Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995, v.1.

_____. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1995b, v.2.

_____. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra; Ana Lúcia

de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012a. v.3.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012b. v.4.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Peter Pál Pelbert e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012c. v.5.

_____. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

_____. **L' Abécédaire de Gilles Deleuze**. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Tradução de Lara de Malimpensa. São Paulo: n-1 edições, 2015.

D'IORIO, Paolo. **Nietzsche na Itália**: a viagem que mudou os rumos da filosofia. Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

DOSSE, François. **Gilles Deleuze e Félix Guattari**: biografia cruzada. Tradução Maria Carolina dos Santos Rocha. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FAURB / UFPel – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / Universidade Federal de Pelotas. **Programa da disciplina Explor-ações urbanas**: errar no limiar. 2 f. 2016.

FERREIRA, Eleine Freire Bourdette. O ensino da arquitetura e do urbanismo na contemporaneidade. In: **Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981 – 1982). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Ditos e escritos**, volume V. Ética, Sexualidade, Política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **História da sexualidade 2**: O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza de Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIL, José. **Movimento total** — O corpo e a dança. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2001.

GROS, Frédéric. **Caminhar**: uma filosofia. São Paulo: É Realizações, 2010.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 2012.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. Conferência pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Disponível em: <https://bit.ly/2joOuOV>

JACQUES, Paola B. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2014.

_____. **Estética da ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra e Salvador: EdUFBA, 2007.

_____. **Experiência errática**. In: Revista Redobra, n. 9, 2012.

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KATAKURA, Paula. A formação do urbanismo no Mercosul. In: **Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e**

Urbanismo - arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva, São Paulo, p. 1 – 12, 2014. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-NPNT-007-1.pdf>. Acesso: 02/11/2017.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação** [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.

LAURENTIIS, Clara Barzagh de. **Francis Alÿs: Percursos e desvios**. 118 f. Trabalho final de graduação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP), Universidade Federal de São Paulo (USP), São Paulo, 2014.

LEITE, Maria de Jesus de Britto. **Formar não é informar: um percurso sensível na formação do arquiteto**. 267 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2007.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução Maria Cristina Tavares Afonso. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

_____. **Todos os contos**. Organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

_____. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MACHADO, Antonio. **Campos de Castilla**. Espanha: Editorial Literanda, 2012.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. In: **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, n. 8, p. 110 – 117, 2009. 267 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (USP).

MEDINA, Cuauhtémoc; FERGUSON, Russel; FISHER, Jean. **Francis Alÿs**. Inglaterra: Phaidon, 2007.

MEREB, Herberto Peil. **Loteamento Dunas e sua microfísica de poder**. 98 f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

MIGUEL, Marlon. Guerrilha e resistência em Cévenne: A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. In: **Revista trágica**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 57-71, 2015a.

_____. Os dois lados da inquisição: Deligny, ensaios de uma tentativa pedagógica. In: **Revista Ao largo** (online), v.1, n. 1, 2015b.

_____. Por uma teoria das linhas. In: CARVALHO; FORNAZARI; HADDOCK-LOBO (orgs). **Filosofias da diferença**. São Paulo: ANPOF, 2015c, p. 105 – 116.

MIGUEL, Marlon; ROCHA, Mauricio. Fernand Deligny, Spinoza e “o homem-que-nós-somos”. In: BRODSKY, Valentin et al. **Spinoza, decimo segundo coloquio**: Spinoza y los otros. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2017, p. 136-142.

MOREIRA, Adriana Belmonte. Nietzsche e a grande saúde: O uso do diagnóstico tipológico contra a metafísica. In: **Estudos Nietzsche**, Espírito Santo, v. 7, n. 1, p. 31-55, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2014.

_____. **Ecce Homo**: de como a gente se torna o que a gente é. Tradução de Marcelo Backes Porto Alegre: L&PM, 2011.

_____. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução de

Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

_____. **Obras incompletas.** Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999 (Os pensadores).

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PARREIRAS, Fernanda Villefort. **A busca de um enfoque psico-filosófico e Social no ensino de Arquitetura e Urbanismo.** Dissertação. Pós-Graduação em engenharia da produção. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

PEREC, Georges. **O infraordinário.** Madrid: Impedimenta, 2008.

PEREZ, Ana Luisa Dantas Coutinho. **A ética do arquiteto e urbanista: um estudo deontológico.** 2012. 372 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (USP).

PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Álvaro de Campos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

POLLIO, Vitruvius. **Tratado de arquitetura.** Tradução M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RAMIL, Vitor. **Satolep.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RESENDE, Noelle Coelho. **Do Asilo ao Asilo, as existências de Fernand Deligny:** trajetos de esquiva à Instituição, à Lei e ao Sujeito. Tese. PUC/RJ. 392 f. Rio de Janeiro, 2016.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; editora da UFRGS, 2014.

_____. Geopolítica da cafetinagem. In: **Ide** (São Paulo), v. 29, p. 123-129, 2006

_____. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. In: **Cadernos de Subjetividade**. v.1, n.2, p. 241-251. São Paulo: PUC/SP, 1993.

_____. O mal-estar na diferença. In: **Anuário brasileiro de psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

SÁ, Teresa. Lugares e não lugares em Marc Augé. In: **Tempo social**, Revista de sociologia da USP [online]. 2014, vol.26, n.2, pp.209-229.

SEGNINI, Francisco. Urbanistas no Brasil e na França – Estudo comparativo. In: **Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo** - arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva, São Paulo, p. 1 – 12, 2014. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-NPNT-007-1.pdf>. Acesso: 02/11/2017.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Documentários:

Amplios detalles: Tras los pasos de Francis Alÿs. Direção: Julian Devaux, México, 56 min, 2006.

Francis Alÿs. Direção: Guillermo Mendía Mejía, 24 min, 2015.

Anexos

Tabela 01: Alunos e alunas matriculados no seminário Explor-ações Urbanas: Errar no Limiar:

Aluno (a)	Graduação	Pós-Graduação
1. Adriana Pagliani	Arquitetura e Urbanismo	Aluna Especial PROGRAU*
2. Barbara Lito	Arquitetura e Urbanismo	Doutoranda PROPUR**
3. Carolina Clasen	Artes Visuais	Mestranda PROGRAU
4. Celso Dias	Arquitetura e Urbanismo	Aluno Especial PROGRAU
5. Claudia Barros	Arquitetura e Urbanismo	Aluna Especial PROGRAU
6. Eduardo Niemczewski	Engenharia Civil	Aluno Especial PROGRAU
7. Eduardo Mathies	Engenharia Civil	Aluno Especial PROGRAU
8. Fabrício Encarnação	Arquitetura e Urbanismo	Mestrando PROGRAU
9. Felipe Martins	Artes Visuais	Mestrando PPGE***
10. Gustavo Nunes	Arquitetura e Urbanismo	Mestrando PPGE
11. Jessica Hencke	Artes Visuais e Pedagogia	Mestranda PPGAV****
12. Luana Detoni	Arquitetura e Urbanismo	Mestranda PROGRAU
13. Nauita Meireles	Artes Visuais	Mestranda PPGAV
14. Rafaela Barros	Arquitetura e Urbanismo	Mestranda PROGRAU
15. Sabrina Vasconcelos	Arquitetura e Urbanismo	Aluna Especial PROGRAU
16. Taiana Tagliani	Arquitetura e Urbanismo	Mestranda PROGRAU
17. Tatiani Muller	Ciências Sociais e Antropologia	Mestrando PPGE
18. Tulipa Meireles	Filosofia	Doutoranda PPGFIL*****
*PROPAR – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo / UFPel **PROPUR – Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional / UFRGS ***PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação / UFPel ****PPGAV – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais / UFPel *****PPGFIL – Programa de Pós-Graduação em Filosofia / UFPel		

Tabela 02: Dissertações e teses acerca da formação em Arquitetura e Urbanismo encontradas no periódico da Capes.

Palavras-chave da busca: formação arquiteto / formação arquitetura / formação Arquitetura e Urbanismo

Tipo / local / ano	Autor	Título	Síntese
Dissertação UFSC Pós-Graduação em engenharia da produção 2002	PARREIRAS, Fernanda Villefort	A busca de um enfoque psico-filosófico e social no ensino de arquitetura e Urbanismo	Defende uma abordagem psicológica e filosófica do desejo na formação do arquiteto e urbanista, aproximando a formação das ciências humanas.
Dissertação USP Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo 2013	SOUZA, Jacqueline Adriana Diorio de	A Prática Profissional do Arquiteto no Brasil: O debate em revistas especializadas (1962-1996)	Estudo histórico acerca da estruturação da prática profissional à nível internacional e nacional, partindo da idade média aos tempos atuais. Por fim, estuda em revistas nacionais acerca daquilo que dizem da profissão.
Tese Unicamp Pós-Graduação em engenharia civil 2007	MONTEIRO, Ana Maria Reis de Góes	O ensino de Arquitetura e Urbanismo no Brasil: a expansão dos cursos No estado de São Paulo no período de 1995 a 2005	Faz um apanhado histórico do ensino de Arquitetura e Urbanismo no Estado de São Paulo, desde a década de 1920, percorrendo década por década até 2005 concluindo que o ensino está totalmente atrelado aos interesses do mercado.
Tese USP Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo 2006	NARUTO, Minoru	Repensar a formação do arquiteto	O autor se questiona acerca da qualidade de ensino da FAUUSP, mesmo depois de tantas modificações e debates acerca da organização curricular.
Tese USP Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo 2007	LEITE, Maria de Jesus de Britto	Formar não é informar: Um percurso sensível na formação do arquiteto	Estuda a formação sensível do arquiteto através de um viés neurológico. Afirma que formar um arquiteto vai além da dimensão técnica, dotando-o de capacidades para criar e saber ver o mundo, atos que podem ser ensinados na Universidade.

Tabela 03: Artigos acerca da formação em Arquitetura e Urbanismo do produzidos para o III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, 2014. GT ENANPARQ: Formação e exercício profissional no mundo globalizado

Autor	Título	Síntese
KATAKURA, Paula.	A formação do urbanismo no Mercosul	Aborda a questão da formação no nível do Mercosul, comparando a formação brasileira com os demais países do bloco. Diagnostica que a carga horária de urbanismo, em faculdades de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, varia de 3% a 17% da carga horária total dos cursos. Aponta o erro repetitivo de se pensar o urbanismo como uma escala ampliada do lote e do projeto arquitetônico, ignorando questões mais complexas.
SEGNINI, Francisco.	Urbanistas no Brasil e na França: estudo comparativo	A partir da lei nº 12.378 de 31 de dezembro de 2010, que regulamenta o exercício da Arquitetura e Urbanismo, bem como institui o Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, o autor problematiza a disciplina do urbanismo unicamente atrelada à profissão do arquiteto e urbanista. Compara com o estado da profissão na França, onde as questões relativas ao urbano estão ligadas à múltiplas profissões em decorrência do fortalecimento das ciências humanas.
FERREIRA, Elaine Freire Bourdette.	O ensino da arquitetura e do urbanismo na contemporaneidade	A autora problematiza a formação do arquiteto e urbanista num mundo globalizado, em que a internacionalização vem constituindo uma concorrência entre instituições em busca de alunos-clientes. Todavia, aponta a necessidade de se pensar o sistema/corpo social, pois “o ensino se destina à formação integral do indivíduo, e não apenas ao acesso à informação. Por fim, indica que os princípios pedagógicos estão orientados para produzir um sujeito voltado às demandas do mercado.
FARIA, Ana Cristina Reis.	Ensino de Projeto de Arquitetura na UFSJ: tendências e considerações	Trata da reestruturação do Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de São João del Rey, MG. Em oposição às leis de diretrizes e bases, que tem orientado o fazer pedagógico, afirma que diz que novas propostas devem andar junto aos problemas e características do lugar.